

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 75

Ano 2020

A GRANDE ESTÂNCIA DE YAPEYÚ



**Jairo Henrique Rogge, Pedro Ignácio Schmitz,
José Afonso de Vargas, Marcus Vinicius Beber,
Suliano Ferrasso, Dagoberto V. Clos.**

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS - UNISINOS

Av. Unisinos, 950 - Bloco B05 108 - Bairro Cristo Rei
93022-000 - São Leopoldo, RS – Brasil - Caixa Postal 275
www.anchietano.unisinos.br anchietano@unisinos.br

PESQUISAS PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Comissão Editorial

Josafá Carlos de Siqueira, S.J.
Pedro Ignácio Schmitz, S.J.
Carlos Alberto Jahn, S.J.
Maria Salete Marchioretto
Marcus Vinícius Beber

Conselho Editorial

Luis Fernando Medeiros Rodrigues, S.J.
Maria Gabriela Martin Ávila
Ana Luiza Vietti Bitencourt
Aloir Passini
Paulo Günter Windisch

Conselho Científico de Antropologia

Maria Gabriela Martin Ávila (UFPE)
Ana Luiza Vietti Bitencourt (UNIFESP)
Tânia Andrade Lima (Museu Nacional - UFRJ)
Paulo De Blasis (MAE - USP)
André Prous (UFMG)
José L. Peixoto (UFMS)
Jairo H. Rogge (UNISINOS)

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos trabalhos assinados.

A publicação de colaborações espontâneas depende da Comissão Editorial.

Pesquisas aparece em 2 secções independentes: Antropologia e Botânica.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in current western languages.

The autor is response for his (her) undersigned contribution.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into 2 independent series: Anthropology and Botany.

Pesquisas / Instituto Anchietano de Pesquisas. - (2020). São Leopoldo :
Unisinos, 2020

122p. (Antropologia, nº 75)

ISSN: 2594-5645

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Capa: Foto da capa Estrutura central do casco da Estância São Sebastião,
município de Uruguaiana (Acervo Instituto Anchietano de Pesquisas).

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 75

Ano 2020

Sumário

A GRANDE ESTÂNCIA DE YAPEYU.....	7
<i>La gran Estancia de Yapeyu.....</i>	<i>7</i>
<i>The Great Cattle Ranch of Yapeyu.....</i>	<i>7</i>
RESUMO.....	7
<i>Resumen.....</i>	<i>8</i>
<i>Abstract.....</i>	<i>9</i>
INTRODUÇÃO.....	10
<i>Introducción</i>	
1. NO RINCÃO DO IBICUÍ.....	17
<i>En el rincón del Ibicuy</i>	
A ESTÂNCIA SANTIAGO.....	17
<i>La Estancia Santiago</i>	
O PASSO DO AFERIDOR.....	29
<i>El paso del Aferidor</i>	
2. NO RINCÃO DO QUARAI.....	37
<i>En el Rincón del Cuarey</i>	
A ESTÂNCIA SÃO JOSÉ.....	37
<i>La Estancia San José</i>	
A estrutura de manejo do gado.....	40
<i>La estructura de gestión del ganado</i>	
O posto junto ao arroio.....	49
<i>El puesto cerca del arroyo</i>	
A estrutura habitacional.....	51
<i>La estructura habitacional</i>	
3. NO ALTO RIO IBIROCAI.....	63
<i>En el alto rio Ibirocai</i>	
A ESTÂNCIA SÃO SEBASTIÃO.....	63
<i>La estancia San Sebastián</i>	
A ESTÂNCIA LIBERTADORA.....	86
<i>La Estancia Libertadora</i>	

4. NO RINCÃO DO QUEGUAY.....	105
<i>En el rincón del Queguay</i>	
SÃO JOSÉ NOVO.....	105
<i>San Joseph el nuevo</i>	
5. AS PESSOAS NA ESTÂNCIA.....	107
<i>Los sujetos de la estancia</i>	
6. O FINAL DA ESTÂNCIA MISSIONEIRA E O DEPOIS.....	113
<i>El final de la estancia y el despues</i>	
RESUMO E CONCLUSÃO.....	116
<i>Síntesis conclusiva</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119

AGRADECIMENTOS: *Os autores agradecem o apoio da Prefeitura Municipal de Uruguaiana, do sr. Ricardo Duarte e família, da profa. Dra. Ana Lucia Goelzer Meira e de todos os proprietários e funcionários das estâncias visitadas.*

A grande Estância de Yapeyu

La gran Estancia de Yapeyu

The Great Cattle Ranch of Yapeyu

Jairo Henrique Rogge¹
Pedro Ignacio Schmitz²
José Afonso de Vargas³
Marcus Vinicius Beber⁴
Suliano Ferrasso⁵
Dagoberto V. Clos⁶

RESUMO

Este volume de Pesquisas, Antropologia, apresenta trabalho realizado por arqueólogos e pós-graduados da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), sob o patrocínio desta. Utilizando os testemunhos materiais da Grande Estância missioneira de Yapeyú sobreviventes no município de Uruguaiana, RS, Brasil, ele deseja proporcionar uma imagem das estruturas e da ocupação de seus cascos através de levantamento arqueológico de superfície, construído a partir de observação no terreno, de fotografia, de imagens de satélite, de bibliografia e de contato com os moradores. A redução de Yapeyú, criada em 1627 pelo jesuíta Roque González de Santa Cruz, na margem direita do rio Uruguai, tornou-se, através do tempo, a mais populosa das missões da Província Jesuítica do Paraguai e manteve a maior estância de gado, com sedes em ambas as margens do rio, nos atuais estados da República Argentina, da República Oriental do Uruguai e da República Federativa do Brasil: San Rafael, Santiago e o Aferidor a partir de meados do século XVII; São José, San Pedro e Pinhais, a partir do fim do século XVII; São Sebastião, Libertadora e São José Novo, a partir de, aproximadamente, 1730. San Rafael e San Pedro estavam na margem direita, as outras na margem esquerda do rio. Sua principal destinação era abastecer de carne a própria redução, desde o princípio com alguma possibilidade de venda para outras reduções necessitadas. Aos poucos também iniciou a cria de cavalos, bois de serviço, vacas de leite e ovelhas. Do meio até o fim do século XVII ela caçava e reunia gado selvagem nas vacarias do Mar e de Entre Rios; a partir dessa data passou a criar os animais em seus cascos porque nas vacarias havia excessiva competição e insegurança. A mão-de-obra da estância eram índios destacados pela redução, que eram coordenados, nos cascos, por um ou dois religiosos, sob a responsabilidade geral

1 Doutor em História da América Latina pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. rogge@unisin.br.

2 Doutor em História e Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Pedroignacioschmitz59@gmail.com

3 Mestre em História da América Latina pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Afonso_var@hotmail.com

4 Doutor em História da América Latina pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. beber@unisin.br

5 Mestre em Biologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. sferrasso@unisin.br

6 Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. defenderuru@gmail.com

do Cabildo da Redução. Os testemunhos conservados no município de Uruguaiiana são representativos dessas estâncias, havendo capelas, moradias, estruturas de manejo como currais, poteiros, *tajamares* (açudes) e partes do Caminho Real das Missões ainda transitadas. Os testemunhos se mantiveram, porque em área de escasso povoamento, periférica aos grupos beligerantes e se mantiveram habitados ou foram incorporados em novas estruturas por sucessivos proprietários. Depois da retirada dos jesuítas em 1768, a região foi sujeita a sucessivos conflitos: a conquista portuguesa dos Sete Povos (1801), as guerras que acompanharam a independência dos estados platinos (1811-1828), a guerra da Cisplatina (1825-1828), a Revolução Farroupilha (1835-1845), a Revolução Republicana (1893), as revoltas de 1923 e 1930. Os testemunhos se preservaram porque a região mantinha uma economia pecuarista semelhante àquela antiga e, quando esta foi modernizada, começou a valer para as estruturas o culto da tradição, muito forte nesses campos.

Palavras-chave: Yapeyú, estância, casco, capela, moradia, curral, poteiro, *tajamar*, índio missioneiro.

RESUMEN

Este volumen de Pesquisas, Antropología, presenta trabajo realizado por arqueólogos y graduados de UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), bajo su patrocinio. Utilizando testimonios materiales de la Gran Estancia de Yapeyú sobrevivientes en el municipio de Uruguaiiana, RS, Brasil, desea proporcionar una imagen de las estructuras y la ocupación de sus cascos por medio de relevamiento arqueológico de superficie, construido a partir de la observación en el terreno, de fotografía, imágenes satelitales, bibliografía y contacto con residentes. La reducción de Yapeyú, creada en 1627 por el jesuita Roque González de Santa Cruz, en la margen derecha del río Uruguay, se ha convertido, con el tiempo, en la misión más poblada de la provincia jesuita de Paraguay y ha mantenido el mayor rancho ganadero, con sedes en ambas orillas del río, en los estados actuales de la República Argentina, la República Oriental del Uruguay y Brasil: San Rafael y Santiago, a partir de mediados del siglo XVII; San José, San Pedro y Pinhais, a partir de fines del siglo XVII; São Sebastião, Libertadora y San José el Nuevo, a partir de, aproximadamente, 1730. San Rafael y San Pedro estaban en la orilla derecha, los otros en la orilla izquierda del río. Su objetivo principal era suministrar carne a su reducción, desde el principio con alguna posibilidad de venta para otras reducciones necesitadas. Poco a poco también comenzó a criar caballos, bueyes de servicio, vacas lecheras y ovejas. Desde mediados hasta fines del siglo XVII, la estancia cazaba y reunía animales cimarrones en las vaquerías del Mar y de Entre Ríos; a partir de esa fecha, comenzó a criar a los animales en sus cascos porque en las vaquerías había una competencia excesiva inseguridad. El trabajador del rancho eran indios destacados por la reducción, que eran coordinados, en los cascos, por uno o dos religiosos, bajo la responsabilidad general del Cabildo de la Reducción. Los testimonios conservados en el municipio de Uruguaiiana son representativos de estas estancias, con capillas, habitaciones, estructuras de gestión como corrales, potreros, tajamares (presas) y partes del Camino Real de Misiones aún en tránsito. Los testimonios se mantuvieron, porque en un área escasamente poblada, periférica a los grupos beligerantes y permanecieron habitados o incorporados en nuevas estructuras por sucesivos propietarios. Después de la retirada de los jesuitas en 1768, la región estuvo sometida a sucesivos conflictos: la conquista portuguesa de los Siete Pueblos (1801), las guerras que acompañaron la independencia de los estados platinos (1811-1828), la guerra de Cisplatina (1825-1828), la Revolución Farroupilha (1835-1845), la Revolución Republicana (1893), las revoluciones de 1923 y 1930. Los testimonios fueron preservados porque se mantuvo una economía ganadera similar a la anterior y, cuando esta se modernizó, se comenzó a valorar las viejas estructuras como patrimonio cultural regional.

Palabras clave: Yapeyú, estancia, casco, capilla, vivienda, corral, potrero, tajamar, indio misionero.

ABSTRACT

The present volume of Pesquisas, Anthropology, presents a study carried out by UNISINOS' (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) archaeologists and a graduate students, under the sponsorship of the University. Using material testimonies from the surviving *Grand Estancia de Yapeyú* in the municipality of Uruguaiana, RS, Brazil, they wish to provide an image of the structures and occupation of the remains using archaeological surface research, built by observations on the ground, by photography, satellite images, bibliography and contact with the residents. The Yapeyú reduction, created in 1627 by the Jesuit Roque González de Santa Cruz, on the right bank of the Uruguay River, has, over time, become the most populous of the missions in the Jesuit Province of Paraguay and has maintained the largest cattle ranch, with headquarters on both banks of the river, in the current states of the Argentine Republic, the Oriental Republic of Uruguay and the Federal Republic of Brazil: San Rafael, Santiago, and Aferidor from the middle of the 17th century; San José, San Pedro and Pinhais, from the end of the 17th century; São Sebastião, Libertadora and San José Nuevo, from around 1730. San Rafael and San Pedro were on the right bank, the others on the left bank of the river. The main purpose of the ranch was to supply meat for the reduction, with some possibility of sale to other needed reductions. Gradually the ranch also started to breed horses, service oxen, dairy cows and sheep. From the middle to the end of the seventeenth century, the ranch hunted and gathered wild animals in the Vaquerias of Mar and Entre Rios; from that date on, it started to raise the animals in the ranch, because in the *vaquerias* there was excessive competition and insecurity. The laborers of the ranch were Indians from the reduction, who were coordinated, in the cascos, by one or two Jesuits, under the general responsibility of the Reduction Cabildo. The testimonies preserved in the municipality of Uruguaiana are representative of these ranches, with chapels, houses, management structures such as corrals, *potreros*, *tajamares* (weirs) and parts of the *Camino Real de Misiones*, still in transit. The testimonies were preserved, because in a sparsely populated area, peripheral to the belligerent groups. They remained inhabited or were incorporated into new structures by successive owners. After the withdrawal of the Jesuits in 1768, the region was affected by successive conflicts: the Portuguese conquest of the Seven Peoples (1801), the war that accompanied the independence of the platinum states (1811-1828), the Cisplatina war (1825-1828), the Farroupilha Revolution (1835-1845), the Republican Revolution (1893), the conflicts of 1923 and 1930. The testimonies resisted because a livestock economy similar to the old one was maintained and, when the ranches were modernized, entered a cult of their history.

Keywords: Yapeyú, cattle ranch, *casco*, chapel, housing, corral, *potrero*, *tajamar*, missionary Indian.

INTRODUÇÃO

Introducción

O volume reúne os resultados do projeto que estuda a grande estância da redução de Yapeyú, a missão que os jesuítas fundaram em 1627, na margem direita do rio Uruguai, com populações indígenas agricultoras de etnia Guaraní, em território em que permaneciam populações tradicionais seminômades, conhecidas como Charruas/Iaros e Minuanos/Guenoas. (Levinton, 2005).

Janela 1: Índios Minuano e Charrua

Ventana 1: Indios Minuanes y Charruas

En los campos que se dilatan a la Banda Oriental del Uruguay, desde el río Negro hasta el Ibicuy, habitan las dos naciones de charrúas y minuanes: la primera hacia el lado del río Negro, y la otra hacia el Ibicuy y estancias que por allí tienen los Pueblos. Estas dos naciones son semejantes en su genio, costumbre y modo de vivir y así, lo que difiere de los minuanes, que son los más inmediatos a estos Pueblos, conviene a los charrúas.

Los indios minuanes viven en tolderías, compuestas de parcialidades o cacicazgos, aunque regularmente conocen superioridad en alguno de los caciques de aquellos territorios, ya por tener mayor número de indios a su devoción, o por más valeroso y hábil: ahora el que domina es el cacique Miguel Caray. Estos indios son bastante tratables, guardan fe en sus contratos, castigan a los delincuentes, sin permitir se haga daño a nadie, si no han recibido antes algún agravio, y así viven en buena armonía con todos los de los Pueblos, menos con los de Yapeyú, que, porque éstos les han hecho algunos daños, siempre que pueden se vengan de ellos. (Doblas, 1836, p. 96s).

A localização da redução era importante por oferecer comunicação mais fácil e caminho mais curto das missões para Buenos Aires, seja pelas águas do rio Uruguai, seja pelo Caminho Real terrestre, que corria paralelo ao rio, em ambas as margens de seu curso. A posição favorável ajudou a torna-la a mais populosa das missões, alcançando cerca de 8.000 indivíduos. Yapeyú era importante, ainda, por desenvolver e conservar a maior estância de gado, que abastecia o povoado e fornecia animais para outros povoados missioneiros em necessidade.

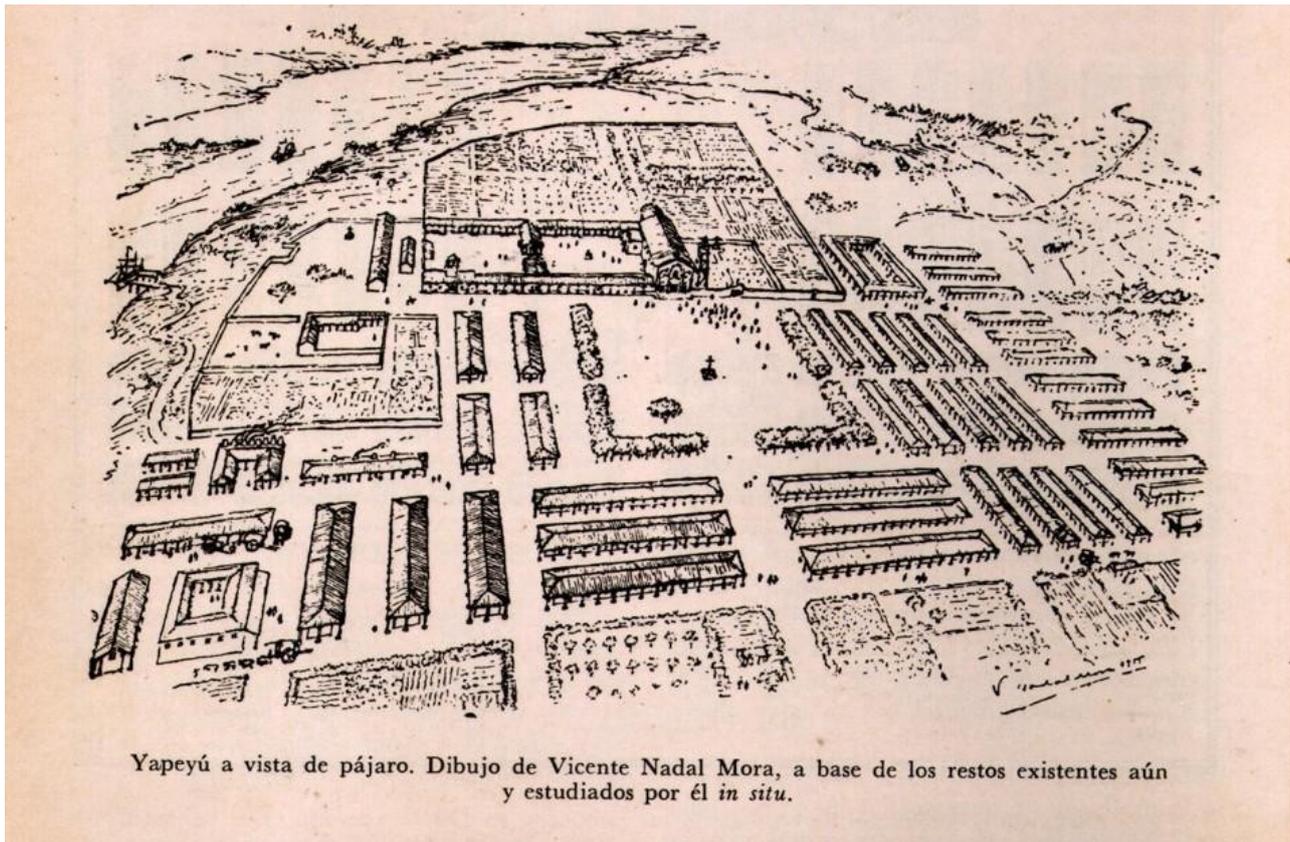


Figura 1. A redução de Yapeyú.
La reducción de Yapeyú.

As criações tentadas na margem direita do rio foram menos efetivas que as da margem esquerda, que é o tema desta pesquisa. A estância criada nas margens do rio era a mais extensa do conjunto missioneiro. Tinha como limites os rios Ibicuí (Norte), Miriñay (Oeste), Queguay (Sul), Ibirapuitã (Leste). A administração, aos cuidados de populações predominantemente Guarani da missão, estava sujeita, em todo o tempo de sua duração, a interferências, pacíficas ou belicosas, dos grupos seminômades remanescentes e, como se encontrava na fronteira ativa entre a colônia espanhola e a portuguesa, também aos avanços e recuos de seu limite político-administrativo

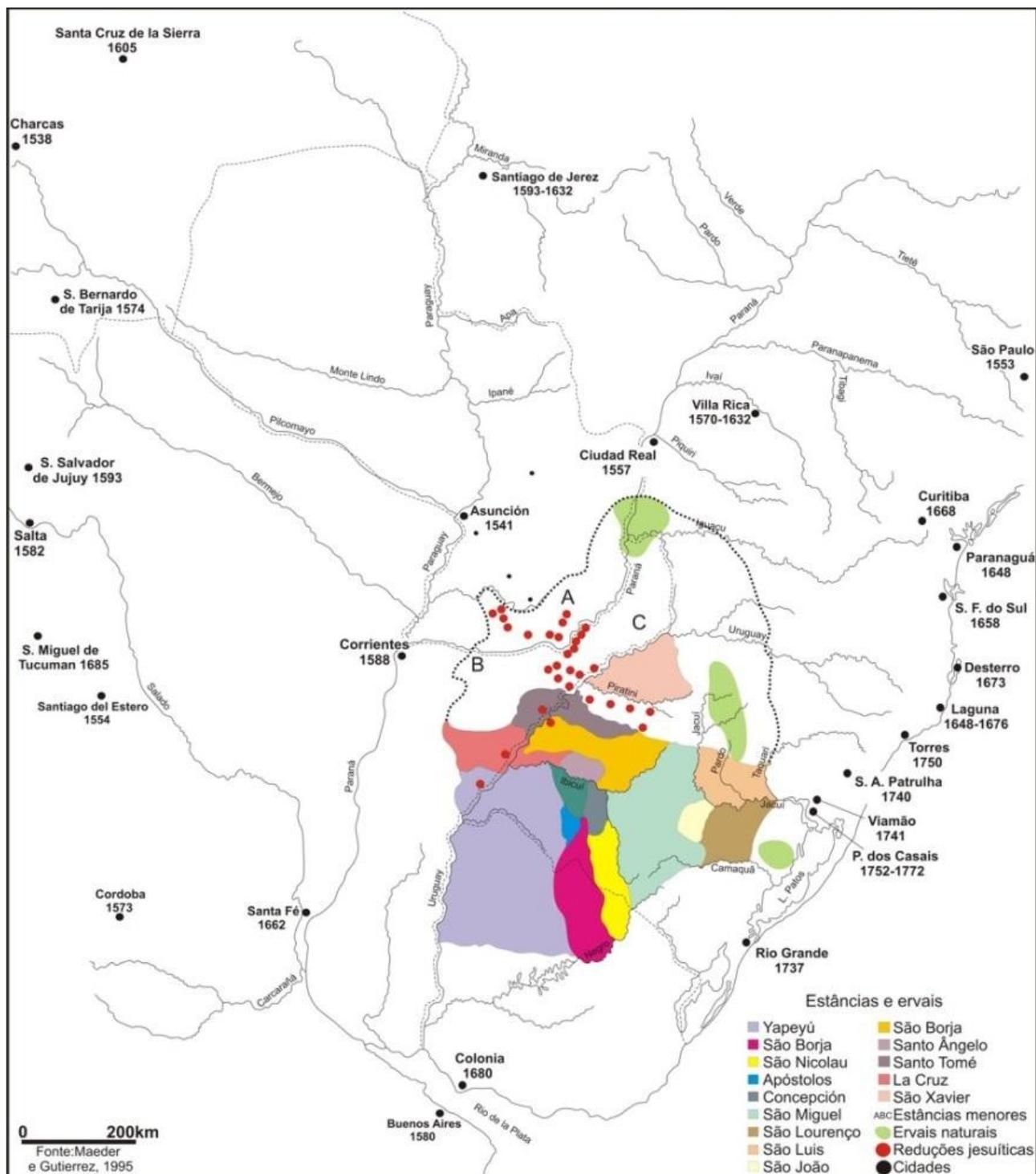


Figura 2. As estâncias das reduções das margens do rio Uruguai no século XVIII, segundo Maeder; Gutierrez, 1995.

Las estancias de las reducciones a las orillas del río Uruguay en el siglo XVIII, según Maeder; Gutiérrez, 1995.

A bibliografia permite separar a história da Estância em três períodos, que correspondem à localização de seus cascos ou estruturas administrativas locais. Na margem esquerda, a partir de 1657, com a denominação de Estância Santiago, no rincão do Ibicuí; a partir de 1694, como

Estância São José, no rincão do Quaraí, incluindo a Santiago; a partir de 1731 foi separado dentro desta estância um espaço destinado a ser reserva de gado de corte para socorrer qualquer redução necessitada; seu casco estava junto ao rio Queguay e se denominava São José Novo.

Na margem direita do rio, depois da efêmera estância de San Andrés, e da pouco citada San Pedro, em 1740 a redução instalou postos de criação, para complementar a produção de carne como alimento, fornecendo uns, bois de tração, outros, vacas de leite, outros ainda cavalos, ou mulas, ou ovelhas. Era isto que se denominava a grande Estância de Yapeyú da redução jesuítica-guarani de Yapeyú.

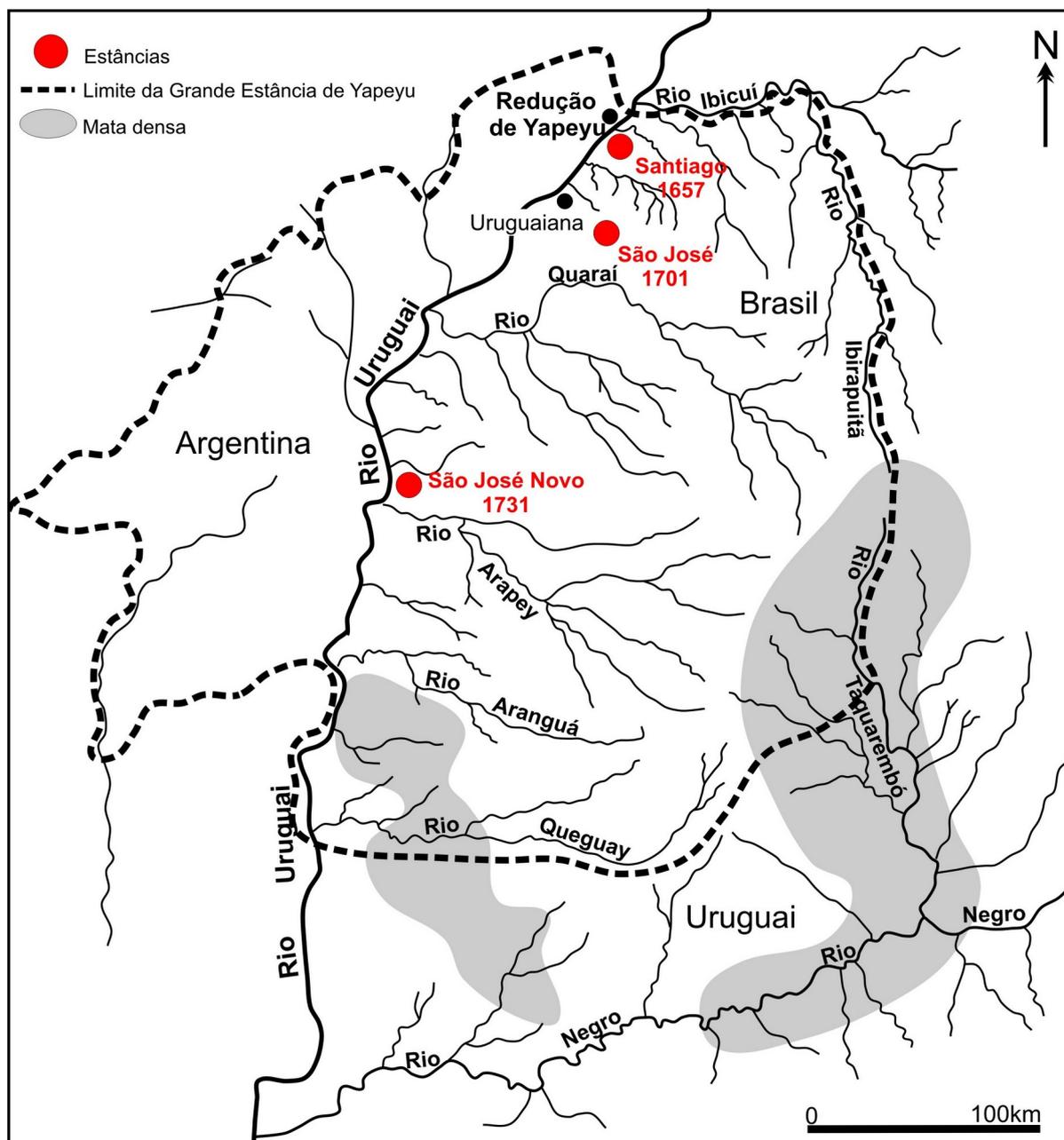


Figura 3. Superfície e períodos principais da estância Yapeyú, sobre imagem de satélite GoogleEarth.
 Área y periodos principales de la estancia de Yapeyú, sobre imagen satelital GoogleEarth.

A estância produziu estruturas ligadas à criação e manejo de gado, como currais e poteiros; à moradia de seus administradores, como casas e capelas; à movimentação de pessoas, animais e mercadorias, como caminhos com facilidades de hospedagem e abastecimento, além de suporte nos passos dos rios e nos portos do rio Uruguai.

Algumas estruturas mantêm boa conservação porque continuaram habitadas através do tempo, ou porque foram incorporadas funcionalmente em novas instalações agropastoris; outras se arruinaram porque sem uso e, segundo voz popular, as pedras teriam sido usadas em barragens para represar arroios.

O objetivo do trabalho é produzir uma narrativa mais próxima daquilo que teria sido a estância e a vida que nela pulsava.

A abordagem no campo é de superfície, sem intervenções nas estruturas e no solo, mas baseada na observação, na fotografia, nas imagens de satélite, na comunicação presencial com os moradores. Ela é também bibliográfica e, quando possível, documental.

O projeto começou em 2006 com o estudo da Estância Santiago e do Posto do Aferidor para a dissertação de mestrado, na Unisinos, de José Afonso de Vargas (2014), que resultou em publicações (de Vargas; Schmitz, 2015, 2016; Schmitz; de Vargas; Rogge, 2017).

O seguinte estudo foi a Estância da Queimada, provavelmente o primeiro casco da Estância São José, mais o passo e porto de Sant'Ana Velha no rio Uruguai (Schmitz; Rogge; Beber; Ferrasso; de Vargas, 2018).

O terceiro estudo foram a Estância São Sebastião e a Estância Libertadora, junto ao Passo dos Moura no rio Ibirocaí e próximo a um entroncamento do Caminho Real das Missões. Com elas também se prestou atenção aos antigos caminhos e passos, e sua relação com as estruturas construídas (Rogge; Schmitz, Clos, no prelo).

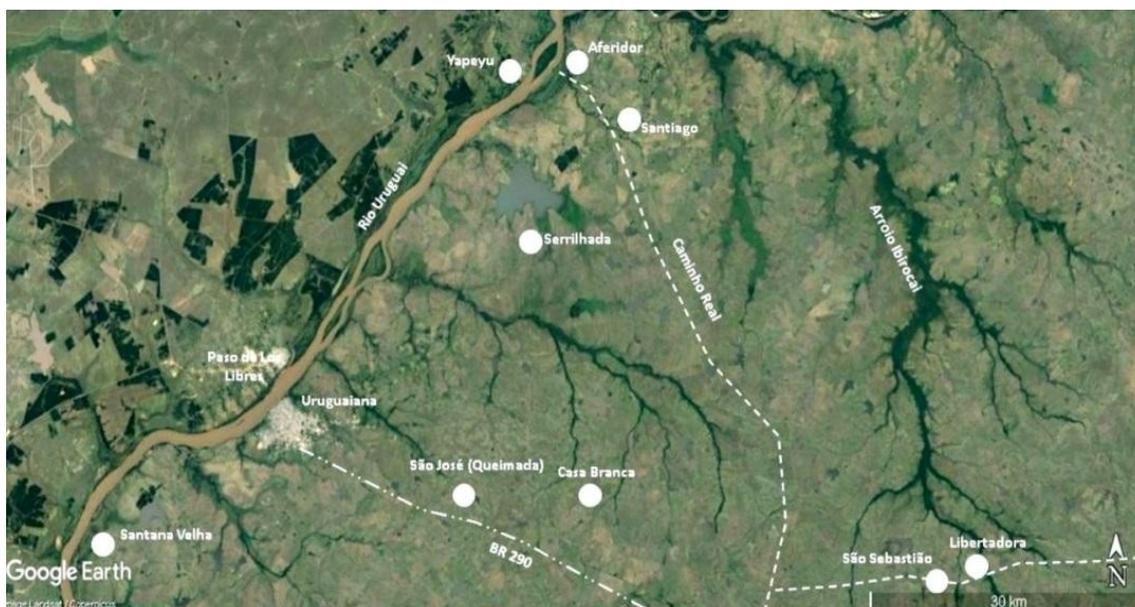


Figura 4. Área da pesquisa, com os principais sítios, sobre imagem de satélite GoogleEarth.
Área de la investigación, con los principales sitios, sobre imagen satelital GoogleEarth.

O projeto se ocupa das estruturas existentes no município de Uruguaiana, no Sudoeste do Rio Grande do Sul, Brasil. Ainda está sem acesso às estruturas da estância que se encontram no Uruguai e na Argentina.

Neste volume, além de novas pesquisas e da incorporação do estudo do pesquisador local Dagoberto A. Clos, retomamos publicações anteriores, parcial ou integralmente, modificando-as com novos dados e compreensões, pensando oferecer uma visão mais abrangente das estruturas e da vida que nelas se levava. Para as estruturas se tornarem visuais abundamos em fotografias e para sua compreensão se realizaram croquis. As janelas brindam informações adicionais consideradas importantes para o contexto.

As missões dos jesuítas entre os indígenas Guarani, conhecidas como reduções, começaram na Bacia do Rio da Prata em 1609. Cada uma reunia algumas dezenas de caciques com sua gente, para formar um núcleo populacional que ultrapassasse mil indivíduos. Cada cacique tinha liderado, até esse momento, as famílias de uma pequena aldeia, de casas construídas com troncos e palha, numa área de mato, em que cultivava plantas tropicais, caçava e pescava para sua manutenção. O domínio que ele tinha originalmente sobre este espaço era importante para sua sobrevivência mesmo depois de incorporado à redução com sua gente e seu espaço. (Levinton, 2005, p. 39).

Durante as primeiras décadas, a redução se apoiava nesta forma de organização econômica e social. Ela se foi mostrando cada vez mais insuficiente, resultando em grandes fomes. Para complementar os cultivos tradicionais, as missões introduziram novas plantas e formas intensivas de cultivo. Para substituir a caça e a pesca, de rendimento proteico sempre aleatório, foi trazido para junto dos novos povoados algum gado *vacum*, negociado nas vacarias e estâncias espanholas da região de Corrientes, Santa Fé e Entre Rios. Com isto, algumas reduções, tanto das margens do rio Paraguai e do Paraná, como do rio Uruguai, que contavam com terrenos aptos para sua manutenção, alcançaram algum alívio alimentar e alguma esperança para o futuro. (Furlong-Cardiff, 1962).

Na década de 1630 e 1640 sucessivas bandeiras paulistas interromperam este processo e provocaram períodos de fome, de instabilidade e de movimentação dos incipientes povoados missioneiros do alto Uruguai, do alto Paraná e do alto Paraguai. Só na segunda metade do século esses povoados reencontraram algum equilíbrio e estabilidade com nova fonte de abastecimento de carne, que foram as grandes vacarias.

Para as reduções de ambas as margens do rio Uruguai foi essencial a Vacaria do Mar, na costa do Atlântico e sua extensão para o rio Negro.

Os rebanhos dessa vacaria se tinham originado dos incipientes plantéis das reduções do Tape, que foram abandonados quando seus moradores, fugindo dos bandeirantes, se refugiaram no lado argentino do rio Uruguai. Este gado se foi multiplicando livremente em espaço despovoado de terras realengas do Vice-Reinado do Prata e recebeu, ainda, reforços pelas missões retirantes, transformando-se em centenas de milhares de animais selvagens. (Carbonell de Masy, 1989, 1992; Bruxel, 1960, 1961; Barrios-Pintos, 2011).

Ao redor de 1670 estes rebanhos foram descobertos e o Governador de Buenos Aires, reconhecendo sua origem missioneira, determinou que eles fossem reservados para alimentação dos índios das reduções. Desde então, anualmente, ou de dois em dois anos, cada uma das missões da bacia do Uruguai recolhia, em currais junto à missão, os animais necessários para alimentar seus moradores durante o ano. Algumas reduções também tinham direito de recolher animais em

vacarias existentes entre os rios Uruguai e Paraná. Ainda não existiam as estâncias externas em que o gado era mantido e controlado para fornecimento mais regular aos povoados.

A reunião do gado nas vacarias e seu transporte para as reduções, atravessando rios e banhados, debaixo de grandes chuvas ou prolongadas secas não era trabalho fácil, nem rendoso, mas constituía um alívio para a fome dos índios reduzidos. Costumava ser feito nos meses quentes do ano.

Segundo J. Cardiel (1918), os índios das reduções traziam, anualmente, umas cem mil vacas. Esta forma de abastecimento durou algumas décadas sem inviabilizar a reprodução dos animais. O processo tornou-se perigoso e levou ao abandono das Vacarias quando os animais deixaram de ser usados como alimento e passaram a ser abatidos para o exclusivo aproveitamento da pele (couro), da graxa e do sebo, num intenso comércio internacional promovido por ingleses, franceses e holandeses, com a colaboração de índios seminômades, que permaneciam no espaço. (Araujo, 1990; Barrios-Pintos, 2011).

Foi então que surgiram as estâncias externas, que, inicialmente, não passavam de pequenas vacarias limitadas da redução e controlado por ela. (Carbonell de Masy, 1989, p. 44, nota 92; Levinton, 2005).

1. NO RINCÃO DO IBICUÍ

En el rincón del Ibicuy

A ESTÂNCIA SANTIAGO

La Estancia Santiago

Segundo N. Levinton (2005, p. 37), a origem da exploração pecuária da redução de Yapeyú foi uma vacaria formada, em 1634, com gado chimarrão capturado entre os rios Paraná e Uruguai, complementada com reses adquiridas de estancieiros de Corrientes, com os quais se criou uma vacaria entre o Arroio Guabiravi e o rio Miriñay, na margem direita do rio Uruguai.

Em 1657 fundou-se ali a estância-redução de San Andrés, com índios Yaro (Charrua), responsabilizando-os por um rebanho de umas 500 cabeças de gado. Um ano depois o estabelecimento foi dissolvido por causa do desinteresse dos índios, e o espaço foi mantido como uma vacaria, chamada de Yapeyú.

Ao se fundar a Redução de Yapeyú não se tinham reunido somente caciques guaranis da margem direita do rio, onde se construiu o povoado, mas também das ilhas e da margem esquerda, os quais continuaram a ter aí seus espaços tradicionais em meio a populações seminômades, com as quais, ao menos alguns, estavam aparentados. (Levinton, 2005).

De la Banda Oriental eran los cacigazgos de Aberá, Arujá, Anduruje, Tararaa, Yaciberá, Tañuira, Mbaeré, Tabaca, Tamandé, Mbaracajá, Guayacú, Guirabó, Arazayé, Azuyaré y Apitá. Los correspondientes a la Banda Occidental fueron Saygua, Zaycoa, Zodanua, Nandu, Tyacara, Gepureyro, Mendan, Piribera, Tayao, Cuyapiyu, Mandaré, Saypu, Yarapi, Nepoirá, Mbaracayucoa, Mbotá, Boyá, Caaendi, Maranyaco, Tabiurá, Parapi, Ocaragua, Gyebo, Yboti, Guaybingua, Guaraye, Aracuyu, Andi, Azurica, Catiaro, Cyapei, Pirapiy. (Aguirre, 1950, p. 349 apud Levinton, 2005, p. 40s).

Com base neste fundamento, no mesmo ano de 1657, com reses tiradas da mencionada vacaria de Yapeyú, se criou um posto de gado, no Rincão formado pelo Ibicuí e o Uruguai, em frente à redução (Hernández, 1913, p. 546-549), o qual cresceu reunindo gado chimarrão para o abastecimento do povoado. Seu abastecimento esteve diretamente ligado à Vacaria do Mar, como mostram os exemplos a seguir.

Em 1679, o padre Jacinto Marques, vice-cura de Japeju, acompanhado de 62 peões Guarani foi vaquear na Vacaria do Mar. Foi até as cabeceiras do rio Santa Luzia (R.O.U.), donde levou de 8 a 9.000 cabeças de gado para a Estância Santiago (Clos, 2012, p. 39).

Também o padre Antônio Sepp, que foi cura-auxiliar de Yapeyú de 1691 a 1697, fez semelhante excursão, recolhendo muitos milhares de cabeças de gado. (Sepp, 1971). (Ver janela 3).

Janela 2: As vacarias Ventana 2: Las vaquerías

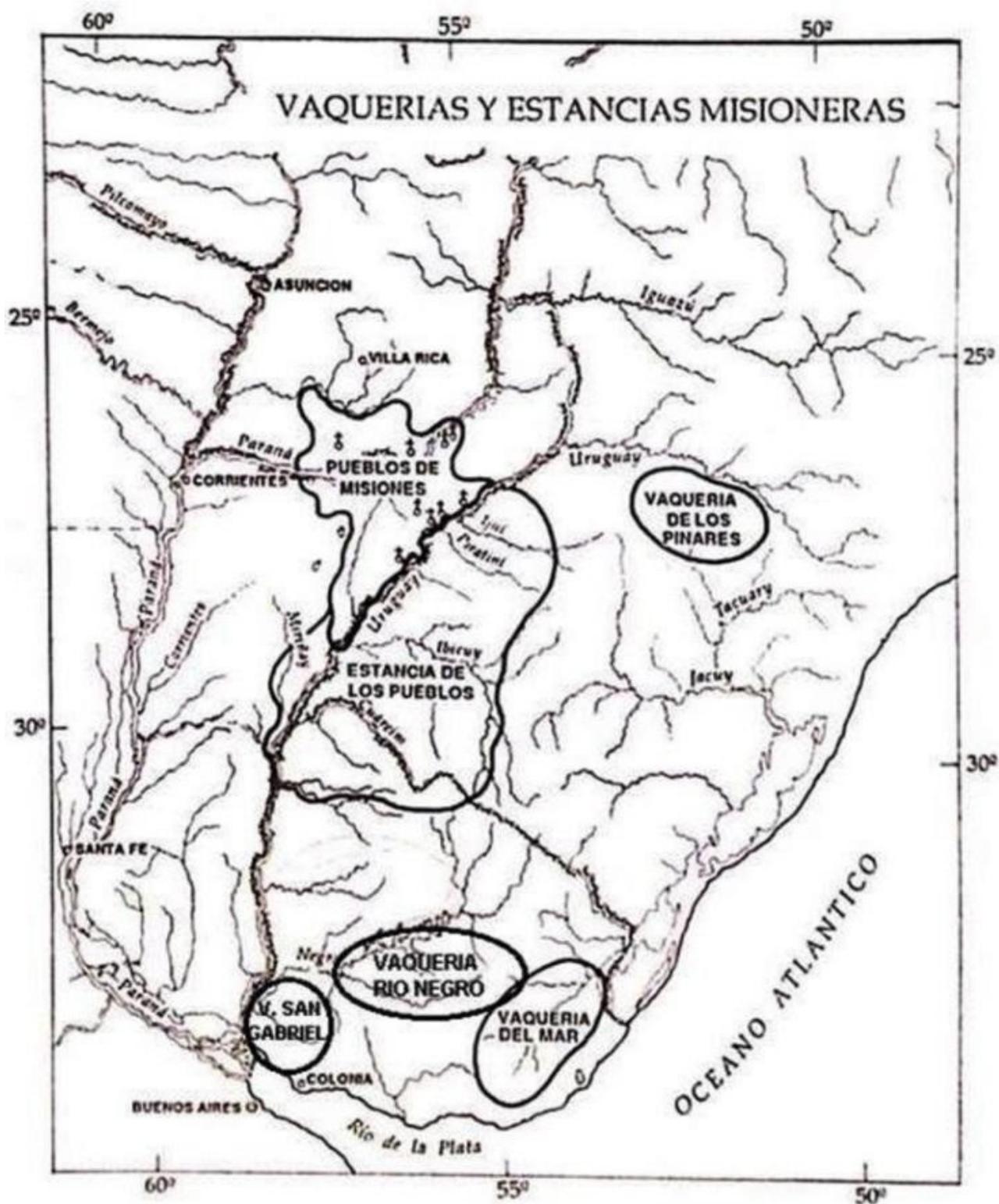
A Vacaria do Mar se formou com as reses abandonadas pelas reduções do Tape quando estas, na década de 1630, se refugiaram na margem ocidental do rio Uruguai. As reses se multiplicaram livremente em terras desabitadas da Província de Buenos Aires, às margens da Lagoa Mirim e, quando descobertas, em 1670, foram reservadas pelo governo colonial para alimento dos índios missioneiros. As reduções existentes em ambas as margens do alto Uruguai podiam recolher ali anualmente, ou de dois em dois anos, os animais que precisavam.

Quando esta vacaria passou a ser explorada também pelas populações portuguesas da Colônia do Sacramento e do Forte de Jesus, Maria e José de Rio Grande, muitas vezes com intermediação dos índios Charrua e Minuano, a utilização se tornou muito perigosa para os índios missioneiros. Primeiro se fez um esforço para trazer o gado chimarrão para mais perto, com a fundação da Vacaria do Rio Negro (1702) e, depois, estas vacarias foram encerradas e substituídas por estâncias mais perto dos povoados.

A Vacaria de São Gabriel tinha só 30.000 animais e estava diretamente ligada ao abastecimento das tropas missioneiras e espanholas que cercavam a Colônia do Sacramento no começo do século XVIII. (Carbonell de Masy, 1989).

A partir de 1702 houve a criação, no planalto do Rio Grande do Sul, de uma última vacaria, cooperativa, das reduções que, em 1728, foi descoberta pelas populações lusas do litoral e seus animais desviados sistematicamente para abastecer as populações da Capitania de São Paulo. (Borges; Borges, 2016).

Anibal Barrios-Pintos, em sua *Historia de la Ganadería en Uruguay* (2011), estuda cuidadosamente estas e outras vacarias que existiam na Bacia do Rio da Prata e mostra sua exploração.



Fonte: MAEDER; GUTIERREZ, 2009, p 24.

Figura 5. As vacarias mencionadas no texto. Modificado de Maeder; Gutierrez, 1995.
Las vaquerías referidas en el texto. Modificado de Maeder; Gutierrez, 1995.

O posto de reunião de gado da vacaria transformou-se na Estância Santiago, que manteve a coordenação da atividade pastoril na margem esquerda do rio até o surgimento da Estância São José, criada em 1694, com o casco na bacia do rio Quarai.

As ruínas da estância Santiago se localizam a 29°31'06.14"S – 56°42'30.59"W, na atual Fazenda Santa Rita, de propriedade de Jorge Omar Borges Ferreira, no distrito de João Arregui, município de Uruguaiana, RS. Ao tempo da pesquisa a família desenvolvia atividades agropastoris.

Sobre uma colina, com boa visibilidade dos arredores, na margem direita do arroio Puitã, afluente do rio Uruguai, podem ser encontrados os restos de uma casa, de três currais e de três poteiros, numa paisagem geral de campos de gramíneas com matinha ribeirinha e pequenos capões de mato, um deles cobrindo as estruturas.

A estância, a 12 km da redução, era sua primeira posição avançada no campo. Em 1671, o padre Jerônimo Delfin, pároco de Yapeyú e seu auxiliar Domingo de Rodiles ligaram a redução à estância. Foi o começo de importante caminho, depois chamado Caminho Real, que, saindo do povoado missionário, passava pela estância e se prolongava até Paisandu, no Uruguai. Este caminho seguia pelos campos ondulados do interflúvio entre vários afluentes do Uruguai pelos quais também tinham sido, e continuavam sendo, conduzidas as tropas de gado recolhidas na Vacaria do Mar e do Rio Negro para abastecer de carne algumas das reduções do alto Uruguai. Para chegar a seu destino, as tropas cruzariam o rio no Passo do Aferidor.



Figura 6. O casco da Estância Santiago, sobre imagem de satélite GoogleEarth.
El casco de la Estancia Santiago, en imagen satelital GoogleEarth.

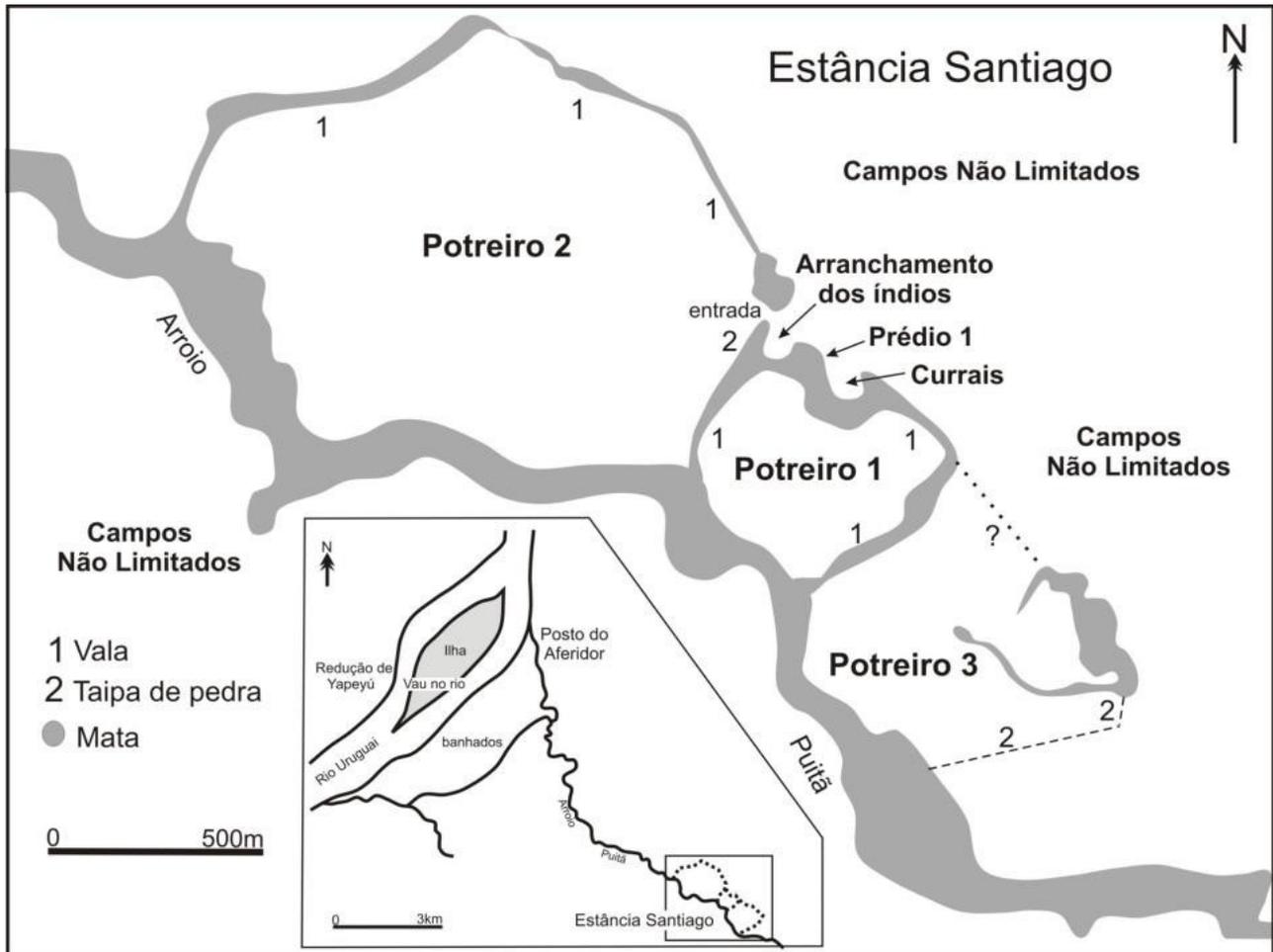


Figura 7. A mesma imagem interpretada para este trabalho.
La imagen interpretada.

As ruínas formam, hoje, um conjunto de estruturas de pedra de aproximadamente um metro de altura, em matinha aberta, com restos de uma habitação, de 150 m² de superfície, em dois compartimentos. As paredes são de lajes ou blocos irregulares, sobrepostas a prumo, sem argamassa, as aberturas e esquinas são de blocos maiores e mais regulares, as esquinas assentadas sobre um bloco enterrado que lhes garantia estabilidade. A fileira superior de pedras das estruturas existentes é de lajes maiores, que sustentariam paredes de adobe ou de barro.

Segundo G. Furlong-Cardiff (1962), era assim que se construíam as casas e igrejas das missões até o século XVIII, quando elas foram reconstruídas em pedra e cobertas por telhas-canoa. Esta mudança é atestada pelo Memorial que o Padre Vice Provincial Luiz de la Roca deixou para a doutrina de Yapeyú, no dia 4/4/1714, quando ordena: *Hágase hormas y tendal para que se pueda hacer teja y así retejar las casas de índios que lo necesitan*. No Memorial do mesmo ano para as reduções de La Cruz e San Francisco de Borja, ele ordena a mesma coisa. (Piana; Cansanello, 2015). Segundo Luiz A.B. Custódio (2015), esta é a segunda etapa construtiva nas reduções, depois de uma primeira na qual os materiais teriam sido de troncos e palha.

Também segundo H. Bollini (2009) seria a segunda etapa, que começaria em 1641, com a derrota dos paulistas em Mbororé e iria até 1692, quando chega o arquiteto irmão José Brasanelli, que reconstruiu as igrejas de várias reduções em estilo barroco. (Ver janela 4).

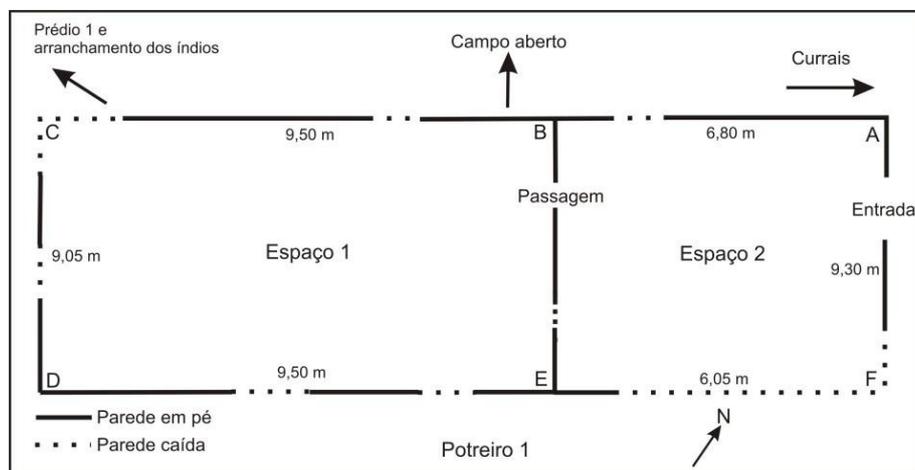


Figura 8. Croqui do setor habitacional.
Croqui del sector habitacional.



Figura 9. Fundações do setor habitacional.
Fundaciones del sector habitacional.



Figura 10. Outra vista das fundações do setor habitacional.
Otra vista de las fundaciones del sector habitacional.



Figura 11. A junção de paredes.
La unión de paredes.

Dos compartimentos da casa, o menor tinha 64 m² de superfície e abria em larga porta em direção aos currais. Seria o lugar da carreta, dos arreios, das ferramentas, dos couros e também dos mantimentos dos moradores e serviria de eventual pousada para viajantes do caminho. Através de uma abertura estreita ligava com o espaço maior, de 86 m², que seria a habitação dos administradores com suas famílias e também poderia servir para ocasional atendimento religioso, especialmente antes da implementação da capela do Passo do Aferidor para atender os indígenas da margem esquerda do rio. Estes espaços são maiores que o tradicional das famílias na redução e nas estâncias, que é de 25 a 30 m², como veremos na Estância da Queimada.

A 61 metros da casa estavam justapostos três currais: um retangular, com 2.180 m², com duas pequenas aberturas, uma para o campo, a outra para o vizinho curral circular. Este tinha 34 m de diâmetro e só uma pequena abertura voltada para o anterior. O terceiro curral, circular, de 65 m de diâmetro, tinha uma grande abertura para o campo aberto e outra igual para o potreiro 1, de aproximadamente dois hectares de superfície, cuja entrada controlaria. O potreiro 3, com pouco mais de 500 m de diâmetro também abria para o campo. Seriam as estruturas mais diretamente ligadas ao manejo do gado.

O potreiro 2, com aproximadamente 8 hectares de superfície, tinha só uma abertura para o campo aberto no qual passava o Caminho Real. Seria mais adequado para reunir o gado em rodeio, para conta-lo, separar os animais que precisavam tratamento e para selecionar as reses para o consumo no povoado ou seu fornecimento para outra redução.

Todos os três potreiros eram bem fechados; tinham num de seus lados o arroio Puitã com densa mata ciliar, água abundante e permanente. Os outros lados dos três potreiros estavam fechados por afluentes deste arroio, complementados por profundos valos cavados por mão humana, ou por taipas de pedra.

Das paredes, que fechavam os currais, sobram bases de pedra, às vezes blocos gigantes, alinhadas em parede dupla, as esquinas e aberturas também reforçadas por blocos maiores, trabalhados. R.D. Issler Duarte (2015), encontrou currais construídos com blocos ciclópicos semelhantes em estâncias jesuíticas no antigo caminho de Los Tres Cerros, de La Cruz aos *esteros* de Iberá.

Na versão popular, a falta das pedras nas paredes de habitação e nas taipas dos currais seria consequência da venda das mesmas para construção de diques para represar a água. Relativizando esta versão, trabalhamos com a hipótese de que os alinhamentos de pedras dos currais representem, de fato, os reforços laterais, ou mesmo estruturais, de estacadas de troncos. Segundo J. Cardiel (1918), todos os currais das missões teriam sido fechados não por taipas de pedra, mas por paliçadas de troncos. Esta afirmação é exagerada, podendo ser contestada pelos currais de pedra das estâncias que examinamos mais adiante.

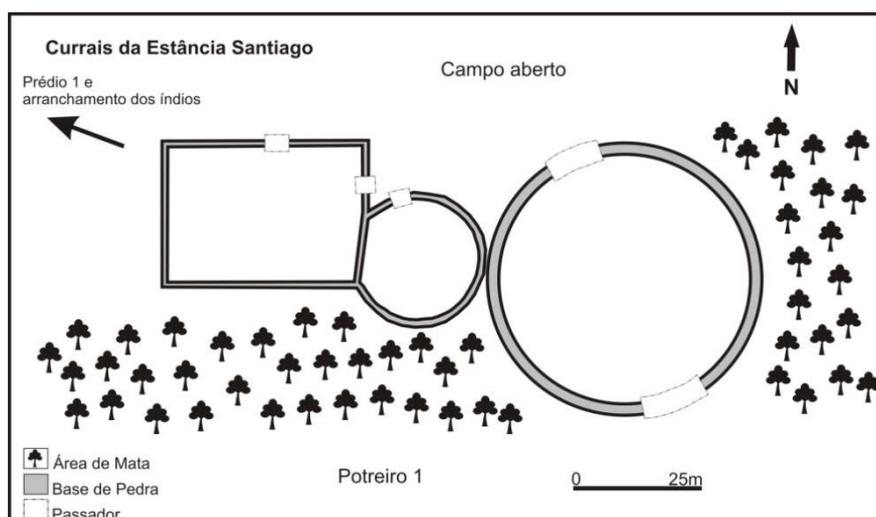


Figura 12. Croqui dos currais.
Croqui de los corrales.



Figura 13. Taipa simples do curral circular.
Tapia simple del corral circular.



Figura14. Pared dupla no curral grande.
Pared doble del corral grande.



Figura 15. Grandes blocos como reforço de taipas do curral grande.
Grandes bloques en el corral grande.

A Estância Santiago, como indicam os documentos, certamente é antiga, a primeira do lado esquerdo do rio. As estruturas existentes são missioneiras, mas certamente não as primeiras, das quais nada se conhece. Elas são de momentos diferentes, como indicam as (dis)junções entre as paredes da casa e as de acréscimos posteriores (ver Figura 11). Como estão junto ao Caminho Real podem ter recebido acréscimos e remodelações durante todo o tempo que este caminho durou. Nas ruínas não encontramos telhas, ladrilhos, vidros e artefatos que ajudariam a estabelecer uma linha cronológica, mas as construções indicam, seguramente, o segundo momento construtivo das missões. (Janela 4).

A Estância Santiago se destinava, desde o começo, a reunir e manter gado de corte das vacarias até seu uso ou comercialização. As estruturas seriam as necessárias para abrigar os animais trazidos, mantê-los controlados dentro de um espaço limitado, juntá-los em rodeios periódicos, contar as crias, marcar os novilhos, separar os animais que precisavam de tratamento, ou destinados ao consumo do povoado, ou à venda. Também defender os rebanhos e seus vaqueiros de grupos indígenas seminômades, que continuavam na área.

Eram principalmente atividades de homens, mas que tinham sua família, com mulher e filhos. Esta e estes teriam suas ocupações próprias e manteriam na estância o ar de família da missão, apenas deslocada espacialmente.

Sabendo que a estância se encontrava junto ao Caminho Real, certamente ela se teria transformado também num lugar de pousada na longa travessia das tropas de gado buscadas na Vacaria pelas reduções do Alto Uruguai e, depois, de toda a movimentação que se foi estabelecendo através do tempo. O potreiro 2, com oito hectares de superfície, abundante água no arroio Puitã, os lados bem fechados por arroios, valos cavados ou taipas de pedra, seria um lugar

adequado para o descanso de milhares de animais, tanto das tropas vindas das vacarias, como das estâncias que se estabeleceram mais ao sul, como a da Queimada, de São Sebastião, da Libertadora e as do oriente, onde se encontravam outras estâncias de reduções do Alto Uruguai.

Só uma entrada, com átrio fechado por uma paliçada, facilitaria a contagem e controle dos animais ao entrar e sair. Os tropeiros também poderiam descansar e trocar as montarias antes de chegar ao Passo do Aferidor, onde a tropa seria contabilizada e preparada para a travessia do rio.

As facilidades de pousada poderiam ser usufruídas por todos os viajantes do Caminho Real.

Ao longo do Caminho Real da margem direita do rio, segundo R.D. Issler Duprat (2015), a cada cinco léguas havia uma capela com espaços de hospedagem para pessoas, animais e mercadorias. No Caminho Real da margem esquerda, ainda se conhecem poucos desses espaços, popularmente denominados de capelas. A Estância Santiago, além de lugar de reunião de animais para abastecimento do povoado, seria o primeiro e mais próximo posto de parada nesse longo caminho, a primeira capela na linguagem popular. As seguintes seriam as estâncias de São Sebastião e da Libertadora, no alto rio Ibirocaí, de que falaremos mais tarde. (Ver figura 4).

Janela 3: A busca de gado na Vacaria do Mar

Ventana 3: La caza de ganado en la Vaquería del Mar

As equipes que buscavam gado na Vacaria do Mar na ida costumavam levar, cada uma, uns 500 cavalos e 200 mulas para a matalotagem e, na volta, traziam 20.000 ou 24.000 ou até 30.000 vacas, cada uma com seu gado separado.

Na expedição do Irmão Silvestre González, que foi buscar animais da Vacaria do Mar para a formação da Vacaria dos Pinhais, havia vaqueiros das reduções de Apóstoles, Concepción, Yapeyú e La Cruz, cada equipe com 70 peões e 1.000 cavalos, sem contar as mulas de transporte. Cada equipe deveria reunir e conduzir 30.000 vacas. (González, 1705, apud Serres, 2018, p. 97s).

A busca durava dois a três meses e se realizava entre dezembro e fevereiro, que era o intervalo na atividade agrícola do povoado, a temperatura era menos fria, chovia menos e se produziam menos enchentes e alagamentos. (Serres, 2018, p. 97).

Esteban Campal, em seu mapa de 1968, na Enciclopédia Uruguia, reconstruiu a trajetória que o padre Juan María Pompeyo e o irmão Silvestre González fizeram, em 1705, quando foram buscar reses na Vacaria do Mar para a formação da Vacaria dos Pinhais. Baseado nas referências topográficas e de localização dos currais dos postos de pastoreio que constam no “Diário de Viagem”, Campal indica que uma das rotas de condução desse gado passava pelo Município de Uruguiana e pelo Caminho Real, onde se encontra Santiago. (Clos, 2012, p. 50).

A condução desse gado, pela grande quantidade de animais, as terras pantanosas e a passagem dos rios, era lenta, custosa e com muitas perdas, produzidas por enfraquecimento e morte de animais na longa viagem, estouros de gado, ou simples dispersão por descuido dos condutores, permitindo às reses retomarem a trilha percorrida e voltarem para suas antigas querências. (Barrios-Pintos, 2011).

Ricardo P. Duarte (2012, II, p. 60ss) proporciona uma descrição realista do que teria sido o transporte de uma tropa de gado da Serra para a charqueada de Pelotas.

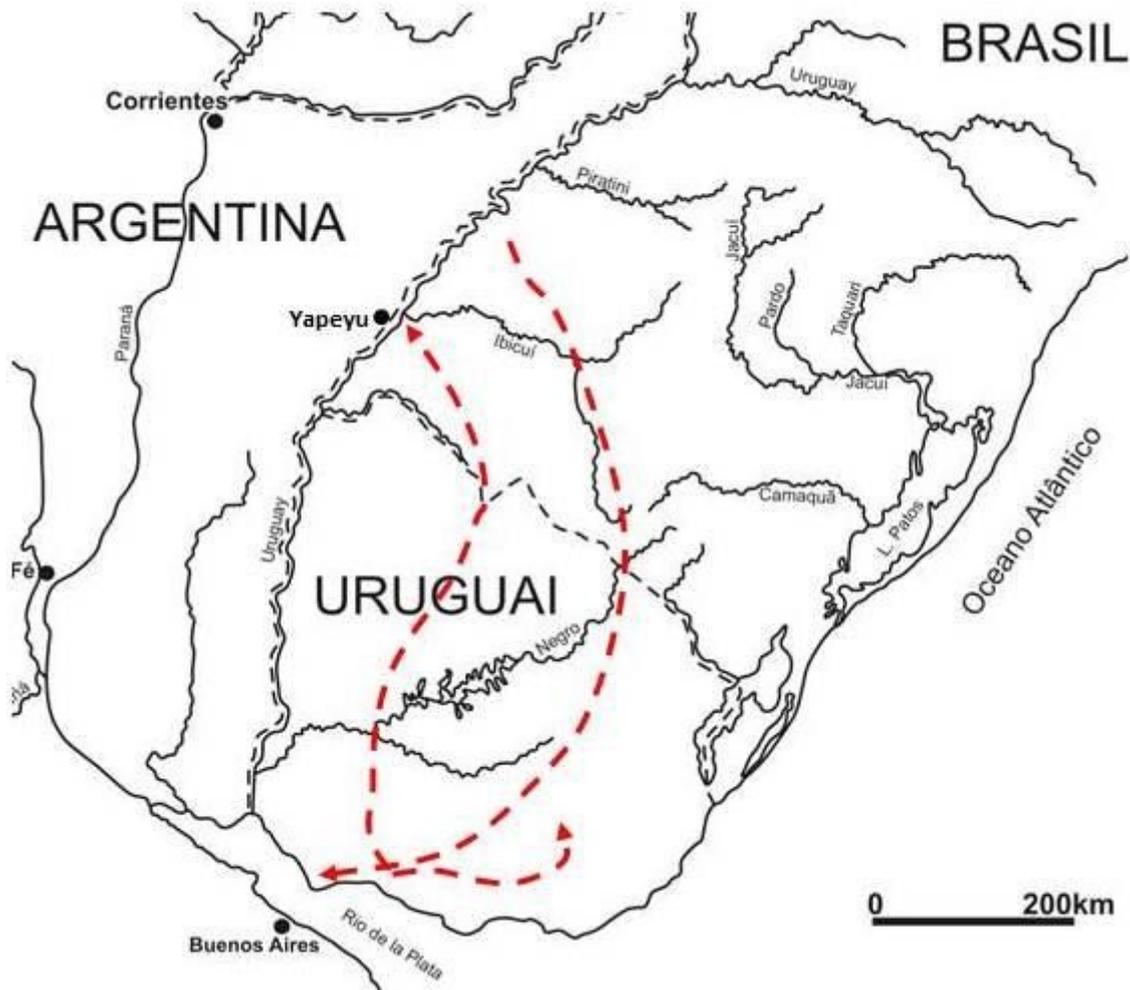


Figura 16. Mapa do roteiro de Pompeyo e González. Fonte: baseado em Campal, 1968.
Mapa de la ruta de Pompeyo y González, según Campal, 1968.

Pensando na administração do gado, não toda a atividade se teria realizado junto ao casco da mesma. Haveria postos avançados em lugares estratégicos, especialmente junto a rios e arroios, por onde o gado poderia fugir ou ser desviado. Neles também moravam famílias.

Segundo D.A. Clos (2012, p. 48), depois da fundação da Estância Santiago, os padres de Yapeyú teriam organizado os postos de pastoreio de São Marcos e Santa Maria.

O primeiro, provavelmente localizado nas imediações de onde hoje se encontra a Vila de São Marcos, na beira do rio Uruguai, quase em frente à Redução de Yapeyú. O posto de Santa Maria, num local próximo à atual ponte rodoviária sobre o rio Ibicuí, na BR 472. Segundo Clos, nesse local teria existido uma capela com a imagem de madeira da Santa. Perto do Passo do Ipané, no rio Ibirocaí, teria existido um posto com uma capela que foi destruída e suas pedras utilizadas para a construção de um colégio. No local teria sido encontrado um grande relógio de sol, de aproximadamente 4 m de altura, feito de uma só pedra. Os postos ainda não foram visitados.

Com a fundação da Estância São José no rincão do Quaraí, a Santiago teria passado a um segundo plano, mas sem o abandono do casco e a retirada do pessoal. Quanto a isso há muitas incertezas. Não seria vantajoso abandonar a estrutura de criação, que, também, exercia importante função junto ao Caminho Real, como única pousada em grandes distâncias.

Alguns eventos sugerem a permanência.

A principios de Abril, dieron de repente (los Guenoas) en la Estancia del Yapeyú, que cae frente al Pueblo, el Uruguay de per medio, tan cercana, que se vieron desde el pueblo arder los ranchos. En que mataron trece personas, y llevaron veinte y seis mujeres y muchachos cativos, hurtando de camino cuatrocientas yeguas mansas, y número de caballos. Y poco después volvieron, y se llevaron otras dos mil yeguas de la cría. Y todo el resto de la hacienda de aquel Pueblo, y de los vecinos quedaba expuesto al mismo riesgo. (Salvador de Rojas, 1707, in Cortesão I, p. 229s).

O evento faz parte da revolta dos Guenoas que, em 1701, tinham queimado o casco de São José junto ao Quarai e matado dezenas de índios missioneiros.

No final de 1756, o Governador de Buenos Aires, Pedro de Ceballos, escoltado por 400 homens, passou pela Estância Santiago quando se dirigia às reduções de São Borja e São João Batista com o intuito de organizar o ‘Correio das Missões’, que durou até o ano de 1762. (Clos, 2012, p. 30).

Com a nova estrutura, depois da saída dos jesuítas, o espaço fez parte do Departamento de Yapeyú, que se destacava na criação de gado (Doblas, 1836). Com a conquista das Missões da margem esquerda do rio, a partir de 1801, por Borges do Canto e seus companheiros, as instalações da Estância, já sem comando, teriam sido abandonadas pelos índios missioneiros.

As terras foram concedidas, então, em 1814, ao Brigadeiro Thomaz da Costa Correa Rabello e Silva, com o nome de Sesmaria do Espinilho. Elas foram vendidas, em 1818, ao Padre Fernando José de Mascarenhas Castelo Branco, que, por sua vez, as vendeu em 21.04.1819, ao açoriano Manoel José de Carvalho, que ali arranchou, estabelecendo sua estância, que chamou Japejú. (Fonttes; Duarte, 2002, p. 17).

A Estância Japejú teria sido tomada e saqueada, em fins de julho de 1865, pelos paraguaios, comandados pelo Tenente-Coronel Estigarribia, quando da invasão do território brasileiro. Na ocasião, a capela de Santiago incendiada. (Clos, 2012, p. 31).

O PASSO DO AFERIDOR

El paso del Aferidor

O Aferidor era a cabeça do Caminho Real que, pelos campos da margem esquerda do Uruguai, ligava o conjunto das reduções a Paisandu como seu posto principal (Barrios-Pintos, 2011, p. 158) e, de lá, ao centro administrativo da Província de Buenos Aires.

Sobre uma colina em frente ao passo, tendo do outro lado a redução, ele fazia o controle de pessoas, animais e mercadorias que vinham pelo caminho, por isso seu nome ‘O Aferidor’. Ele também hospedava os viajantes que esperavam a passagem pelo rio, por cima da grande ilha, guardava suas mercadorias e facilitava a transposição, serviços prestados gratuitamente para missioneiros e espanhóis.

O tráfego neste caminho se ia intensificando com a multiplicação de instituições por ele servidas: viajantes a cavalo, tropas de gado da Vacaria e das estâncias, mulas para o mercado, caravanas de carretas com mercadorias de todo gênero, que aí estacionariam. Yapeyú, como a mais meridional das reduções sobre o rio Uruguai, tinha o encargo de encaminhar as mercadorias dos povoados para Buenos Aires. Para isso, em 1784, já depois dos jesuítas, dispunha de 40 carretas e dois carretões, além de balsas, canoas e pequenos barcos. (Inventário do Cabildo, apud Bollini, 2009, p. 250).

A carreta era uma caixa retangular, com toldo de couro, sobre duas rodas de três metros de altura para atravessar rios e banhados, para transporte de carga, suportando até 200 arrobas ou 3.000 kg (Coni, 1956, p. 80 apud Serres, 2018, p. 69). Havia também a carreta acomodada para transporte de pessoas, com lugar para duas pessoas, o condutor e a correspondente bagagem, a qual era puxada por 4 bois. O jesuíta Carlos Gervasoni conta a viagem de várias semanas, das 45 carretas que, de Buenos Aires a Córdoba, transportaram os 58 jesuítas recém-chegados da Europa (Duarte, 2012 I, p. 116ss). As carretas exigiam um caminho estruturado e regular.

Mas, pelo Aferidor também iam e vinham as patrulhas missioneiras que vigiavam os campos e grandes tropas militares a serviço do Império, com suas armas e matalotagem.

Na estância havia outros passos por rios ou arroios, mas o Aferidor era o mais instalado. Mais adiante mostraremos o Passo dos Moura, no rio Ibirocaí.



Figura 17. O rio Uruguai, a redução e o Aferidor, sobre imagem de satélite GoogleEarth.

El río Uruguay, la reducción y el Aferidor, en imagen satelital GoogleEarth.

No passo do rio Uruguai, em frente à redução, entre 1657 e 1660, o pároco de Yapeyú havia mandado construir pequena capela de barro, coberta de palha, para atendimento religioso dos indígenas moradores, ou a serviço, nessa margem do rio. Com a utilização cada vez maior do Caminho Real, ali se foram levantando as estruturas que hoje vemos, as quais testemunham uma história certamente mais que secular. Compõe-se de uma construção habitacional de paredes de pedra, da qual partem taipas de pedra e alinhamentos de árvores e arbustos, que delimitam espaços.



Figura 18. As instalações do Aferidor, sobre imagem de satélite GoogleEarth.
Las instalaciones del Aferidor, sobre imagen satelital GoogleEarth.



Figura 19. O Aferidor hoje: vista frontal.
El Aferidor hoy: vista frontal.

O prédio está localizado a $29^{\circ}27'00.83''S$ – $56^{\circ}45'46.14''W$, sobre uma coxilha, separado do rio por uma baixada úmida de antigo leito abandonado. A velha e sólida construção continua em bom estado, sendo ocupada pelo proprietário, senhor Altair Leão e sua família.

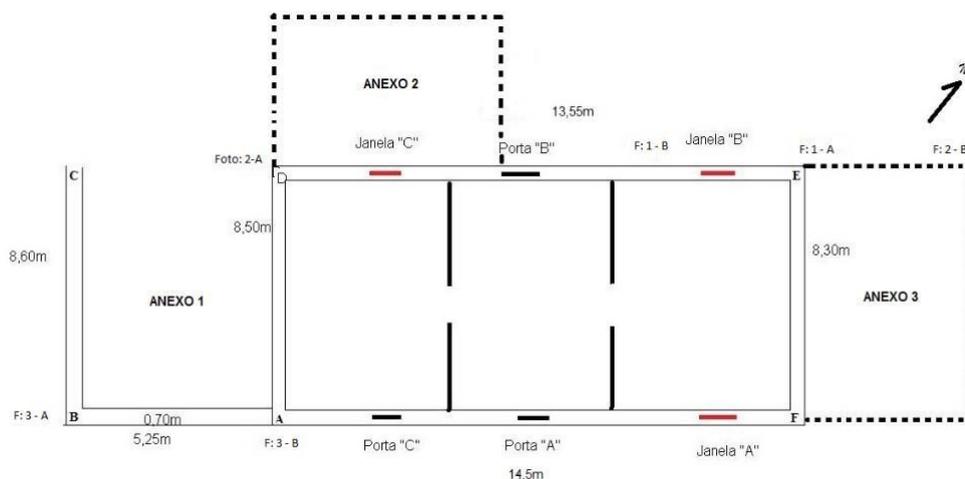


Figura 20. Croqui da estrutura do Aferidor.
Croqui de la estructura del Aferidor.

A parte habitacional tem as paredes formadas por lajes e pequenos blocos de basalto, sobrepostos sem argamassa e sem reboco externo; as fundações se destacam por blocos maiores, formando um pequeno pedestal. As esquinas e aberturas são de blocos mais regulares, sendo o restante da parede composto por pedras irregulares. O telhado se apoia sobre as paredes; no começo da pesquisa ele ainda era de palha, que foi, posteriormente, substituída por placas de brasilite.



Figura 21. Vista de frente da casa do Aferidor hoje.
Vista frontal de la casa del Aferidor hoy.



Figura 22. A casa vista de trás. Observe as fundações com blocos maiores. O alinhamento de pedras atrás da casa pode ser da cerca da horta.

Vista posterior. Observar los bloques mayores de las fundaciones. Las líneas de piedra pueden corresponder a la cerca de la huerta



Figura 23. O fundo da casa e o lado direito, com alinhamento de pedras de possível horta.
Vista posterior y lateral derecha de la casa y líneas de piedra de la posible huerta.



Figura 24. As fundações do acréscimo do lado esquerdo da casa, em blocos maiores canteados., base para paredes de adobe (?)

Las fundaciones del agregado izquierdo de la casa, con bloques canteados mayores.

O prédio está dividido em três compartimentos que somam 123 m², ocupados pela família do proprietário e que foram adaptados para este uso. Em cada uma das extremidades do prédio existe um puxado com medidas semelhantes às dos compartimentos. As disjunções de suas paredes com as do prédio principal mostram que são acréscimos posteriores. O da extremidade esquerda se compõe de um muro de pedra de aproximadamente um metro de altura, de blocos mais trabalhados; o resto da parede se completaria com adobe ou barro; o lado correspondente ao fundo da casa era aberto e permitiria a entrada de carros. O acréscimo do lado direito só tinha vestígios rasos de paredes perçíveis. Não tinham aspecto habitacional, mas de depósitos.

Por trás da edificação principal e encostado nela, percebe-se um quadrilátero fechado com blocos, que mal afloravam do chão, como fundações. Segundo as plantas das reduções era ali que ficava a horta, fechada por altos muros; aqui talvez por uma estacada. Para os fundos da casa estariam também as privadas. Há outros alinhamentos rasos de pedra cujo sentido não conhecemos.

Na frente do prédio há um poço murado, que fornece a água para os moradores.

O interior e as aberturas da frente da casa foram adaptados para moradia da família, mas a face externa da parede continua original, sem reboco. A parede do fundo conserva o aspecto antigo e seus marcos de madeira estão conservados. Aparentemente o prédio teve ocupação continuada, razão de seu bom estado de conservação e poucas modificações porque a atividade econômica continuou a mesma.

Refletindo, agora, sobre como teria sido a utilização da estrutura, através do tempo que durou o Caminho Real, podemos sugerir que os três compartimentos centrais teriam abrigado os encarregados da administração e o padre quando de visita; os prolongamentos laterais abrigariam os carros, os arreios, as ferramentas, a produção local e os estoques de alimentos e também poderiam abrigar algum viajante de passagem em tempo de muita chuva. O espaço cercado atrás da casa seria a horta. Não se percebe um prédio específico para serviço religioso, uma capela.

Como se vê na Figura 18, ao redor da casa existem espaços cercados por pedras ou vegetação alta, mas não há currais de pedra como nas estâncias, que serviam para manejo dos animais ali

guardados ou criados. Nas outras construções campestres usava-se predominantemente a pedra, porque ela costumava aflorar por toda parte, sob a forma de blocos, ao passo que as árvores eram raras e pequenas, formando capões isolados. O Aferidor contava com maior disponibilidade de madeira para fazer os cercados necessários, na mata ciliar que o separava do rio.

Certamente o Aferidor também tinha animais domésticos para seu uso, que podiam ser contidos nos espaços cercados. Outras cercas defenderiam plantações. A taipa de pedra que sai dos fundos da casa e se estende 600 m pelo campo afora, como parece não fechar nenhum potreiro, poderia ser um divisor de espaços, impedindo os animais de um espaço chegar a outro, ou se dispersar. Taipa com esta característica aparece também na Capela de San Afonso (ver Janela 5).

Pensando nas tropas de milhares de animais que chegavam das estâncias e esperavam no Aferidor para serem liberadas para a transposição do rio, como não aparecem grandes currais ou poteiros cercados para guarda-los, pensamos novamente na grande taipa que impediria os animais de se dispersarem. Mas nos lembramos especialmente da baixada úmida do antigo leito do rio, que tem água abundante e pasto fresco no verão, quando se movimentavam as tropas; ela é fechada num lado pelo rio e no outro por mata ribeirinha densa, e comportaria qualquer tropa e lhe daria descanso antes da travessia.

Embora a especificação das estruturas e funções da instituição seja tarefa dos arqueólogos, no caso do Aferidor ainda conhecemos muito pouco. Em sua existência de vários séculos, primeiro sob a coordenação dos jesuítas, depois no Departamento de Yapeyú sob a administração da Província de Buenos Aires, mais tarde na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e finalmente como propriedade particular de uma família, ele teria desempenhado variadas funções, para as quais temos só hipóteses com pouca base documental.

A construção principal é claramente missioneira e corresponde ao segundo período construtivo segundo Luiz A. B. Custódio (2010); também H. Bollini (2009). (Ver Janela 4). A parede não é mais de adobe, mas a estrutura ainda é parecida, com uma fundação destacada e um preenchimento de lajes e blocos e cobertura de palha. O acréscimo do lado esquerdo ainda parece ter sido de adobe sobre uma fundação de pedra, esta, mais trabalhada que a da casa; o do lado direito deixou poucos vestígios.

Em 26.09.1814 o lugar é parte da Sesmaria do Aferidor concedida a Thomaz Antônio de Bittencourt que, em 04.10.1820, a vendeu a Manoel José de Carvalho pela quantia de dois contos e quatrocentos réis. (Fonttes; Duarte, 2002, p. 21). O resto da história ainda não conhecemos.

Janela 4: Períodos construtivos nas Missões

Ventana 4: Períodos constructivos en las Misiones

Las estructuras arquitectónicas en las misiones de manera general, pasaron por un proceso de evolución que empieza con la predominancia de sistemas, materiales y formas, dominados tradicionalmente por los indígenas, llegando, en el apogeo del sistema reduccional (mediados del siglo XVIII) a estructuras con características arqueológicas plenamente europeas. (Custodio, 2010, p. 224).

Las primeras construcciones ubicadas en las primeras fundaciones fueron de carácter precario y provisorio, correspondiendo a los tiempos de conquista y adaptación.

La arquitectura característica del período inicial correspondió principalmente al modo de construir de los indígenas, por su conocimiento ambiental, con la utilización de maderas y fibras vegetales, en estructuras encorvadas, tanto para las viviendas de padres e indios como para los primeros templos.

Luego que los pueblos empezaron a tener un carácter más estable, [a partir da derrota dos bandeirantes paulistas na batalha de Mbororé], la arquitectura pasa a incorporar poco a poco, elementos de sistemas constructivos europeos, introducidos por los jesuitas, como la utilización de paredes de piedra o adobe y luego, las tejas y los ladrillos. (Custodio, 2010, p. 225).

El apogeo de la sofisticación arquitectónica corresponde a la sofisticación de formas y programas por el ingreso de profesionales arquitectos, como Primoli y Bianchi, desde 1730. Las estructuras son principalmente paredes y pilares auto-portantes con la introducción de arcos, bi o tridimensionales, en piedra. Esta descripción no es aplicable al conjunto de pueblos, considerando que la arquitectura de mayor erudición, basada en sistemas constructivos y formas europeas, la experimentaron pocos pueblos, precisamente San Miguel, Trinidad y Jesús. (Custodio, 2010, p. 226).

H. Bollini (2009) subdivide o segundo período de Custodio em dois, com a introdução de paredes de adobe e pedra na primeira metade e, de 1692 a 1731, sob o comanda do irmão José Brasanelli, a reconstrução das igrejas missioneiras usando uma estrutura portante de madeira, cobertura de telhas e o preenchimento das paredes com pedras.

2. No RINCÃO DO QUARAI

En el Rincón del Cuarey

A ESTÂNCIA SÃO JOSÉ

La Estancia San José

Como a Vacaria do Mar era um espaço aberto, começou a ser explorada não só para abastecer os índios das reduções, mas também por outros grupos, que não caçavam gado para comer a carne, mas para abastecer o florescente comércio inglês, francês e holandês de couros, graxa e sebo, abandonando as carcaças no meio do campo. (Cardiel, 1918; Araújo, 1990; Barrios-Pintos, 2011, p. 170; Jorge Caldas Villar, 1977, apud Duarte, 2012 I, p. 382s, nota 448).

A Vacaria do Mar foi abandonada em razão do perigo que representava para os vaqueiros das missões; a grande Vacaria do Rio Negro, que serviu de transição depois desse abandono, por estar mais perto, também já se tornara perigosa.

A pedido do Governador de Buenos Aires, os missionários reuniram o gado chimarrão que permanecia nos campos da margem esquerda do rio Uruguai, trazendo-o para junto das reduções, em estâncias. Em 1694, o padre provincial também encerrou o recolhimento de gado que Yapeyú fazia nas vacarias de Corrientes e Santa Fé, na margem direita do rio, sobre cujo recolhimento a redução possuía direitos antigos.

Ainda foi tentada uma vacaria no planalto do Rio Grande do Sul,

P. Paulo Nunes, em 1702, fundou a Vacaria dos Pinhais, cujos limites eram o rio Pelotas, o rio das Antas e os Aparados da Serra. Estava pensada como cooperativa de várias reduções e começaria a ser explorada quando atingisse 200.000 reses. Para os índios cuidadores teriam sido construídas casas e uma capela, aberto um canal para movimentar um monjolo e drenados banhados para melhorar os pastos, do que existem algumas ruínas.

Mas, em 1728, a partir do Morro dos Conventos, os portugueses do litoral atlântico abriram um caminho que ligava este litoral ao planalto, onde a vacaria foi descoberta e seus rebanhos drenados, sistematicamente, para São Paulo, até esgotá-los. O espaço da sonhada vacaria tornou-se passagem, e parada, na rota do gado (vacas, cavalos e principalmente mulas) dos campos do Rio Grande do Sul e do Uruguai para o mercado de Sorocaba. (Borges; Borges, 2016, v. I, p. 86s; Barrios-Pintos, 2011, pp. 55s e 81ss).

Com as limitações existentes tornou-se urgente encontrar novas formas de abastecimento de carne para os índios da redução de Yapeyú e se fundou a Estância de São José. Não era um tempo tranquilo e favorável para uma nova fundação porque os índios Guenoa se tinham confederado para combater mais eficazmente os ocupantes brancos. Esses conflitos marcam o fim do século XVII e o

começo do século XVIII (Levinton, 2005; López Mázz; Bracco, s.d.; Pereira, 2015; Barrios-Pintos, 2011).

Nenhum texto é melhor para visualizar este começo que a ‘*Memoria para las generaciones venideras, de los indios misioneros del pueblo de Yapeyú*’, escrita em guarani por um corregedor missioneiro. (Hernández, 1913, p. 548).

A fines del año 1694, el P. Jerónimo Delfín, vino à componer la estancia y llevó individuos del Cabildo à la Banda Oriental para ver el Cuarey, le vieron, y les agradó la posición del lugar, y después que regresaron al pueblo, dieron relación de la rinconada, muy aparente para una estancia, al cuerpo del Cabildo, proponiéndole que fundarían una estancia en el Cuarey con tropas de ganado que traerían del Pará (Vacaria do Mar?), con las que el P. Jerónimo Delfín uniría algunas de la ya fundada estancia de Santiago, con el fin de aumentar sus ganados para ocurrir a las necesidades de los indios. (...) Se efectuó la marcha al Pará; y cuando volvieron las tropas con el ganado, el Corregidor, prevenido por el Padre, fue à mandar que las tropas parasen en el Cuarey, y allí se contase el ganado que se había traído con el fin de fundarse la estancia del Cuarey; lo que efectuado, el capataz Andrés Cheresay dio la orden para que sus peones quedaran à cuidar y sujetar cuatro mil cabezas hasta un mes; y cumplido, llegó otro capataz con cuatro mil cabezas más traídas del Pará, las que reunieron à las cuatro mil anteriores; y con estas ocho mil cabezas se fundó la estancia del Cuarey proyectada por los PP. Santiago Ruiz, Jerónimo Delfín y Antonio Becerra. (Hernández, 1913, p. 546s).

La estancia era en realidad una dehesa o malezal con los pastos apropiados para los animales (Levinton, 2005, p. 41).

Em 1701, os índios Guenoa atacaram a recém-fundada estância, e queimaram a igreja.

O missionário conta que um destacamento de índios da redução, que estava inspecionando os campos em busca dos índios confederados, foi surpreendido perto da nova fundação.

Habiendo llegado junto donde estaban los indios yaros y estando nuestra gente descuidada juntando leña (...) nos acometió una gran tropa de yaros infieles y nos mató 47 hombres y nos hirió 80, quemó la iglesia de S. José... También nos vocearon amenazando que habían de destruir todos nuestros pueblos. (Carbonell de Masy, 1989, p. 31, nota 47).

A ‘Memoria’ continua informando que o gado reunido foi gasto, sem tempo de se reproduzir, o que levou ao abandono do empreendimento.

En el año 1701 se expedicionó por segunda vez contra los infieles con un número crecido de soldados que llevó el P. Superior Bartolomé Jiménez. Entonces el Hermano José Brasaneli y el hermano Egidio sacaron de la estancia de San José 1.400 cabezas para la división armada. Después el P. Superior Bartolomé Jiménez escribió de la campaña al Cura Adriano González, pidiéndole más ganado, y le envió 2.500 cabezas, que condujo el Alcalde Melchor Caguá. Entonces se abandonaron las estancias, reuniéndose peones y familias en el pueblo con el P. Adriano; y no habiendo quienes recogiesen el ganado entablado, se esparció y alejó por entre quebradas, cuchillas y bosques, llegando ya algunas puntas del ganado hasta Caaibaté, por donde tenían sus tolderías los infieles. (Hernández, 1913, p. 547).

Apesar das depredações feitas pelos índios confederados, a necessidade de carne levou a redução a continuar investindo, mas distribuindo este gado por vários lugares.

En el año 1702 se pensó en fundar nuevamente las estancias y el Padre Cura comunicó este pensamiento al Cabildo. El Corregidor, tomando la palabra, dijo que se efectuara, y en seguida dispuso que dos tropas caminasen al Pará à tomar ganado silvestre, teniendo el cargo de capataz Benito Guebó en una tropa, y el otra Javier Gurai. Esos trajeron cuatro mil cabezas del Pará, y a su regreso el Cura José Tejeda fue encontrarlos en el Cuarey para contar allí el ganado y separarlo. Separó dos mil cabezas de Javier Guari, y las dejó en San Juan; y las otras dos mil en San Marcos.

En el año 1703 caminaron dos tropas al Pará à traer ganado a cargo del capataz Juan Guiraragué y Benito Guebó. Estos volvieron à un tiempo con cuatro mil cabezas, y el Cura hizo repartir 2.500 cabezas para pasarlas à la Banda occidental del Uruguay en San Pedro, dejando las 1.500 en la estancia de San José. Se multiplicó tanto el ganado, que ocupaba ya leguas de la campaña.

En el año 1705 ya llegaban hasta las serranías algunas puntas de ganado (Hernández, 1913, p. 547s).

Em 1703 se consolida a estância de San Pedro, junto ao Rio Miriñai, na margem direita do rio, a qual passou a atuar como portão de entrada ao espaço missional nessa margem. (Carbonell de Masy, 1989, p. 31, nota 47).

Carbonell de Masy (1989) informa que ainda havia outros problemas no estabelecimento e conservação de plantéis de gado nos espaços em que tinham sido colocados. Além das tropas missioneiras que combatiam os confederados Guenoas, outras tropas também requisitavam gado para alimentação de seus soldados. Em 1704 o Governador de Buenos Aires pedia reforço militar das reduções no cerco da Colônia do Sacramento e *4.000 indios armados llevaron 6.000 caballos, 2.000 mulas; y trajeron... con sus caballos más de 30.000 vacas, para el sustento de todos, así indios como españoles.*

A história posterior da Estância São José continuou sofrida como iniciara, mas não a conhecemos suficientemente.

Quando buscamos localizar seu casco encontramos informações vagas e contraditórias. Enquanto geralmente ele é posicionado na margem esquerda do rio Quaraí, onde existe um povoado de nome São José, nós acreditamos tê-lo encontrado na margem direita, no município de Uruguaiana. Para isso nos induziu a informação de que, em 1702, depois da queima pelos índios confederados, ele teria sido reconstruído no lado direito deste rio. Também nos seduziu o nome Estância da Queimada, que ali existe. Barrios-Pintos (2011) também o coloca nesta margem.

Nessa margem direita do rio Quaraí, sobre as nascentes do arroio Imbaá, afluente do Uruguai, no município de Uruguaiana, encontramos várias ruínas significativas atribuídas aos jesuítas; entre elas destacamos a Estância da Queimada, a Estância São Sebastião e a Estância Libertadora, a primeira sobre um caminho secundário, as outras duas junto a um braço do antigo Caminho Real (Clos, 2012). Nós estudamos sucessivamente as três estâncias e as associamos à Estância São José.

Nossa primeira investigação concentrou-se no lugar chamado ‘Estância da Queimada’, sobre um antigo caminho, mas que não coincide com o Caminho Real. Ali encontramos ruínas de um espaço de criação semelhante ao da Estância Santiago, e um espaço habitacional semelhante ao do Passo do Aferidor.

A estrutura de manejo do gado

La estructura de gestión del ganado

No alto da coxilha, com vistas sobre os campos circundantes, mas sem água corrente próxima, estão os restos de uma estrutura de criação de gado. Distante cerca de 3,5 km, junto de um pequeno arroio, na frente da casa do proprietário da Estância da Queimada, que é Kelvin Martini, existe uma estrutura menor também de criação.

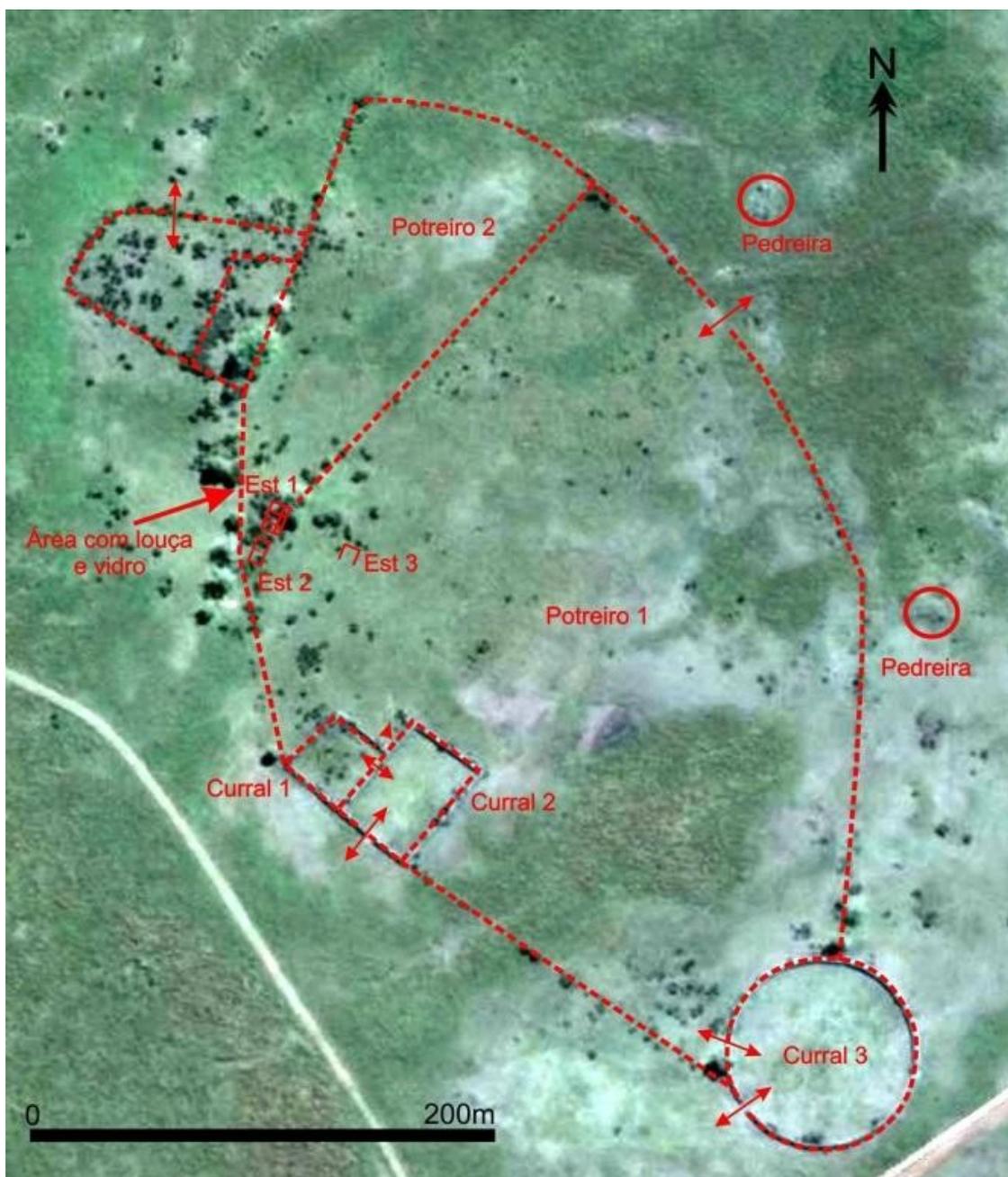


Figura 25. As estruturas de criação vistas do espaço, sobre imagem de satélite GoogleEarth.

Las estructuras de gestión en visión satelital GoogleEarth.

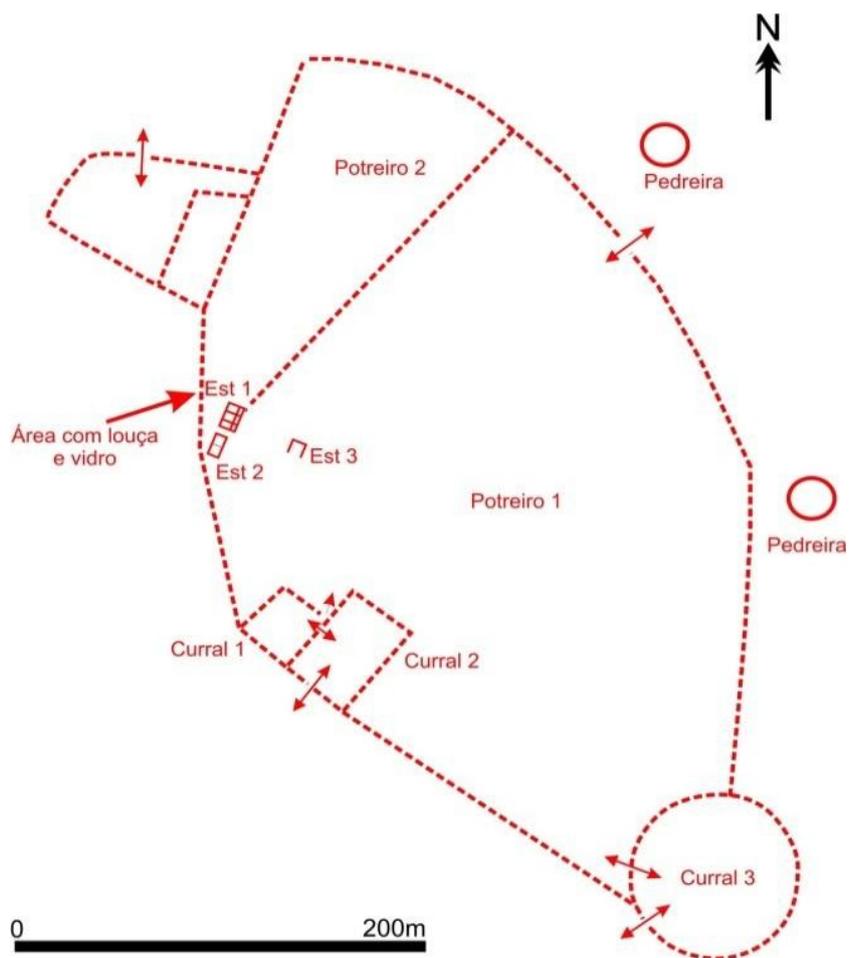


Figura 26. Croqui das estruturas, feito sobre a imagem acima.
Las estructuras de gestión identificadas.



Figura 27. Vista geral da estrutura de criação.
Visión general de la estructura de gestión.

As primeiras estruturas de criação (Localização Geográfica: 29°50'58,96"S e 56°51'29,75"O) compõem-se de um poteiro fechado pelo que teria sido uma estacada de madeira. Ele estava dividido em dois espaços: o primeiro de uns 10.000 m², o segundo, de uns 2.000 m².

Na borda interna do maior está a ruína do que teria sido o espaço habitacional; ela está coberta por grandes cactos (tuna). A pequena distância, existem dois currais retangulares e, mais adiante, um grande curral circular. Encostado externamente no poteiro menor há um terreno, de uns 1.200 m², cercado por e contendo árvores da região (sina-sina ou espinilho) em alinhamentos. Ligando este espaço arborizado ao conjunto habitacional do primeiro poteiro há uma fila de sete velhos umbus, sugerindo uma passagem, ou caminho. As poucas árvores do espaço estão ligadas às ruínas, deixando limpo o campo circundante.

Água corrente existe junto à residência do proprietário, onde o córrego está livre, ou no pé da coxilha, onde ele foi represado para formar um açude. Dentro dos currais existem manchas úmidas, que acumulariam água das chuvas, cujo excesso escaparia por pequenas aberturas deixadas na base das taipas de pedra.



Figura 28. O setor habitacional coberto por cactáceas.
El sector habitacional cubierto por cactus.



Figura 29. As fundações da casa dos estancieiros
Fundaciones de la habitación de los estancieros.



Figura 30. Como os blocos eram canteados.
El trabajo de los bloques.

O espaço da habitação, dentro do potreiro maior, compõe-se das bases de duas construções alinhadas, com pequena separação entre elas. A primeira construção tem três compartimentos de aproximadamente 20 m² cada um, um alpendre (varanda) comum, de 3 metros de largura e uma escada de pedra, voltados para dentro do potreiro; a segunda construção tem dois compartimentos de tamanho parecido aos anteriores, mas sem alpendre (varanda). À pequena distância, já dentro do potreiro, sobraram as bases de mais uma construção retangular, de 7 x 7 m, com um dos lados totalmente aberto.

Onde as bases estão mais conservadas, elas têm aproximadamente um metro de altura, formadas por blocos cúbicos de arenito, trabalhados e sobrepostos sem argamassa. Sugerem ser as bases de construções de adobe ou de barro. O fato de ali se desenvolverem grandes cactos formando um compacto bosque fechado é sinal de existência de terra movida, que seria a da decomposição do adobe, ou barro, das paredes.

O espaço teria sido a moradia das famílias do capataz e de seus auxiliares, cada uma num compartimento. Se assumirmos uma média de 4 a 5 pessoas por família teríamos de 20 a 25 pessoas vivendo neste local e tomando conta dos animais.

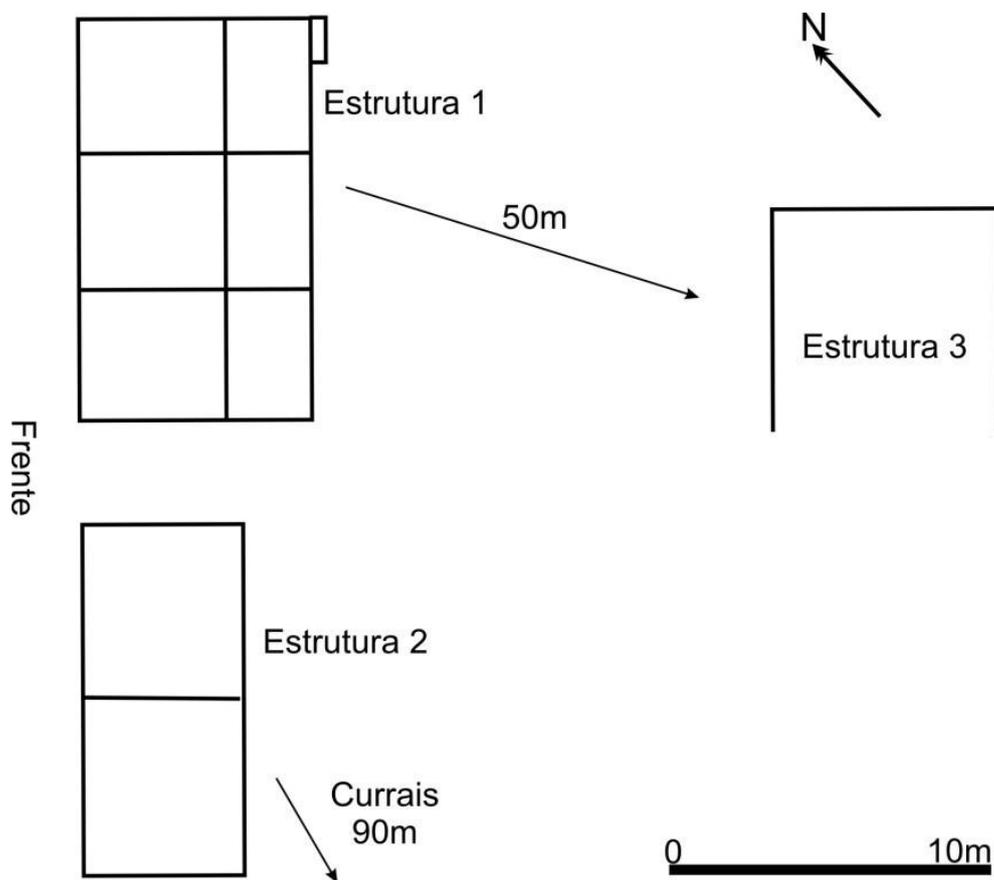


Figura 31. Croqui da casa dos estancieiros.
Croqui de la habitación de los estancieros.

A construção com um lado aberto seria um galpão para a carreta, as ferramentas, os arreios, os produtos da estância, o lugar de trabalho em temporadas de chuvas.

Na proximidade, também sobre o limite do potreiro, estão três currais de pedra, com muros largos (até 150 cm) e altos (mais de 200 cm), construídos na técnica de duas paredes a prumo e preenchimento do miolo com blocos menores, reforço nas aberturas e, na base, pequenos escoadores para água acumulada no curral após chuvas intensas.

O curral menor, quadrado, cobre aproximadamente 800 m² e tem pequena abertura para o curral 2, retangular, com uns 1700 m²; ele tem pequena abertura para o campo e outra para o anterior. O curral 3, circular, no ângulo formado por dois lados do potreiro, tem 80 m de diâmetro e liga o campo ao potreiro por duas grandes aberturas.



Figura 32. Imagem do curral circular.

El corral circular.



Figura 33. Pormenor da parede do curral circular.

Detalle de la pared del corral circular.



Figura 34. A técnica construtiva dos currais. Com José Afonso de Vargas.
La técnica constructiva de los corrales.



Figura 35. Os currais retangulares
Corrales rectangulares.



Figura 36. A esquina de curral retangular.
Esquina de corral rectangular.

O espaço mais vegetado, com plantas nativas junto ao poteiro menor, sugere ter sido a horta. O local, perto da habitação, é o lugar costumeiro da horta, sempre cercada para evitar a penetração de animais. A norma prescrevia que a cerca tivesse 3 varas de altura. As plantas internas sugerem alinhamentos como nas hortas missioneiras.

... que olhava para uma horta murada de pedra e barro, onde tinham plantado a cordão, formando ruas de pinheiros, laranjeiras da terra e da China, limoeiros, marmeleiros, macieiras, figueiras, parreiras, pessegueiros, cidreiras, canas de açúcar, e outras muitas plantas, assim da América como de Portugal... (Cunha, 1853, p. 296, apud Custódio, 2010, p. 255s).

As estacas da cerca e as dos alinhamentos internos teriam ali brotado, resultando no presente quadro.

Os umbus, que ligam as estruturas, também testemunham a ocupação missioneira; são os melhores fornecedores de sombra e proteção dos ventos nos campos rasos. Pessegueiros e laranjeiras são outros testemunhos, mas aqui ainda não foram localizados.

Segundo N. Levinton e Snihur (2015), indicadores de estâncias e postos missioneiros seriam pessegueiros, laranjeiras, hortas, umbus, barragens (*tajamares*), capelas, portos, caminho real e caminhos transversais, portos, balsas, pedreiras.



Figura 37. Alinhamento de umbus entre a casa dos estancieiros e a horta.
Linea de ombúes entre la habitación de los estancieros y la huerta.

Fora do potreiro existem pequenos acúmulos de pedra trabalhada, que poderiam indicar a presença de poços entulhados, ou lugares de talha de pedra.

O suprimento de pedras para construção teria sido abundante porque blocos afloravam na superfície do campo. Um desses afloramentos é usado na produção de brita para calçamento de estradas e em construções.

Estas seriam as estruturas de manejo do gado reunido no local. Elas repetem o que foi visto na Estância Santiago. Aqui o setor da habitação dos estancieiros é maior e as construções mais sólidas, as bases feitas com blocos cúbicos, regularizados. O potreiro é menor e a água está mais afastada; o posto junto ao arroio poderia servir para dessedentar os animais. As estruturas são testemunhos do segundo momento construtivo nas reduções (ver Janela 4).

Na lixeira atrás da moradia, junto a um grande umbu foram encontrados fragmentos de garrafas de vidro escuro, verde e translúcido de vários tamanhos e formatos, também de garrafas de grés, usadas para *ginebra*; louças antigas, telhas-canoa e lajotas.

As habitações caíram por desuso e se desmancharam, os antigos potreiros se confundem com os campos, sendo tênue a marca da estacada que os cercava, mas os currais continuam sendo frequentados pelo gado da fazenda.

O posto junto ao arroio

El puesto cerca del arroyo

A 3,5 quilômetros ao norte deste conjunto de manejo de gado, junto ao arroio, um dos formadores do Arroio Imbaá, cerca de 300 m distante da casa do proprietário da Estância da Queimada, em campo limpo, foi localizado um terreno retangular de 175 x 150 m de lado, delimitado por vestígios do que teria sido uma taipa ou estacada. Encostado ao lado menor mais próximo ao arroio, outro terreno retangular, fechado em três lados por taipa de pedra e aberto no quarto lado, em direção ao arroio. A sugestão é que se trate de uma estrutura de manejo auxiliar, com a habitação de seu posteiro, junto do arroio. Posição geográfica das estruturas: Latitude: 29°48'58,0"S e Longitude 56°51'28"O.

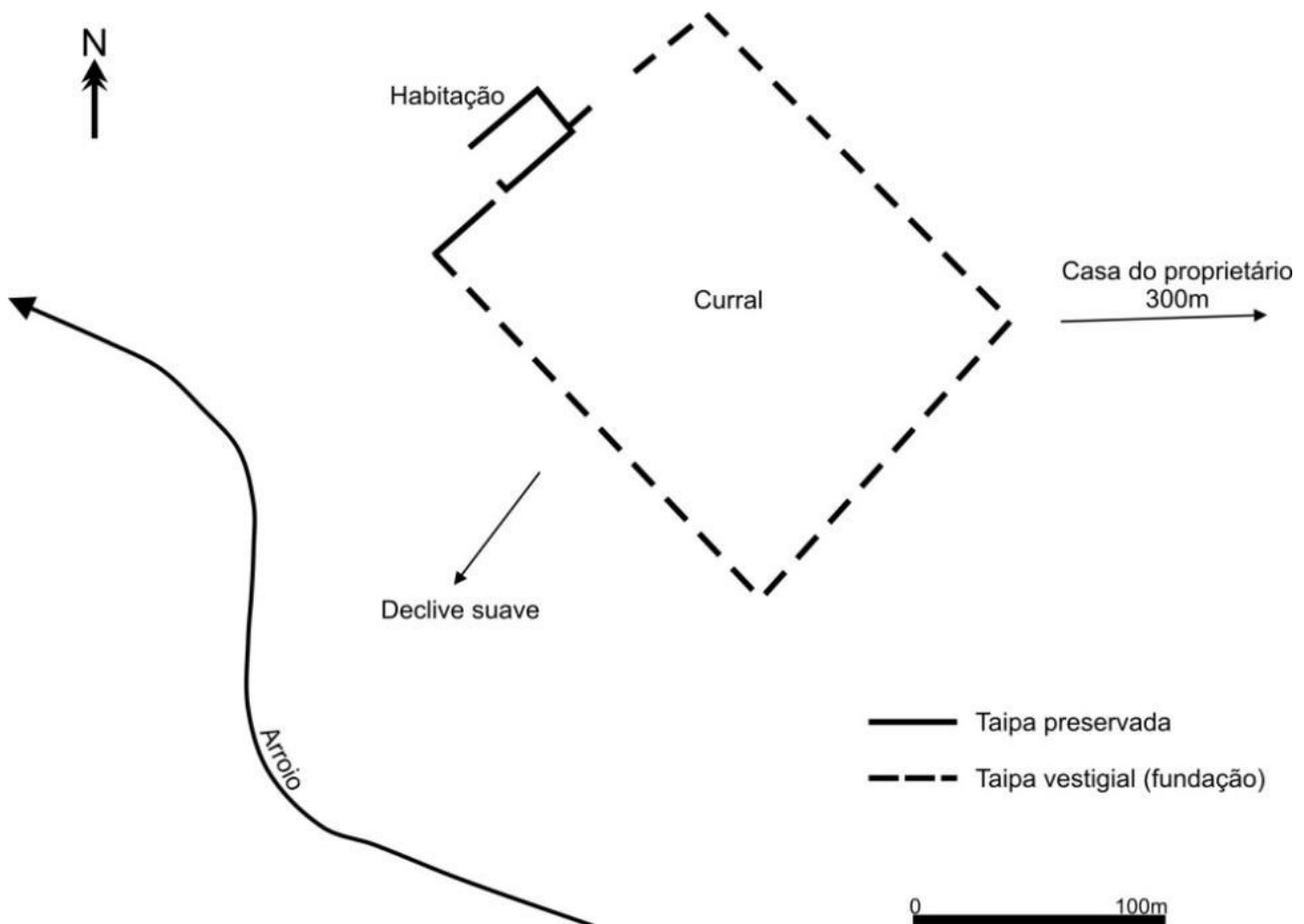


Figura 38. Croqui das estruturas do posto.

Las estructuras del puesto.



Figura 39. Restos de taipas caídas ou de estacadas do mencionado posto. Ao fundo, a casa do proprietário da Queimada.

Vestigios de tapias caídas del mencionado puesto. Al fondo, la habitación del propietario de la Queimada.



Figura 40. Outra vista do recinto. Junto às árvores, o recinto menor.

Otra vista del recinto. Donde los árboles, el recinto menor.

R.D. Issler Duarte (2015) descreve estruturas de pedra (currais de 60 a 140 m de diâmetro, estruturas habitacionais, poços murados e pedreiras), semelhantes às do setor de manejo da Queimada, localizadas junto ao antigo Camino de los Tres Cerros, caminho que ligava a redução de La Cruz aos *esteros* do Iberá, na Província argentina de Corrientes; nesta região teria estado a capela missioneira de Santa Maria. Elas seriam testemunhas de ocupações pecuaristas surgidas após o Tratado de Madrid (1750) quando os campos da margem esquerda do rio Uruguai teriam sido abandonados pela redução de La Cruz em razão dos conflitos consequentes ao tratado de limites.

A estrutura habitacional

La estructura habitacional

A 3,7 quilômetros ao sul dos currais de pedra maiores, à beira de velho caminho e à margem da atual BR 290, estão enfileiradas lado a lado, três estruturas antigas lembrando o estilo construtivo do Aferidor, que representariam a parte administrativa da estância. Duas estão inteiras e ocupadas pela família do proprietário; da terceira sobra uma parede frontal e o piso; as pedras de suas paredes caídas foram usadas para ligar as duas outras casas, criando um pátio fechado entre elas.

O proprietário e morador atual é Vilson Valença Alfaro com sua família, que se ocupa de atividades agropastoris.

Posição geográfica da estrutura: Lat: 29°51'50,56"S e Long 56°53,8'28"O.

Uma visão do espaço, através de GoogleEarth, dá uma percepção única da organização do pequeno núcleo habitacional com seu curral e o arvoredo que o cerca, uma pequena ilha florestada no meio do descampado.



Figura 41. As estruturas vistas em imagem de satélite GoogleEarth.
Las estructuras en visión satelital GoogleEarth.

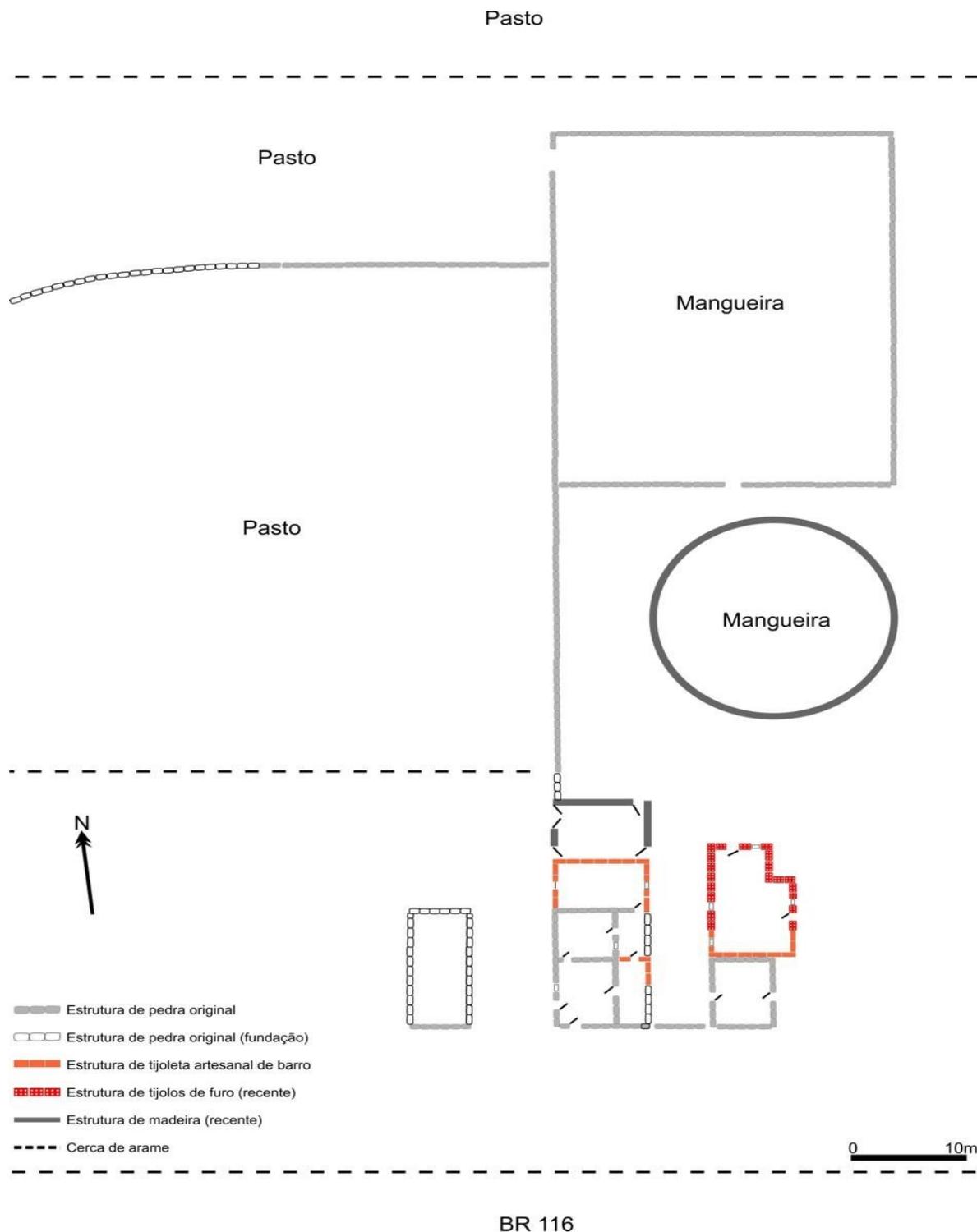


Figura 42. As estruturas construídas e os materiais nelas usados.
Las estructuras de habitación y sus materiales constructivos.

As construções sobreviventes mostram uma ocupação regular durante três séculos, com sucessivas adaptações, retiradas e acréscimos de acordo com as necessidades e os valores das gerações ocupantes. Com isto os materiais construtivos mudaram, como se mostra no croqui, mas sem alterar as estruturas básicas.



Figura 43. A primeira casa, que foi bolicho de beira de estrada, de Alfaro, tio do proprietário. Para bolicho, ver Janela 6.

La primera habitación, que fue pulpería de vera de camino. Para pulpería, ver Ventana 6.



Figura 44. As três estruturas habitacionais do lugar.

Las tres construcciones habitacionales del lugar.



Figura 45. Outra vista do conjunto e os umbus fazendo sombra no meio do descampado.
Otra vista de las tres construcciones y el ombú que proporciona sombra.



Figura 46. Parede lateral da primeira casa, com cobertura em duas águas desiguais. À esquerda, a taipa que fecha o pátio.
Pared lateral de la primera habitación, con techo asimétrico en dos aguas. A la izquierda, pirca del patio.

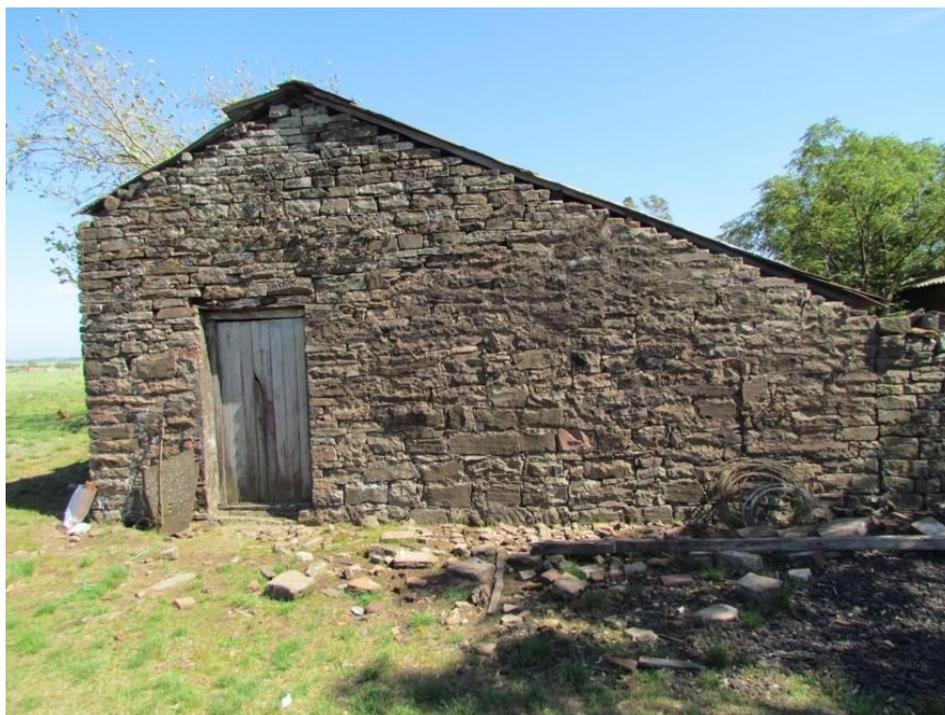


Figura 47. Parede lateral da segunda casa, com cobertura em duas águas desiguais e antiga porta.
Pared lateral de la segunda habitación, con techo asimétrico en dos aguas y antigua puerta.



Figura 48. O interior dessa casa, atualmente um galpão. Nesta parede se encontra a janela entre a cozinha e o comedor.
Interior de la habitación, transformada en galpón. En esta pared se encuentra la ventanita entre la cocina y el comedor.



Figura 49. Parede da antiga capela; cobertura em duas águas desiguais.
Pared de la antigua capilla, con techo asimétrico en dos aguas.

Esta imagem é bem parecida com a da capela missioneira de San Antonio, no distrito de Trinidad, Paraguai, reproduzida por Townsend e Monges (2018) e que ainda está em uso pela população camponesa do lugar.

A parte mais antiga em cada uma das duas casas preservadas é um espaço de 4,50 m de frente e 7,50 m de fundo (cerca de 34 m²), numa extremidade dos prédios. As paredes são de lajes irregulares de pedra, sobrepostas sem argamassa, hoje internamente rebocadas e caiadas, permanecendo o exterior sem reboco e sem pintura. O telhado, em duas águas desiguais, que era de telha-canoa, hoje é de folhas de zinco. O forro é de grandes tábuas, à maneira de construções missioneiras do Paraguai, que usavam uma camada de barro preto (*ñau*) sobre trama de taquara como leito para as telhas-canoa do telhado (Custodio, 2010, p. 228). Os marcos de pedra das aberturas são retangulares e mantêm suas esquadrias de madeira.

Na sequência dessa parte, que seria a moradia do religioso, caracteristicamente missioneira, nas duas construções segue um espaço levantado com tijolo maciço e, depois, mais um, com tijolo furado, os quais, juntos, somam o dobro daquele primeiro e são acréscimos de cronologia desconhecida. (Ver croqui, figura 42).

Nessas construções teria morado o irmão jesuíta, que administrava a estância e se hospedaria o padre quando de sua visita. Na casa mais próxima da capela existe um testemunho indicador dessa presença: a janelinha pela qual se passava a comida da cozinha para o comedor dos religiosos.

A terceira construção do conjunto habitacional, que teria sido a capela, mede 5,00 m de frente por 12 m de profundidade (60 m²). Nela realizariam suas atividades religiosas os moradores da casa e da estância.

Depois de a capela se tornar inútil com o afastamento dos jesuítas e, talvez, a deterioração por falta de uso, as pedras de três de suas paredes foram usadas para criar um pátio entre a duas primeiras construções, sobrando da capela só a parede frontal e o piso.

Junto das casas existe um curral retangular de pedra, de 29 por 35,70 m de lado, cujas taipas têm mais de metro de espessura.

Como existia uma capela, surge a pergunta se haveria um cemitério ou se os mortos eram levados para a redução, que estava longe. Sem resposta.



Figura 50. O curral retangular cercado por larga taipa de pedra.
El corral rectangular cercado por espesa pirca.



Figura 51. Outra vista do mesmo curral
Outra vista del mismo corral.

Só tivemos acesso a parte das divisões internas das casas porque elas ainda são habitadas pela família do proprietário. Para satisfazer a curiosidade do leitor sobre este tipo de assentamento missioneiro com capela e acomodações para viajantes, oferecemos, na Janela 5, duas descrições de estruturas semelhantes: a primeira, feita por Poenitz e Platini (1994), da Capela de San Alonso, de beira de caminho, na antiga redução de Apóstoles, Argentina, que eles escavaram. O relatório, em que eles se basearam, é um levantamento posterior à retirada dos jesuítas. As informações nele contidas puderam ser testadas porque o sítio tinha sido abandonado e ficara selado até a escavação. A segunda, de Ernesto Maeder (1981), da capela da estância de Rincón de Luna, na proximidade da cidade argentina de Concepción, Corrientes.

Janela 5 *Ventana 5*

a) A capela de San Alonso *La capilla de San Alonso*

O relatório do Comissário Pablo Jacinto Thompson, 1790, relata a existência de uma Capela, com sua Sacristia, mais quatro peças, que formavam um só conjunto. Menciona mais duas peças, uma funcionando como cozinha, outra como latrina, que, sem dúvida, estavam fora do conjunto principal e provavelmente eram de material mais efêmero, devido a que não se acharam seus restos

[na escavação]. A Capela tinha um retábulo com a imagem do Santo Titular, de pintura fina, além de imagens esculpidas e quadros. Complementavam a construção dois sinos e outros elementos de culto. A Sacristia tinha uma mesa com pés torneados e um quadro de pintura tosca com três figuras. Ela se comunicava com a Capela através de uma porta com aldrava de madeira. As peças tinham mesas e catres e, segundo a descrição de Cardiel, funcionariam como acomodações para os viajantes. Uma das peças tinha função de cárcere provisório, pois, segundo o inventário, todo o mobiliário consistia de um cepo com doze orifícios para os pés, com boa fechadura. O documento indica que todo o edifício era construído em material, com cobertura de telhas e com galerias circundantes, tudo em bom estado. No exterior havia uma pracinha com cerca de pau-a-pique, com várias plantas de jataí e outras árvores frutíferas. Uma estacada de urundai de uma légua de extensão evitava a dispersão dos animais ali criados. (Poenitz; Platini, 1994, p. 398, apud Serres, 2018, p. 91; na página 92 está o desenho da capela).

b) A capela de Rincón de Luna

La capilla de Rincón de Luna

Alcides D’Orbigny visitou, em 1827, a Estancia Rincón de Luna, em Corrientes, donde surgem os dados abaixo descritos por Maeder, 1981, p. 205s, reproduzidos por Issler Duarte, 2015, p. 168).

Las poblaciones y puestos de estancia en la época jesuítica y posterior revelan un equipamiento sobresaliente para la estancia de entonces. El caserío estaba formado por la capilla, con puertas de dos batientes, techada de palmas y pintada, y dotada, asimismo, de todo lo necesario para el servicio de culto: 12 imágenes, sagrario y vasos, retablo con espejos, confesionario, bancos, cortinas, candelabros y campana. Adosados a la capilla había dos aposentos y una despensa, con piso de tablas y rejas de hierro, mobiliario y un conjunto nutrido de herramientas de carpintería y labranza, vasijas, medidas, balanza, armas, tahona, pailas y calderas. Todo cercado con pared y por un huerto con frutales. En sus proximidades se hallaban 11 ranchos y 3 corrales de palo a pique. La estancia tenía, además, otros 3 puestos: Chico, Grande y del Ombú: cada uno de ellos con sus corrales, su dotación de herramientas y sus ranchos para vivienda.

Segundo o Sr. Wilson, uns quilômetros ao sul de sua casa, sobre o mesmo antigo caminho, teria existido outra casa semelhante à que estava ocupando. De fato, dentro de pequeno capão de mato, sobraram as fundações, em pedra trabalhada, de uma construção, que não chegou a ser pesquisada. Os poucos materiais vistos se parecem com os encontrados junto aos currais, na área de criação.

Posição geográfica da estrutura: Latitude: 29°53’38,12”S e Longitude: 56°51’57,10”O.

Estas são as informações iniciais sobre o local conhecido como ‘Queimada’. O conjunto proporciona a ideia do casco de uma estância missioneira do segundo período construtivo: um

espaço de reunião e manejo de gado e um lugar à beira do caminho com uma capela para o atendimento religioso. Junto a ela moraria o administrador jesuíta com seus auxiliares; o lugar também ofereceria abrigo e pousada para transeuntes pelo caminho. Cada um dos assentamentos da estância trazia consigo alguma vegetação maior e podia formar uma pequena ilha no meio do descampado.

Nossa hipótese é de que a Queimada teria sido o primeiro casco da Estância São José, no rincão do Quaraí. São Sebastião, no alto rio Ibirocaí, poderia ter sido seu novo casco, já na terceira fase construtiva das reduções.

A estância começou com a reunião de gado das vacarias, que estavam sendo desativadas. Com a incorporação da anterior Estância Santiago, ela se estenderia por todo o território entre o Ibicuí, o Uruguai, o Araruguá e o Ibirapuitã. Segundo Nusdorffer (mapa número XXIV em Furlong-Cardiff, 1936), em sua viagem de inspeção de 1752, entre o Araruguá e o Queguay não teria havido animais devido a pastagem inadequada. Também não teria havido nas faldas da Coxilha de Yapeyú, na fronteira leste do território.

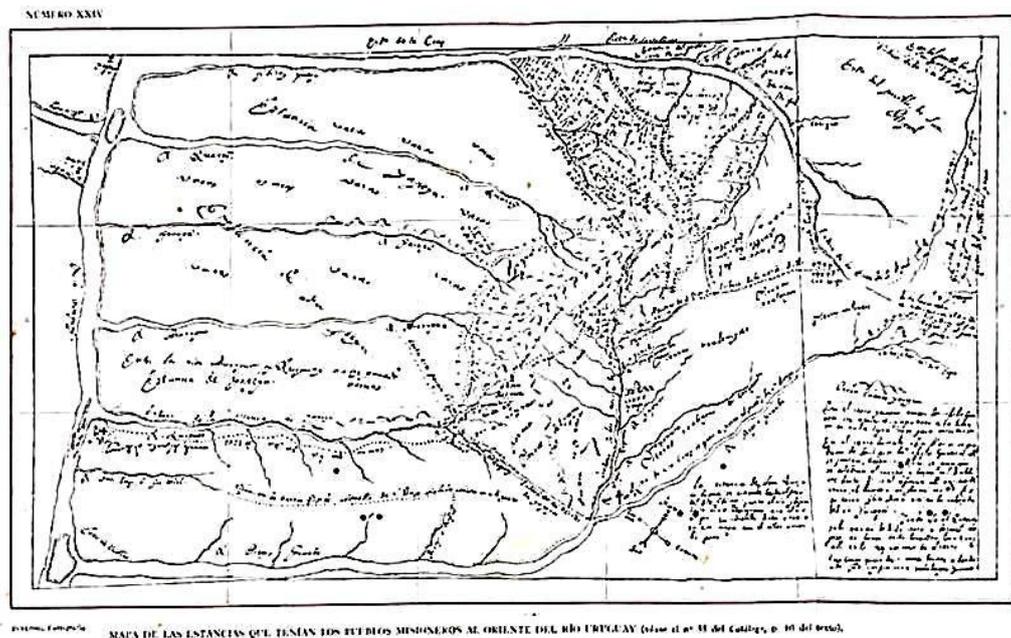


Figura 52. A estância de Yapeyú por ocasião da visita feita pelo P. Nusdorffer, em 1752.
La estancia de Yapeyú cuando de la visita de P. Nusdorffer en 1752.

Para garantir a permanência do gado nesse espaço, a partir de 1716, se criaram postos nas aberturas da Coxilha de Yapeyú, seu limite oriental.

Estaban (os postos) ubicados de tal manera que sirvieran para contener el ganado cimarrón desperdigado. (Levinton, 2005, p. 41).

P. Nusdorffer, em sua viagem de inspeção, segundo mapa acima, passou por esses postos.

Os animais reunidos ou criados na estância podiam ser levados para abastecer a redução utilizando o Caminho Real da margem esquerda, que passava por Santiago e pelo Aferidor, ou

usando o passo de Santa Ana Velha, ou outro vau no rio Uruguai, para embocar no Caminho Real da margem direita, que era a rota principal do gado, que abastecia os povoados missioneiros.

O local, que descrevemos, depois da retirada dos jesuítas em 1768, pertenceu ao Departamento de Yapeyú, que era administrado por Don Juan de San Martin a partir de 1775.

Com o avanço português sobre a região depois da tomada dos Sete Povos, em 1801, pertenceu à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul sob a denominação de Província dos Sete Povos das Missões do Uruguai. Alguns de seus proprietários são conhecidos.

Em 1814/16, no período da distribuição das sesmarias nessa região, Bernardo Pereira do Couto, por posse ou compra arranchava no local.

Aproximadamente em 1830/35, Bernardo vendeu a propriedade para Patrício Alfaro. Com a morte de Patrício em 1877, a viúva Bárbara Rufina da Silva continuou aí residindo.

O local foi incendiado [mais] duas vezes, segundo a história oral. Pela primeira vez, durante a Guerra do Paraguai, em 1865, pelo exército invasor; e pela segunda vez, na Revolução de 1923, num combate entre ‘chimangos’ e ‘maragatos’. (Clos, 2012, p. 51).

3. NO ALTO RIO IBIROCAI

En el alto rio Ibirocai

A ESTÂNCIA SÃO SEBASTIÃO

La estancia San Sebastián

As instalações da Estância da Queimada se caracterizam como do segundo momento construtivo missioneiro, sem indícios do terceiro momento. Mas, subindo o rio Quaraí em direção às nascentes, encontramos duas estâncias com claros testemunhos desse terceiro período. São as estâncias São Sebastião e Libertadora, implantadas sobre o alto rio Ibirocai. (Ver figura 4). Nossa hipótese é de que representem cascos de um período mais recente da Estância São José, agora junto ao Caminho Real.

A Estância São Sebastião, localizada no alto curso do rio Ibirocai, afluenta da margem esquerda do rio Ibicuí, apresenta, hoje, um casco bonito e bem organizado, no qual se criam animais em caráter extensivo e se planta arroz em áreas úmidas.

Está localizada cerca de 8 quilômetros ao norte da BR 290 e apenas 800 metros do antigo Caminho Real, em seu ramo leste-oeste, que entroncava no ramo principal norte-sul cerca de 17 quilômetros a oeste. Como vimos anteriormente, o Caminho Real ligava o conjunto das reduções do rio Uruguai com Paysandu e o centro administrativo da Província de Buenos Aires. O Caminho Real coincide aqui, parcialmente, com o Caminho do Imperador.

A propriedade pertence à Família Pons e, segundo informações de funcionários, seu proprietário principal não nasceu e não mora no local, mas é do campo e continua atividades tradicionais da região, o que é importante para a manutenção dos testemunhos missioneiros.

Localização geográfica: Latitude: 29°56'18.40"S e Longitude: 56°21'20.69"O.

O casco atual de Estância São Sebastião guarda elementos significativos do terceiro período construtivo das missões, período no qual arquitetos formados na Itália, como os irmãos Brasanelli e Primoli, construíram importantes igrejas nas reduções e deixaram discípulos que usaram o estilo também em construções mais simples. Os prédios missioneiros de São Sebastião, refletem esse estilo e, com isso, se distinguem daqueles que estudamos na Estância Santiago, no Aferidor e na Queimada.

As habitações principais são levantadas de acordo com projetos definidos previamente, construídos com blocos de pedra canteada, sobreposta sem uso de argamassa, as aberturas são encimadas por arco romano, arco rebaixado, ou pesada travessa de pedra, e a cobertura é de telha canoa. Reconhecemos nesse estilo a estrutura básica do quadrilátero habitacional, que teve anexos posteriores com materiais e técnicas diferentes; o edifício da capela e a casa dos administradores religiosos, que são total missioneiros.

Tudo indica que a construção ou reforma da estância tenha ocorrido a partir de 1730, pois, como afirma Darko Sustersik “é nessa época que surgem as obras mais sofisticadas, resultado da ação de jesuítas arquitetos que adotaram sistemas construtivos europeus, com a introdução de padrões de composição arquitetônica em estruturas com paredes portantes de pedra para suportar arcos e abóbodas de pedra”. (Clos, 2012, p. 65).

O croqui mostra as estruturas principais, que serão por nós detalhadas: no centro, o quadrilátero habitacional; para cima a capela; para o lado direito a casa da administração; ao redor, as taipas, as cercas e os currais, o bebedouro dos animais (tajamar), o cemitério, um possível forno de tijolos e o campo. O croqui também indica as fases construtivas.

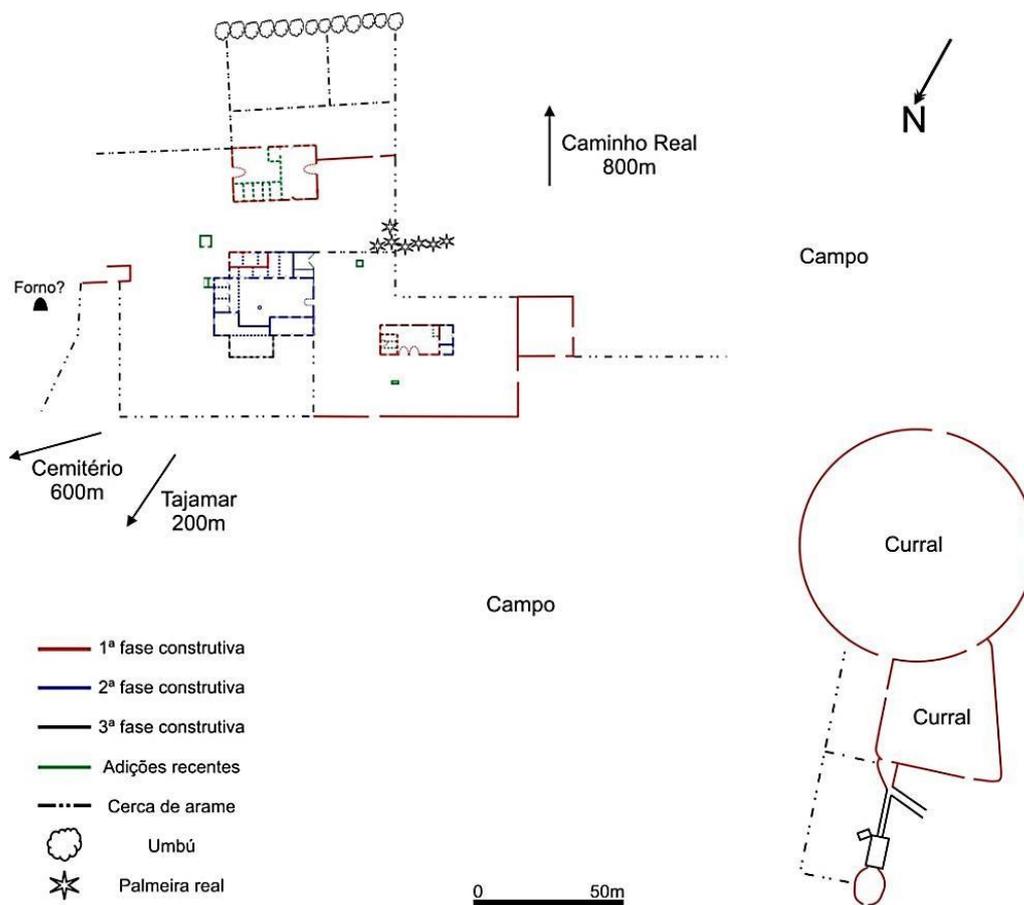


Figura 53. Croqui da Estância São Sebastião, indicando as estruturas principais e as fases de construção.
Croquis de la estancia San Sebastián, con las estructuras principales y las fases constructivas.

O conjunto caracteriza um casco de estância que se estabeleceu no período reducional, segundo nossa hipótese como novo casco da Estância São José, cuja primeira sede teria sido a Queimada.

Com ocupações permanentes, os prédios se conservaram com perdas e acréscimos para atender necessidades sobrevenientes e usando novos materiais. Também se construíram prédios em novo estilo.

Falamos primeiro do bloco central. Ele reúne construções variadas, que formam um quadrilátero fechado, com acesso por um portão encimado por arco romano. A disposição em quadrado estava no projeto original como mostra a disposição e levantamento dos prédios missioneiros principais: eles são de pedra e seus telhados de uma só água descarregam para o centro, onde se encontra um poço murado, ou cisterna que, até hoje, recolhe a água das chuvas. Acréscimos posteriores geralmente são construídos com tijolos, têm coberturas em duas águas, mas não fogem do padrão da implantação original no quadrado. Na figura 61 mostramos um desses acréscimos: nela se vê uma parede de pedra do quadrado inicial e o acréscimo externo em tijolo.

Para o historiador, à primeira vista, o quadrado pode lembrar uma casa andaluza do sul da Espanha com seu aljibe central. Foi a mesma impressão que teve Carlos Page ao estudar as estâncias jesuíticas de Córdoba, Argentina, que também são construídas em quadrados. (Page, 2001, p. 122). A tese de Luiz Antônio Custódio, defendida em Sevilha, em 2010, mostra que o quadrado também pode seguir o modo de construir (*modus noster*) dos jesuítas, que orientava suas edificações em todo o mundo, sob o controle da administração geral, em Roma. (Custódio, 2010, p. 167).

Qualquer que tenha sido o modelo usado, a disposição em quadrado era adequada porque permitia o controle de pessoas, atividades e bens da estância, facilitava sua defesa em caso de ataques por índios seminômades, bandoleiros do campo, mas também onças e cães selvagens que infestavam os campos. Bastava fechar o grande portão. O pátio interno também oferecia espaço para as pessoas e bens dos viajantes do longo e despovoado Caminho Real.

Este é o setor residencial e operacional da estância. Vamos mostra-lo com vagar, de frente, de cima, em seus quatro lados e no pátio interno.



Figura 54. Vista geral do casco da Estância São Sebastião.
Visión general del casco de la Estancia San Sebastián.



Figura 55. O núcleo da Estância São Sebastião.
El núcleo de la Estancia San Sebastián.



Figura 56. Vista aérea do recinto central da Estância São Sebastião, área de residência, trabalho, depósito, pousada no caminho.
Visión aérea del recinto central de la Estancia San Sebastián, área de habitación, trabajo, depósito, posada em el camino.

Depois da vista frontal e aérea, damos uma volta ao redor, mostrando os quatro lados; a frente já está na figura anterior.



Figura 57. Parede lateral direita mostrando a disjunção entre a fachada de pedra canteada e a parede de tijolos.
Pared lateral derecha mostrando la disjunción entre la fachada de piedra canteada y la pared de ladrillo.



Figura 58. Continuação da parede lateral direita, em tijolo, menos a esquina, no fundo da foto, parte em pedra e parte em tijolo, como se detalha nas duas próximas fotos. Lugares de trabalho, de escritório e de depósitos.

Continuidad de la pared lateral derecha, en ladrillo, excluida la esquina al fondo de la foto, que es parcialmente en piedra, parcialmente en ladrillo, como se detalla en las próximas fotos. Espacios de manipulación, de oficina e de depósito.



Figura 59 A esquina entre a parede lateral direita e a parede do fundo, vista por fora, em pedra.
La esquina entre la pared lateral derecha y la pared del fondo, vista externa, en piedra.



Figura 60. Vista interna da esquina: a parede de pedra original e os acréscimos em tijolo maciço.
Vista interna de la esquina: la pared original en piedra y las adiciones en ladrillo.



Figura 61. A construção oposta à entrada, em pedra.
La construcción opuesta a la entrada, en piedra.



Figura 62 A cobertura de telha canoa numa das construções em pedra.
El techo de teja cóncava en una de las construcciones en piedra



Figura 63. A construção portuguesa, posterior às Missões, moradia do proprietário.
La construcción portuguesa, posterior a las Misiones, habitación de propietario.



Figura 64. Construção em pedra canteada, no lado esquerdo do portão de entrada. Moradia do administrador da estância.

Construcción en piedra canteada, al lado izquierdo del portón de entrada. Habitación del administrador de la estancia.



Figura 65. O interior do quadrilátero, visto do fundo em direção ao portão de entrada, com espaços administrativos no lado esquerdo e a moradia do administrador junto ao portão, no lado direito.
El interior del cuadrado, visto del fondo en dirección al portón de acceso; oficinas en el lado izquierdo, habitación del administrador en el derecho junto al portón.



Figura 66. Vista do interior do quadrilátero, a partir do portão de entrada. No prédio do fundo existe a capela doméstica de São Sebastião, um banheiro e um depósito.
El interior del cuadrado, visto del portón hacia el fondo, donde está la capilla de San Sebastián, un baño y un depósito.



Figura 67. A capela doméstica atual, dedicada a São Sebastião.
La capilla doméstica actual dedicada a San Sebastian.



Figura 68. O poço murado, no meio do recinto.
El pozo murado (el aljibe).

A pequena distância do quadrilátero, com a mesma orientação, está uma construção retangular de 28 x 17 m, toda em pedra canteada, com as duas extremidades abrindo em grande portão encimado por arco romano, ladeado por duas janelas. No croqui da figura 53 este prédio está acima do quadrilátero anterior. Também aqui mostramos, sem pressa, os quatro lados e o interior.

É notável a simetria na disposição das aberturas, portões de entrada e janelas nas extremidades e nas paredes laterais do corpo do edifício. O friso ao longo de toda a parede interna reforça sua unidade. Um só telhado, em duas águas assimétricas, cobria todo interior, sem repartições; provavelmente se apoiava em colunas de madeira. O conjunto mostra que foi construído de acordo com um projeto para ser um espaço social, como uma grande capela ou igreja.

Dagoberto A. Clos (2012) pensa que durante a ocupação portuguesa do começo do século XIX o prédio teria servido de cavalaria para as tropas. Posteriormente se instalaram nele as baias para os cavalos da estância.



Figura 69. O prédio e seu entorno, com cercas vegetadas em ambos os lados., incluindo um conjunto de grandes umbus, à esquerda

El predio y su entorno, con cercas vegetadas en ambos costados y un conjunto de grandes ombúes, a la izquierda.



Figura 70. Os velhos umbus alinhados na cerca.
Los viejos ombúes en la cerca.



Figura 71. O prédio visto do alto.
El predio em visión aérea.



Figura 72. Aproximando o portão.
Aproximando el portón.



Figura 73. Pormenor do arco.
Detalle del arco.



Figura 74. Outro detalhe: um vão para implantação de trave transversal de madeira entre a parede vertical e a curva para dar segurança à parte móvel do portão. Na figura 72 se vê como ela funcionaria; também na figura 111.

Otro detalle: un hueco para encaje de viga transversal de madera entre la pared vertical y la curva proporcionando seguridad a la parte movil del portón. En la figura 72 se ve como esto funcionaría; también en la figura 111.



Figura 75. A parede lateral direita com suas janelas. Os portões de ferro são novos.
Pared lateral derecha con sus ventanas. Los portones de hierro son posteriores.



Figura 76. Vista interior da mesma entrada. No lado esquerdo, baias para cavalos.
Vista interna de la misma entrada. En el lado izquierdo, instalaciones para caballos.



Figura 77. As baias dos cavalos.
Las instalaciones para los caballos.



Figura 78. O mesmo portão e a parede lateral esquerda com suas janelas.
El mismo portón y la pared lateral izquierda con sus ventanas.



Figura 79. A fachada oposta, com o portão transformado.
La fachada opuesta, con un nuevo portón.



Figura 80. Pormenor construtivo numa janela.

Detalle constructivo en una ventana.

O terceiro prédio, à direita do quadrilátero no croqui da figura 53, tem 24 x 10 metros, as paredes em pedra canteada, o acesso principal, na parede longitudinal, por dois portões contíguos, separados por uma coluna de pedra, cada um dos portões terminado em arco rebaixado. Na mesma parede existem duas aberturas menores terminadas em arco rebaixado e uma em travessa de pedra. Na parede transversal do lado esquerdo havia outro portão em arco rebaixado. As demais aberturas são encimadas por travessa de pedra. É outro edifício levantado a partir de um projeto anterior, dentro da terceira fase construtiva.

Talvez ele tenha sido levantado em dois tempos: no primeiro uma construção retangular com telhado em duas águas e um portão na frente e uma porta nos fundos; posteriormente, um acréscimo no mesmo estilo, no lado direito a partir da entrada, com um telhado transversal ao anterior. Na primeira parte, o portão abre para um espaço central indiviso; no lado esquerdo deste uma repartição com uma entrada arqueada em separado. O acréscimo posterior está dividido em duas repartições com aberturas para o exterior. (Ver croqui, figura 53).

O acabamento e as repartições sugerem que se tratava da residência do irmão ou padre responsáveis pela estância, com o pessoal que os servia. Para os religiosos havia normas de isolamento com relação aos demais trabalhadores, representado pelo afastamento da moradia e altos muros que o isolavam.

Junto à residência do religioso costumava existir uma horta para alimentos básicos. De fato, ao lado deste prédio ainda se observa o cercado de uma velha horta (no croqui um cercado em pedra). Também existe um tanque ou cisterna para abastecer a casa.

Ligado ao setor religioso, tem-se a informação de um velho cemitério, que não foi visitado.



Figura 81. A terceira construção missioneira: a residência dos religiosos, os muros que a isolam e o tanque para água.

La tercera construcción misionera: la habitación de los religiosos, los muros que la mantienen aislada y el tanque de agua.



Figura 82. A frente e o lado direito.

La fachada y el lado derecho.



Figura 83. Os fundos da casa.
Los fondos de la casa.



Figura 84. O lado esquerdo da casa.
El lado izquierdo de la casa.

Além das já descritas, existem ruínas de edificações menores feitas em pedra.



Figura 85. Pequena construção fora do aglomerado habitacional.
Pequeña construcción fuera del aglomerado habitacional.

No croqui (figura 53) se observa, ainda, um conjunto de currais de muito bom acabamento, alguns certamente antigos, mas com acréscimos posteriores. Apresentamos algumas vistas.



Figura 86. No centro os currais e no fundo aparece a construção da capela.
En el centro los corrales, hacia el fondo aparece la capilla.



Figura 87. O curral circular com seu anexo retangular.
El corral circular con su anexo retangular.



Figura 88. Vista da parte retangular.
Vista de la parte rectangular.



Figura 89. Pormenor do curral circular.
Detalle del corral circular.



Figura 90. Anexo elíptico ao curral circular.
Anexo elíptico al grande corral.

Em posição paralela aos currais, uns 200 m do quadrado habitacional, existe um bebedouro para animais (*tajamar*), murado à maneira das outras construções missioneiras. Veja as fotos.



Figura 91. O açude.
El tajamar.



Figura 92. Outra vista do açude.
Outra vista del tajamar

No croqui (figura 53) ainda se vê, à esquerda do setor habitacional, a indicação de um possível forno de tijolos. A hipótese de uma olaria surgiu desse amontoado de tijolos maciços, mas não houve maior pesquisa. Tijolos desse tipo foram muito usados em acréscimos e partes mais recentes do quadrado. Veja foto.



Figura 93. Amontoado de tijolos maciços perto do setor habitacional.
Montón de ladrillos en la vecindad del sector habitacional.

A magnitude das construções missioneiras da Estância São Sebastião sugere que nela tenha vivido um irmão administrador, ou mesmo um padre, em conformidade com a tradição da Companhia de Jesus para tais situações, mas não temos documentos.

Segundo D. A. Clos (2012, p. 65), quatro jesuítas teriam sido responsáveis pela Redução de Yapeyú, neste tempo, em seus diversos cascos, entre eles, o espanhol Juan Tomás, encarregado da estância, onde provavelmente teria residido. (Em qual dos cascos então existentes?) P. Tomás nasceu em Mallorca, em 25.10.1711, tornou-se jesuíta em 02.03.1734 no Paraguai, estava em Yapeyú em 1768, por ocasião da expulsão dos jesuítas, e morreu no mar em 11.04.1769, quando era levado para o exílio. (Storni, 1980, p. 284).

A Estância São Sebastião nasceu de um projeto original e teve bastantes modificações nos quase três séculos de existência, primeiro como estância missioneira, depois administrada pelo departamento provincial de Yapeyú, finalmente como propriedade particular na Província brasileira de São Pedro, depois no Estado do Rio Grande do Sul. Nela temos uma rara amostra de estância que resiste ao tempo, às guerras e revoluções e às identificações nacionais.

A ESTÂNCIA LIBERTADORA *La Estancia Libertadora*

A Estância de São Sebastião não estava sozinha. A uma distância de 6,5 quilômetros a leste, na margem esquerda do Arroio Ibirocai, com uma implantação semelhante junto aos mesmos antigos caminhos, está a Estância Libertadora, também em estilo de construção missioneira do terceiro período construtivo. Na figura 4 pode ser vista sua localização.

Segundo Dagoberto A. Clos (2012, p. 67), já em 1670/80, a Estância Santiago teria estabelecido o Posto do Ibirocai. Além de gado, por aí teriam sido escoados outros produtos, como madeiras, couro, erva-mate etc.

É, novamente, um antigo quadrilátero de construções de pedra canteada, com acréscimos em tijo maciço e muros complementares, tendo um só portão de entrada ao conjunto. O croqui da figura 94 mostra a distribuição das estruturas construídas, as cercas, os currais, o bebedouro dos animais (açude) e a distância do Passo dos Moura, para cuja travessia teria sido muito importante.

Buscando facilitar a apresentação dos prédios do quadrado usamos números: Prédios 1, 2, 3 e 4.

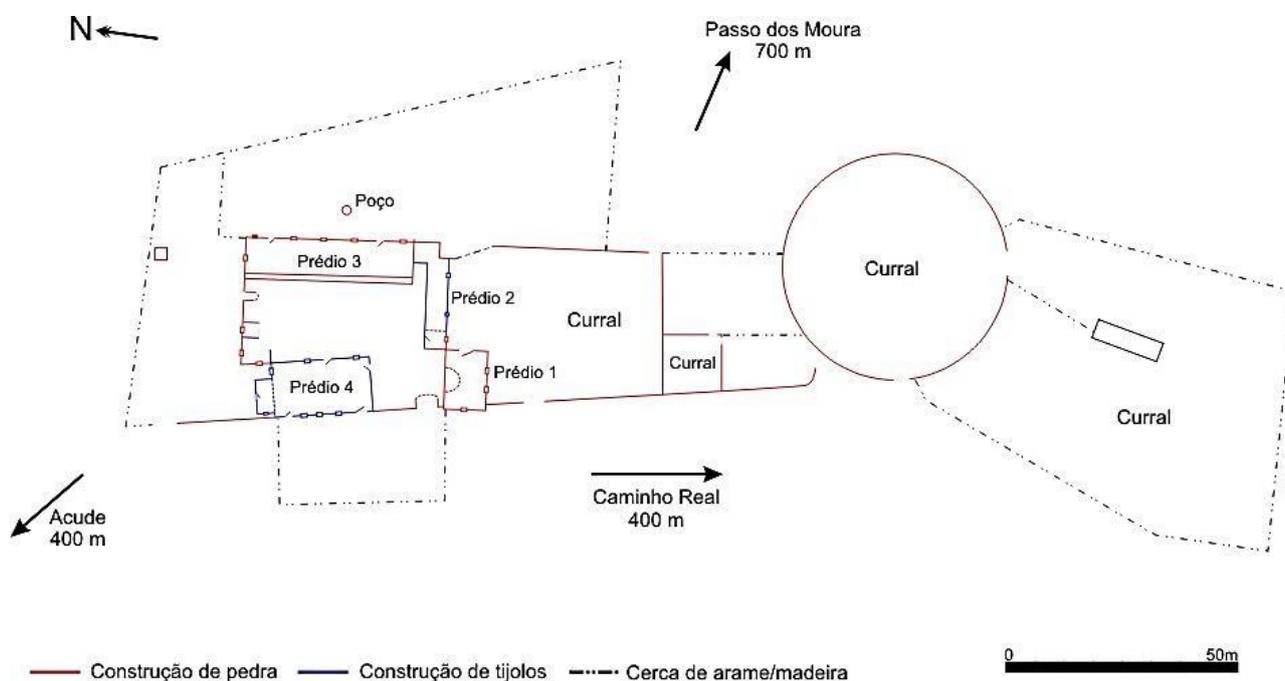


Figura 94. Croqui do casco da Estância Libertadora, com a indicação das principais estruturas.
Croqui de la Estancia Libertadora con sus estructuras.



Figura 95. Chegada na estância Libertadora, com prédio 1.
Acceso a la Estancia Libertadora, con predio 1.



Figura 96. Portão de entrada para o complexo habitacional e prédio 1.
Portón de acceso al complejo habitacional y predio 1.



Figura 97. Prédio 1. A porta do fundo liga aos currais; o portão da frente liga ao quadrilátero habitacional.
Predio 1. La puerta del fondo abre para los corrales; el portón para el cuadrado habitacional.



Foto 98. Interior do prédio 1. Paredes e piso de grandes pedras, ligado ao manejo de gado.
Interior del prédio 1, con paredes y piso de grandes lajas, vinculado a la gestión del ganado.



Figura 99. Nicho triangular entre o portão arqueado e o portão de entrada do quadrilátero habitacional; está localizado atrás do portão de ferro visto na foto seguinte.

Nicho triangular ubicado entre el portón arqueado y el portón de acceso al cuadrilátero habitacional; se ubica por detrás del portón de hierro visto en la próxima foto.



Figura 100. Os dois portões: o da entrada e o do prédio 1. O anexo, à esquerda na foto, mostra a combinação de estruturas de pedra com tijolos.

Los dos portones: el del acceso y el del predio 1. En el anexo, a la izquierda de la foto, se ve la combinación de estructura de piedra con relleno de ladrillos.



Figura 101. No centro, o prédio 2; à esquerda, o prédio 1; à direita, o canto do prédio 3. Em pedra canteada, com duas janelas para os currais, telhado em uma água para dentro do quadrilátero.
En el centro, el predio 2; à la izquierda, el predio 1; à la derecha, la punta del predio 3. En piedra canteada, con dos ventanas para los corrales, techo en un agua para dentro del patio.



Figura 102. O interior do prédio 2. Coluna de pedra sustentando o telhado, piso de pedras regulares. Lugar de trabalho e depósito.
Interior del predio 2. Columna de piedra canteada que sostiene el techo, piso de piedras regulares. Lugar de trabajo y depósito.



Figura 103. Esquina do prédio 2 com o prédio 3. Observar as estreitas aberturas verticais na parede, de prováveis nichos triangulares como o do prédio 1. Para observação e defesa.

Esquina de predio 2 con el predio 3. Observar las estrechas aberturas verticales en la pared, probables nichos triangulares como el del predio 1. Para observación y defensa.



Figura 104. O prédio 3 corresponde ao fundo, ou lado 3 do quadrilátero. Em pedra canteada, telhado em uma água para dentro do quadrilátero; portas e janelas em arco rebaixado, porta abrindo para pequeno parque. Moradia do proprietário.

El predio 3 corresponde al fondo, ó lado 3 del cuadrilátero. En piedra canteada, techo en un agua para dentro del cuadrilátero; portas y ventanas en arco rebajado abriendo para pequeño parque. Habitación del propietario.



Figura 105. O poço murado, externo ao quadrado, já sem uso.
Pozo murado, externo al cuadrado, ya sin utilización.



Figura 106. Ao fundo, galeria externa do prédio 3, dentro do quadrilátero.
Al fondo, galería externa del prédio 3, en el interior del cuadrilátero.



Figura 107. Outra vista interna da galeria.
Otra vista interna de la galería.



Figura 108. O prédio 3 e a esquina com o lado 3, onde existem estruturas em ruínas (foto seguinte), e muros fechando o quadrilátero.

El predio 3 y la esquina con el lado 3, donde existen estructuras arruinadas (próxima foto) y muros que cierran el cuadrilátero.



Figura 109. Estruturas em ruínas do lado 3, vistas de dentro do quadrilátero.
Estructuras arruinadas del lado 3, vistas de dentro del cuadrilátero.



Figura 110. Na parede transversal da estrutura vista acima, uma imagem da Virgem Maria.
En la pared transversal de la estructura de la foto anterior, la imagen de la Virgen María.



Figura 111. Vista externa de uma janela na parede do lado 3. Observar a maneira de fazer o arco da janela; e a desconexão entre as construções no lado esquerdo.

Vista externa de una ventana en la pared del lado 3. Observar la construcción del arco de la ventana; y la falta de conexión en la pared.



Figura 112. Detalhe da maneira de cantejar e assentar a pedra na parede do lado 3.
Detalle de la manera de cantejar la piedra y sobreponerla en la pared del lado 3.



Figura 113. Uns 20 m à frente dessa parte arruinada, uma antiga porta dava acesso à horta, hoje abandonada.
No croqui, pequeno quadrado.
*Unos 20 m frente a esta parte arruinada, una antigua puerta conducía a la huerta, hoy abandonada.
Pequeño cuadrado en el croqui.*



Figura 114. O prédio 4 e o portão de entrada fechando o lado 4. Uma construção mais recente, pintada; telhado em duas águas, um portão, duas portas e duas janelas; calçamento em frente à construção, que foi bolicho. (Ver Janela 6).
El prédio 4 y el portón de entrada, que cierran el cuarto lado. Construcción posterior, pintada; techo en dos aguas, un portón, dos puertas y dos ventanas, paseo pavimentado frente a la construcción, que fue pulpería. (Ver Ventana 6).



Figura 115. Currais.
Corrales.



Figura 116. Outra vista de currais.
Otra vista de corrales.



117. Pequena construção, fora do quadrilátero.
Pequeña construcción, fuera del cuadrilátero.

O estilo geral da sede lembra o da Estância São Sebastião, com seu quadrilátero central fechado, protegendo de aventureiros, bandoleiros, índios revoltados, onças e as matilhas de cães selvagens (Duarte, 2012, I, 257s, nota 411); também os currais são parecidos aos de São Sebastião. A ausência de uma capela e de uma residência separada para o administrador religioso sugerem que, ao tempo da Missão, ela era menos importante, podendo ser uma estrutura subsidiária ou complementar da São Sebastião junto ao Passo dos Moura, que dista 600 m. Ao tempo da ocupação lusa ela mantém a semelhança, com a implantação da nova casa lusa, que se tornou bolicho e que ocupa uma posição parecida em ambas as instituições.

O Passo dos Moura representa uma passagem do Caminho Real pelo rio Ibirocaí. O rio corre ali sobre um lajedo plano, horizontal, levando as águas a se espriarem tornando-as menos fundas, do que resulta uma travessia menos perigosa para animais, carretas e humanos. As barrancas não são abruptas, permitindo acesso fácil. O caminho que leva ao passo foi delimitado com alinhamento de pedras e os pontos úmidos foram calçados, facilitando a passagem das carretas. Etz (2009) descreveu semelhantes linhas de pedra e calçamentos sobre o arroio Imbaá, no mesmo caminho, na proximidade de Uruguaiana.

O passo tornaria difícil sua transposição nas prolongadas chuvas de inverno e uma hospedaria na proximidade seria estratégica. A primitiva Libertadora missioneira desempenharia este papel. O bolicho instalado na mesma, posteriormente, também.

O espaço é bem servido de arroios, que também têm seus passos rasos com leitos lajeados.



Figura 118. Correção do antigo Caminho Real, na proximidade do Passo dos Moura.
Corrección del antiguo Camino Real, próximo al Paso de los Moura.



Figura 119. Alinhamento de pedra delimitando o caminho.
Línea de piedra que delimita el camino.



Figura 120. O Passo dos Moura no rio Ibirocaí.
El paso de los Moura en el rio Ibirocaí.



Figura 121. O passo dos Moura no rio Ibirocaí.
El paso de los Moura en el rio Ibirocaí.



Figura 122. O Ibirocaizinho e seu passo.
El Arroyo Ibirocaizinho y su paso.



Figura 123. O passo do arroio Ibirocaizinho.
El paso del Arroyo Ibirocaizinho.

As estâncias de São Sebastião e da Libertadora talvez não devam ser pensadas como instituições simples de criação de animais. O estilo das construções, especialmente em São Sebastião, superaria suas necessidades funcionais. O investimento em suas construções contrasta com a pobreza da sede da redução, que não chegou a renovar sua igreja matriz quando diversas outras reduções construíram templos novos sob o mando de Brasanelli, Primoli e outros irmãos e padres jesuítas, que eram arquitetos formados na Europa. (Bollini, 2009). A influência desses arquitetos chegou às estâncias do alto rio Ibirocaí.

O investimento na São Sebastião poderia ser mais bem justificado se ela correspondesse ao casco da Estância São José, num segundo momento, posterior à Queimada. Sua localização junto ao ramo leste do Caminho Real e ao entroncamento deste no ramo norte-sul, a destinava a dominar a região e atender-lhe econômica, social e religiosamente.

Nesta suposição teríamos de pensar, ainda, em serviços de hospedagem, abastecimento e controle, na beira de um caminho de considerável movimentação de pessoas, mercadorias, tropas de vacas, cavalos e mulas. E também de militares das reduções encarregados da vigilância e controle dos campos, onde havia índios seminômades e contrabandistas; ou tropas numerosas se deslocando a serviço do governador de Buenos Aires na reconquista da Colônia do Sacramento e em outras demandas do Império.

Segundo Clos (2012), a partir de 1823, no local da São Sebastião e Libertadora, arranchava o sesmeiro Joaquim Francisco de Moura e sua mulher D. Bárbara Auristela. Com isso, o passo no rio Ibirocaí tornou-se o 'Passo dos Moura'.

Após a Revolução Farroupilha, isto é, por meados do século XIX, o Capitão Feliciano Ribeiro de Almeida adquiriu de Joaquim Francisco de Moura a estância, que chamou de São Sebastião.

Janela 6. O bolicho

Ventana 6. La pulpería

Ao tempo dos jesuítas, a redução abastecia suas estâncias daqueles bens que não eram produzidos nelas, como carne, verduras, talvez um pouco de milho. Com o novo sistema de estância, introduzido após a retirada dos jesuítas, mudou também a estrutura da sociedade, dividida agora em proprietários, peões e desocupados vagamundos e biscateiros.

O bolicho se tornou, então, um lugar de abastecimento de produtos antes fornecidos pela redução, mas também lugar de encontro de pessoas sem pouso próprio ou estável. Ricardo P. Duarte, 2012, I, p. 253ss nos apresenta com a descrição de um bolicho, seus frequentadores e sua vida. Barrios-Pintos (2011), por sua vez, oferece dados substanciais para o contexto dos dois bolichos do projeto, o da Queimada e o da Redentora.

Durante la Cisplatina, al pacificarse el país, se extendieron [las pulperías] como mancha de aceite, a lo largo y ancho de todo el territorio nacional [también no Rio Grande do Sul] teniendo como sede las estancias de los vecinos principales. (Barrios-Pintos, 2011, p. 167).

Algunos pulperos fueron después propietarios de estancias. (Barrios-Pintos, 2011, p. 167).

Segundo Zavala, "muchos hacendados se meten también a pulperos con lo que los peones con la ocasión de tener aguardiente a manos todos los días se ven precisados a hurtar para vestirse." (Barrios-Pintos, 2011, p. 170).

Já a Providência do ano de 1792, ordenava la extinción de las pulperías volantes de los mercachifles de la campaña, causa, según los hacendados, de que las noches de luna los cuadreros hicieran matanzas en los rodeos para luego vender los cueros. (Barrios-Pintos, 2011, p. 174).

Os produtos dos bolichos (cachaça, fumo, erva-mate, farinha de mandioca, queijo, roupas básicas de algodão) também eram conseguidos no contrabando capilar que existia no campo, usando como moeda de troca de animais caçados ou roubados. (Barrios-Pintos, 2011).

Em 1831, o general Fructuoso River prendeu muita gente entre vagos e gauchos, representados por correntinos, misioneiros, entrerrianos, desertores, alguns criollos e algum francês, italiano, português e vizcaíno, quase todos estes últimos com pulperias (bolichos) volantes. (Barrios-Pintos, 2011, p. 170).

4. NO RINCÃO DO queguay

En el rincón del Queguay

SÃO JOSÉ NOVO

San Joseph el nuevo

A década de 1730 foi muito desfavorável para as reduções. Nessa década a população foi reduzida à metade, de 140.000 para 72.000 pessoas por uma sequência de incidentes: 6.000 índios das missões foram convocados para debelar os *Comuneros* de Asunción, 3.000 e, depois, mais 1.000, para sitiar a Colônia do Sacramento, todos sustentados com o gado das estâncias. Elas deixaram de fazer as plantações responsáveis pelo sustento das famílias. Dispensados do serviço militar, muitos soldados não voltaram a seus povoados e a suas famílias, mas ficaram vagando pelos campos, roubando e assaltando para se manterem. Muitos foram mortos pelas onças que também estavam famintas. A epidemia de sarampo ceifou muitas vidas, às vezes a metade de um povoado. Houve epidemias também entre os animais, reduzindo os rebanhos de vacas e cavalos ao ponto de as tropas convocadas pelo Governador terem de marchar a pé por falta de montarias. Secas se estenderam por vários anos e foram seguidas por invasões de gafanhotos. Só o que havia era fome. (Carta Anua de 1730-1735, p. 141-144).

Essa é a moldura para o que vai acontecer.

Depois do abandono das vacarias do Mar e do Rio Negro e o fracasso na instalação e aproveitamento da vacaria dos Pinhais, em 1731 as missões resolveram criar, na parte meridional da estância São José, em espaço que agora pertence à República Oriental do Urugai, um novo casco, chamado São José Novo, destinado a produzir gado de corte para socorrer as reduções que estavam morrendo de fome.

En 1731 finalmente se resolvió, después que el ganado de la Vaquería de los Pinares fuera robado por los portugueses, crear una estancia separada dentro de la estancia grande de San Joseph de Cuareim. Tenía 20 leguas de ancho y 10 de largo donde se depositaron 40.000 vacas divididas en tres o cuatro rodeos para ser amansadas. En función del tipo de manejo de esta estancia, orientada a una producción más especializada, se configuró un casco. (...) Se le ubicó en el rio Arapey y se designó el sitio como San Joseph el nuevo (Levinton, 2005, p. 43). (Ver Figura 3).

A este lugar se habían de ir llevando cuarenta mil cabezas de lo restante de la estancia; y en los límites de aquel espacio se habían de poner de trecho en trecho algunos guardas con un Padre y un hermano coadjutor. Se había de esperar ocho años, en cuyo tiempo las cuarenta mil cabezas, guardadas debidamente, se multiplicarían hasta doscientas mil. Y estando el ganado y la posesión en Yapeyú, no se habían de enviar ya de los otros pueblos indios a vaquear, sino que se habían de comprar las reses. Y como estas eran ya

mansas, se les puso de precio un real más que a las salvajes, que solían estar a tres reales. Otro tanto se resolvió en cuanto a la estancia de San Miguel y de este modo se proveyó a las Misiones hasta que llegó el tratado de límites (Cardiel, 1918, p. 289-290).

Nos documentos está explícito que a estância seria exclusivamente para gado de corte; não se criariam éguas, nem ovelhas e não haveria interesse em mulas, que eram o grande negócio do tempo. Para estas outras criações se fundaram postos especializados na margem direita do rio Uruguai, completando, assim, o círculo de serviços que as estâncias estavam destinadas a prestar às reduções.

Después de 1740, entre ella y el centro urbano se fundaron puestos destinados a diferentes ganados: dedicado a la cría de ovejas el puesto de San Martín, caballos el de San José, mulas de carga el de San Xavier, vacas lecheras el de San Isidro, bueyes el de San Felipe y yeguas los de San Alonso y San Jorge (Levinton, 2005, p. 37).

Esses postos da margem direita do rio estavam ligados pelo Caminho Real dessa margem, que se tornou a rota do gado entre a estancia São José Novo e as reduções localizadas mais ao Norte, nas bacias do Uruguai, do Paraná e do Paraguai. (Issler Duarte, 2015). Eles estavam distribuídos em espaços regulares e serviam de pouso aos viajantes da rota.

5. AS PESSOAS NA ESTÂNCIA

Los sujetos de la estancia

As reduções, e tudo o que estava ligado a elas, fazia parte da Província (jesuítica) do Paraguai e se encontrava sob a responsabilidade de seu Provincial. Este fazia, ou mandava fazer por seu vice, inspeções regulares, que resultavam em Memorandos, contendo relatórios e agendas muito ricos.

Na ordem administrativa local a responsabilidade da redução e de suas estâncias era do cabido, eleito pelos moradores da redução.

A administração das estâncias era delegada ao Cura, que geralmente encarregava seu companheiro (cura-estancieiro) da inspeção e do atendimento religioso na mesma.

Seu colaborador direto era o irmão jesuíta, que residia na estância e a respondia por seu funcionamento.

A estância era movida pelo braço índio da redução, distribuído entre o casco e os postos. Em cada posto havia um capataz local e no casco a um capataz geral, que respondia ao cabido e podia ter nele um assento. Raramente era contratado um mestiço ou *criollo* para administração ou serviço especial. Não havia escravos de origem africana.

A estância era um braço da redução, fazia parte do seu *tupambae*, como eram as lavouras comunitárias, o trabalho nos ervais e o transporte pelo rio Uruguai ou pelo Caminho Real. Seus executores continuavam ligados à vida do povoado da redução e seguiam suas normas. A partir da bibliografia buscamos algumas informações sobre a composição, as funções e atividades dos moradores da estância.

No casco da estância costumava existir uma capela.

Los Padres Curas visitarán dos veces al año las estancias por sí ó por medio de su Compañero: y si ni de la una manera ó de la otra pudieren, darán parte al P. Superior para que dé la providencia conveniente. (Hernandez, 1913, p. 601).

Los que están en las estancias y chácaras, aunque estén lejos, acudirán a oír Misa a su Doctrina ó á la más cercana de la estancia; repartiéndose de manera, que acudan unos días los unos, y otros días los otros. (Hernández, 1913, p. 594 s).

Se, como pensamos, na Estância São Sebastião residia um padre, sua grande igreja junto ao Caminho Real seria um desses pontos, que organizaria atividades religiosas, de catequese e de ensino das crianças. Em cascos menores, como o da Queimada, onde moraria um irmão, e existe uma capela pequena, caberia a ele a iniciativa religiosa. Consta que também os capatazes, em seus respectivos postos, organizavam momentos religiosos, de reza do terço e de canto da ladainha no fim da tarde, como se fazia na sede.

Não temos dados consolidados sobre os padres que atendiam as estâncias. De irmãos residentes na Estância de Yapeyú temos apenas dois nomes, entre 1742 e 1749, que são os irmãos Antonio Lugas y Julián del Pino. (Hernández 1913, p. 357).

O padre e o irmão, mesmo vivendo isolados no campo, mantinham a regra da clausura. Para isto, sua residência costumava estar separada do alojamento dos outros moradores.

Guardase clausura en las casas como en los colegios, de manera que jamás entra mujer alguna, ni en el principio de los patios. (Hernández, 1913, p. 552).

A janelinha para alcançar a comida da cozinha para o refeitório, na Queimada, provavelmente faz parte dos cuidados.

Na medida em que isto se aplicava e era possível, eles cumpriam os horários prescritos para os moradores do povoado.

La distribución cotidiana es ésta: A las 4 en verano, se toca a levantar. A las 5 en invierno. A las 4 y media en otoño y primavera. A las 4 y media toca la campana de la torre à las Avemarias: à las 4 y media a oración mental. A las cinco y cuarto abre la puerta el portero para que entren los sacristanes y cocinero. A las 5 y media, á salir de oración con la campana chica de los Padres, y con la de la torre, á Misa. Dice inmediatamente Misa uno en el altar mayor, el otro en el colateral. Acabada ésta va á dar el Viático ó Extremaunción al que lo necesita, o hace algún entierro, y como son pueblos grandes, pocas veces falta. ... (Hernández, 1913, p. 554).

Para atender a moradia do padre e do irmão estavam o cozinheiro, o padeiro, o sacristão, o hortelão, o guarda das chaves.

Tambien serán seis y no más muchachos que sirvan en casa de los cuales tendrán aparte su dormitorio, y fuera del no dormirá alguno dellos. Tendrá también su hamaca de por sí. Y tendrán todas las noches vela encendida que pueda durar hasta la mañana. Y visítenles algunas veces después de acostados sin tener día ni hora sea porque no se aseguren. Y procuren que siempre tengan que hacer, como también los oficiales de casa y no se tenga en ella indio que no sea de buenas costumbres. (ARSI, paraq. 12 – Ordenes para todas las Reducciones, aprobados por N. P. Gel, Juan Paulo Oliva, 1690, 23, apud Custódio, 2010, p. 119).

O Memorial deixado pelo Padre Bernardo Nusdorffer (Vice-Provincial), após a visita feita em 31 de julho de 1744 a São José Novo, voltou a este assunto, segundo Serres (2018).

Para o serviço do irmão e do padre, o superior ordenou que houvesse oito índios: dois pajens, dois para cozinha e padaria, um para a sacristia, um para a horta, um capataz e um velho. (O velho era o responsável pelas chaves de todas as portas e cuidava de sua abertura e fechamento nos horários prescritos).

Estabeleceu, ainda, que a casa e a capela, de um e de outro lado, tivessem boa cerca, de modo que de um lado ela formasse um pátio decente e do outro lado a horta com uma cerca, cuja porta se fecharia de noite.

Ordenou, também, que os da casa recebessem cada ano seis garrafas de vinho, duas garrafas de sal, dois frascos de aguardente para remédio, quatro arrobas (60 Kg) de açúcar, uma bolsa de mel, um terço (tercio) de erva-mate para cada um, uma quantidade (carpeta) de doces. Supunha-se que colhessem ali mesmo o trigo e o milho; se não fosse assim, seria remetido da redução. Também

se lhes enviariam alguns carneiros. No princípio de cada ano receberiam alguns ‘resgates’ de facas, agulhas e outras coisinhas para gratificar os índios.

Os trabalhadores da estância, que se encontravam distribuídos pelos postos e pelo casco, eram homens casados, com suas mulheres e seus filhos.

Cada puesto constaba de un lote de casitas o ranchos, con su arboleda y huerta, y en cada puesto vivían cinco o más familias, con un indio que hacía de capataz o mayordomo, y llevaba las cuentas de los animales que entraban, salían, nacían y morían. (Furlong-Cardiff, 1962, p. 410).

Um Memorial anônimo, datado de 1762, sem indicação da estância, dá uma ideia da distribuição das pessoas e de sua organização nos postos.

No Posto de Las Palmas, que só criava gado, havia um capataz, mais três homens. No Posto del Bagual de Arriba, que também só criava gado, havia um capataz, mais quatro homens. No Posto del Bagual de Abajo, havia um capataz, mais quatro homens. No Posto del Rincón havia um capataz, mais seis homens. No Posto de la Carrada havia um capataz, mais seis homens e um rapaz. No casco da estância havia um capataz, mais quinze homens destinados ao pastoreio e tratamento do gado, sete peões destinados a obras, três velhos para acompanhar as carretas, dois que distribuíam os couros para os cortadores, dois sacristães, seis meninos entre três, quatro e cinco anos, um moço enfermiço, um cozinheiro.

Na estância havia mais 34 mulheres casadas, oito moças crescidas, seis adolescentes, cinco mais novas e de colo, duas meninas, ao todo somavam 122 pessoas. Isto novamente segundo Serres (2018, p. 101).

O Memorial do Padre Bernardo Nussdorffer, de 31 de julho de 1744 para São José Novo estabelecia, também, que os índios estancieiros se ocupassem exclusivamente dos rodeios e dos trabalhos da estância, mas eram estimulados a, também, fazer alguma plantação para seu consumo.

Para os índios que estão na casa e os da estância o P. Cura enviaria a erva-mate e o fumo necessários, de maneira que para setenta índios que estão agora na estância seriam remetidas oitenta arrobas (1.200 Kg) de erva-mate e tanto fumo que ao menos correspondessem dois maços (manoyos) para cada um ao ano. A roupa necessária também seria dada pelo P. Cura, ou ele os vestiria quando visitasse a estância, ou enviaria através do Irmão. Dá-se de roupa o que é costume dar na redução. Aos que vivem na casa com o Irmão e o Padre pode-se dar alguma coisa melhor e também a eméritos, a juízo do P. Cura. Até aqui vão os dados do Memorial de Nussdorffer. (Serres, 2018).

As atividades da estância, que foram registradas nos memorandos e documentos jesuíticos, são predominantemente masculinas. Mas na estância viviam outras tantas mulheres, além de adolescentes e crianças de ambos os sexos. Qual é a parte que as mulheres têm nas lidas com o gado e seu aproveitamento como carne, sebo, couros e chifres; com a produção de alimentos na horta e no pomar, na administração da casa, a criação e educação dos filhos e filhas? Elas participariam da produção de fios de algodão e lã para a tecelagem, que era uma das ocupações básicas de suas companheiras do povoado? Os adolescentes e crianças também participariam das atividades, especialmente na contagem dos animais, no controle do nascimento de ovelhas e no afastamento de aves de rapina desses filhotes.

O conjunto dessas respostas proporciona um quadro inicial. Para fazê-lo mais nítido nada melhor que uma confrontação com estâncias (ou fazendas, como se chamavam no Brasil) da

mesma época levadas também por jesuítas como âncora econômica de suas obras, sejam estas missões entre populações nativas, sejam colégios urbanos. Oferecemos duas amostras.

Nem sempre essas denominadas estâncias, ou fazendas, eram só, ou predominantemente, de produção de carne para alimentar sua população, ou lã para a vestir no inverno; podiam ser, também, de produção múltipla e variada na mesma unidade fundiária. Nas reduções a criação de alimentos, de fibras para tecelagem e de mercadorias para o mercado estavam separadas e corriam paralelas em espaços diferenciados.

Se nas reduções a mão-de-obra é indígena, trabalhando num regime comunitário não remunerado, porque as estâncias faziam parte do *tupambaé* da redução, nas instituições que usamos para comparação, a mão-de-obra é africana e o regime de trabalho é servil, com eventual contrato de índios livres, de mestiços ou de *criollos*. Essas estâncias possuíam, em média, 300 a 500 escravos. (Page, 2011).

Mostramos, primeiro, as estâncias de Córdoba, na Argentina, a partir de dados extraídos de Page (2016, p. 103-132), especialmente do capítulo “Las estancias Jesuíticas”.

A Província do Paraguai, a mesma a que pertenciam as reduções e suas estâncias, mantinha em Córdoba, Argentina, seu principal centro de formação, com várias obras importantes: a Igreja, a Universidade, o Colégio interno de Nossa Senhora de Monserrat, o Noviciado. Por ocasião da expulsão, em Córdoba havia 131 jesuítas, mais que no conjunto das reduções. Grande parte da sustentação das obras vinha de grandes estâncias originadas de doações ou mercês reais, de legados particulares e de pequenas aquisições.

As fazendas cobriam amplos terrenos próximo à cidade, abasteciam as respectivas casas e ofereciam consideráveis volumes de mercadorias ao mercado colonial; com a venda dessas, as casas cobriam outras necessidades, que não conseguiam produzir com os próprios meios. As estâncias principais eram Alta Gracia, Caroya, Santa Catalina e La Candelaria, com produções diferenciadas.

Cada estância era administrada por dois religiosos (um padre e um irmão, ou dois padres), ligados às respectivas comunidades jesuítas da cidade; eles podiam ser ajudados por índios e mestiços contratados, mas a mão-de-obra fundamental era formada por numerosa escravaria de origem africana.

Criava-se gado de corte e de serviço. Plantava-se, em escala, trigo e milho, mais uvas, pêsegos, marmelos, romãs e figos. Jesus Maria chegou a ter vinhedos com até 48.000 cepas para produção de vinho; outra estância tinha produção de pêsegos, com dezenas de milhares de pés. Para irrigação das plantações e dos pomares, e como força motriz para os moinhos de milho e trigo, eram construídas represas e se cavavam longos canais. Era importante para o mercado colonial o tecido de lã e de algodão produzido nos seus teares.

O melhor negócio era a criação e invernada de mulas, que eram vendidas para as estâncias de Santa Fé e de Buenos Aires ou para as minas de Potosi. Alta Gracia criava as mulas e Candelária as pastoreava antes da venda, rendendo anualmente entre 800 a 1.300 animais para o mercado.

A produção era feita por numerosa mão-de-obra escrava; seu resultado, na legislação eclesiástica do tempo, era considerado produto da terra e podia ser vendido para o mercado; mas era vedado aos religiosos comercializar o resultado de atividades de índios contratados, que também podiam ser tantos quanto os africanos. Santa Catalina chegou a ter 406 escravos africanos para cuidar das 12.000 cabeças de gado, 6.000 ovelhas, 6.000 mulas, de movimentar os teares, a

ferraria, a carpintaria, os dois moinhos e o monjolo. De maneira semelhante funcionavam as outras estâncias dos jesuítas de Córdoba.

Para abrigar os trabalhadores da estância se construía um grande quadrilátero, geralmente de dois pisos, com uma só entrada de fácil controle. Nele arranchavam os africanos e estavam instaladas as oficinas, a adega do vinho, o depósito dos alimentos e se guardavam os produtos. Um dos lados do quadrilátero era ocupado pela residência dos religiosos e pela igreja para a realização do culto, pois todos os trabalhadores eram cristãos. Algumas dessas igrejas foram construídas por arquitetos jesuítas famosos e são muito bonitas. A residência dos jesuítas estava sujeita a clausura e era vedado aos jesuítas visitar os escravos em seu trabalho.

A Província do Brasil, de jesuítas portugueses, também tinha grandes fazendas (esta era a denominação), movidas por escravos africanos. Apresentamos alguns dados sobre a Fazenda Santa Cruz, do Colégio do Rio de Janeiro, a partir de Serafim Leite (2004, p. 433s).

O rei de Portugal fundou, no século XVI, o Colégio do Rio de Janeiro para sede e apoio dos missionários que trabalhariam espalhados pelas aldeias indígenas da costa do Brasil; a fundação previa abrigo para 80 missionários., mas este número nunca se completou. A fazenda principal destinada a seu sustento era a Santa Cruz; através de doações e compras, ela chegou a cobrir dez léguas de terra em quadra, que se estendiam desde a costa marinha até a Serra de Matacões, em Vassouras, no norte do Rio de Janeiro.

Em 1742 a Fazenda Santa Cruz tinha 7.658 cabeças de gado bovino, 1.140 equinos e 200 ovinos. Ela costumava fornecer 500 cabeças de gado bovino para sustento do Colégio, além dos bois necessários para os trabalhos próprios e de outras fazendas dos religiosos. Ainda cultivava mandioca, feijão e algodão.

A mão-de-obra eram 700 escravos de origem africana, que em sua maior parte se encarregavam do pastoreio. Outros amansavam cavalos, e os mais industriais se ocupavam nas diversas oficinas da fazenda. As mulheres tratavam, sobretudo, da cultura da terra de que se tirava grande quantidade de farinha de mandioca e legumes. Eram também produzidas telhas e ladrilhos e se extraía madeira de toda a espécie para as construções.

O trabalho era feito por escravos porque os índios reunidos na aldeia missionária atendiam os fazendeiros portugueses, que os requisitavam para seus serviços, por temporadas, pagando a jornada estabelecida pela lei.

Serafim Leite diz que a Fazenda Santa Cruz formava um povoado, com o indispensável para uma vida civilizada: igreja, residência de sobrado para moradia dos jesuítas, hospedaria, escola de ensino rudimentar e de catequese, hospital, cadeia; havia variadas oficinas de trabalho, como ferraria, tecelagem, carpintaria, olaria, casa de cal, casa de farinha, descascador de arroz, curtume, alambique, engenho de açúcar e até estaleiro, no qual se fabricavam canoas e sumacas.

O pessoal da fazenda distribuía-se por centenas de habitações. Só o núcleo central da fazenda reunia 232 casas de escravos, em que as famílias viviam independentes.

A comparação com essas duas instituições, também ao cuidado de jesuítas, pode ajudar-nos a clarear a identidade das estâncias missioneiras das reduções. Elas se distinguem das estâncias dos colégios jesuítas da mesma Província e também das estâncias particulares dos povoadores espanhóis da Colônia Espanhola. Distinguem-se, ainda mais, das fazendas mantidas pelos colégios jesuítas da Província jesuítica do Brasil.

Nosso trabalho sobre a grande Estância de Yapeyú, olhando testemunhos preservados no município de Uruguaiana, pretende contribuir para o reconhecimento desta identidade.

6. O FINAL DA ESTÂNCIA MISSIONEIRA E O DEPOIS

El final de la estancia y el despues

O final da Estância de Yapeyú foi de sucessivos incidentes, que não a deixaram desenvolver.

A maior parte está ligada ao tratado de Madri (de 1750), que, num intento de regularizar a fronteira entre as possessões de Espanha e de Portugal, propõe trocar as sete reduções do lado esquerdo do rio Uruguai pela Colônia do Sacramento, em frente a Buenos Aires. De acordo com os mapas, a redução de Yapeyu estaria fora do tratado porque se encontrava no lado direito do rio, mas a estância de criação de gado estava, predominantemente, do lado esquerdo. (Ver Figura 3).

Por isso, quando as tropas espanholas do governador de Buenos Aires chegaram a Yapeyú em sua tarefa de estabelecer a nova fronteira, *uno de los Hermanos coadjutores al instante fue enviado para dirigir el traslado del ganado de los índios do lado esquerdo para o lado direito do rio*. Em 15 de agosto de 1752. (Carta ânua de 1750-1756. p. 39, cópia do IAP).

Terminada a ocupação das reduções da Banda Oriental do Uruguai pelas tropas demarcadoras, em 1756, o gado da estância foi posto como indenização pelos gastos da guerra.

En Buenos Aires se ha dado públicamente licencia que los vecinos de allá libremente pudiesen sacar cuanto ganado podían de la estancia del Pueblo de Yapeyú (...) con tal que la mitad sea para el Rey y la otra parte para quien la sacó (Carbonell de Masy, 1992, p. 279, nota 90).

Terminado o conflito o governador revogou esta autorização.

Don José Andonaegui, Tenente General dos Reais Exércitos de Sua Majestade, Governador e Capitão Geral das Províncias do Rio da Prata e das Missões Orientais e Ocidentais do Rio Uruguai.

Porquanto, com a obediência que renderam a Sua Majestade os povos de Missões desta banda e os situados na banda ocidental do Uruguai, cessou o motivo que deu ensejo para se tolerarem as extrações de gado, que os habitantes do povoado de Santo Domingo Soriano e dos distritos de La Gracia, Víboras e Vacas, sítios ao setentrião do Rio da Prata, faziam nas estâncias pertencentes ao Povo de Yapeyú.

Pela presente, mando a todos os habitantes do Reino, classes e habitantes dos citados distritos, de qualquer qualidade que sejam, que por nenhum pretexto continuem na mencionada extração de gado, sob pena de oito anos de desterro a quem se apanhar trabalhando com ração (comida) e sem soldo nas obras reais da Praça de Montevideú, além da perda do gado que levar e do confisco de seus bens. (Escandon, 1983, 362)

Embora, então, cessasse aquele dano, já cessou muito tarde e o gado continuava sendo furtado. A redução de Yapeyú ficou em tal estado de miséria, que não lhe era possível vender uma só de suas vacas a outros Povoados, pois as necessitava todas para si. E, por falta de cavalos, mal

conseguiu recolher as suficientes para seu sustento. Ela chegou a tal grau de depauperamento que, mesmo que aos outros Povos se tirassem 24.000 ou mais vacas para o sustento dos dois exércitos, ao de Yapeyú não se tirou uma só, pelo fato de estar de todo impossibilitada. Da mesma forma não estavam em condições de contribuir com muitas outras coisas, que se exigiam dos outros Povoados para a manutenção dos exércitos, v.g., biscoitos, farinha, milho, legumes, etc. (Escandon, 1983, p. 363).

Na redução de Yapeyú existiam, por ocasião da exclusão dos jesuitas, além do gado solto nos pastos, os seguintes valores de animais: 48.119 vacas de rodeio, 5.700 bois mansos, 46.118 ovelhas e carneiros, 6.596 vacas leiteiras, 1.338 éguas de criação de mulas, 2.761 éguas de criação de cavalos, 4.213 cavalos mansos, 2.264 novilhos potros, 1.185 potros de um e de dois anos, 340 mulas de um ano e 258 burras em cria. (Barrios-Pintos, 2011, p. 47).

Depois da saída dos missionários, a partir de 1775, a grande estância de Yapeyú, que cobria grande superfície no lado esquerdo e outra menor no lado direito do Uruguai, incluindo São Sebastião e Libertadora, foi administrada pelo Tenente-Governador de Yapeyú, Juan de San Martín, pai do General José de San Martín, grande negociador de gado. Ela fazia parte do Departamento de Yapeyú.

Tercer departamento de Yapeyu. Este departamento es el primero de los tres del Uruguay pertenecientes al obispado y gobierno de Buenos Aires, y también es el más inmediato de aquella capital. Consta de cuatro pueblos: Yapeyú, residencia del teniente, la Cruz, y Santo Tomé al oriente sobre la misma ribera, y San Borja al occidente poco distante.

Este es el departamento de mayores y mejores campos, y el que abastece de ganados a los otros. La jurisdicción de Yapeyú se extiende a más de 100 leguas por las márgenes del Uruguay al sur hasta el río Negro; y la de San Borja, poco menos al sur-este, hacia los llanos de Santa Tecla. En este grande espacio tiene muchas y grandes estancias pobladas de ganado de cuenta, que asciende a 300.000 cabezas; y fuera de ellas es innumerable el que llaman alzado, porque no está sujeto. (Doblas, 1836, p. 714s).

A partir de 1801 os portugueses se apossaram dos espaços espanhóis da margem esquerda do rio Uruguai, primeiro dos Sete Povos e logo também das estâncias ao sul do rio Ibicuí. Ali estabeleceram um “Corpo de Tropa”, que teria usado como arranchamento os prédios deixados pelas missões e as vacas das estâncias para sua alimentação. A ocupação portuguesa não implicou no desaparecimento dos índios missioneiros, apenas em sua desorganização e dispersão.

A partir de 1814 o governo brasileiro distribuiu as terras a populações lusas, especialmente a militares, sob o título de sesmarias. Os novos fazendeiros, que continuaram a criar gado no velho sistema, construíram sedes novas junto às antigas, incorporando a estas no que cabia, ou transformando-as para novas funções. Os antigos currais sofreram poucas modificações porque imediatamente úteis, mas a parte residencial foi moldada por novo estilo, português ou luso. É o que se vê em São Sebastião e na Libertadora, onde um novo prédio rompe um dos lados do quadrilátero habitacional. Em outras situações, os novos proprietários simplesmente arrancharam nas velhas estruturas, quando elas possuíam repartições suficientes, como aconteceu na Queimada e no Passo do Aferidor.

Em 1822 quase todas as terras do Rio Grande do Sul já tinham sido dadas.

A região das estâncias missioneiras do sul do rio, a que pertencia a estância de Yapeyú, começou a se reestruturar. E surgiu uma primeira capela para a região em Alegrete. Em 1818 começaram os registros de batizados: o primeiro é de 12.04.1818; o último de 25.12.1822.

Em 1816 a capela foi incendiada. Em 1817, Marquês de Alegrete trouxe a permissão para o erguimento de uma nova capela que teve a mesma invocação anterior: Capela de Nossa Senhora Aparecida de Alegrete.

Em 1820 a Capela de Alegrete foi elevada à categoria de Curato, possuindo um Cura que realizava os serviços de atendimento ao povo. Pela situação de fronteira avançada, o povoado foi crescendo, também por ser um ponto estratégico entre a Colônia do Sacramento e as Missões. Em 1831 foi elevada a categoria de Vila e no ano seguinte seus limites foram traçados. (Santi, 2004).

Depois, em 1843, foi criada a Capela do Rio Uruguai (Uruguaiana) e, em 1846, a Capela Curada do Rio Uruguai foi elevada à categoria de Vila de Uruguaiana. (Duarte, 2012, II, p. 100, nota 115).

Resumo e Conclusão

Síntesis conclusiva

O projeto que executamos propôs-se estudar o manejo e uso do gado pelos índios reunidos pelos jesuítas na Redução de Yapeyú. Ele abrange aspectos históricos, estruturais, funcionais e humanos conseguidos em pesquisa de campo, bibliográfica e documental.

A narrativa resultante possui um claro viés missioneiro, que o distingue de narrativas com orientação diferente, mesmo que tratem parcialmente dos mesmos conteúdos, como a rica *Historia de la Ganadería del Uruguay*, de Barrios-Pintos (2011) com enfoque mais nacional uruguaio.

A pesquisa bibliográfica proporcionou um primeiro esboço histórico: depois da extração generalizada de gado chimarrão de diversas vacarias de ambos os lados do rio Uruguai, houve uma primeira tentativa frustrada de estância na margem direita com índios Yaros (1657), a estância-missão San Andrés e, também em 1657, com guaranis, no rincão do Ibicuí, na margem esquerda do Uruguai, a Estância Santiago. Em 1694 se criou a Estância São José, no rincão do Quaraí, a qual incorporou a Santiago. Frente a intensa fome e falta de carne nas reduções na década de 1730, se criou, em 1731, dentro da Estância São José, no rincão do Queguay, um território separado exclusivamente para gado de corte, com a denominação de São José Novo. E, em 1740, se complementaram os postos de criação de gado de corte, com espaços para bois de serviço, vacas de leite, cavalos, mulas e ovelhas na proximidade da redução, na margem direita do rio. É o que se conhece em termos de gado por ocasião da retirada dos jesuítas, em 1768.

Nos dois primeiros períodos as estâncias, predominantemente, reuniam, conservavam e forneciam gado chimarrão trazido das vacarias, aparentemente sem muito manejo. No terceiro período buscam otimizar os resultados utilizando normas antigas elaboradas pelo padre Antônio Sepp (1958).

A extensão nominal da Estância de Yapeyú era imensa, mais de três milhões de hectares de terra (30.000 quilômetros quadrados), indo do rio Ibicuí ao rio Negro e do Miriñay ao Ibirapuitã. Dentro dele se criaram cascos sucessivos: Santiago, no Rincão do Ibicuí; São José, São Sebastião e Libertadora junto aos rios Quaraí e Ibirocaí; São José Novo, junto ao rio Queguay. E postos na margem direita, mais perto da redução. Os cascos e os postos se mantiveram até a retirada dos jesuítas em 1768.

Apesar do enorme território, a produção de carne foi sempre exígua, com empecilhos surgidos de tribos seminômades do território, oscilações climáticas, invasão de gafanhotos, epidemias nos homens e nos animais, requisição de animais e homens pela missão e pelo governo para ações militares ou trabalhos em obras públicas.

A função da estância era manter o gado reunido e sob controle, para o que havia um casco central e postos espalhados, principalmente pelos limites externos, para impedir a fuga e o roubo do gado.

No casco e nos postos, moravam famílias sob a coordenação de capatazes locais e de um capataz central, com a supervisão de um irmão jesuíta. A administração da estância, como um todo, era da redução; o cura-estancieiro a visitava periodicamente para fins administrativos e religiosos. Os moradores da estância continuavam fazendo parte da redução.

As estruturas se compunham de moradias para as famílias com sua horta e seu poço, de uma capela para as devoções diárias e semanais, de currais para o manejo, de poteiros para os rodeios, de galpões para os carros, os arreios, os materiais, as atividades artesanais, de açudes (*tajamares*) para dessedentar o gado, e de campos abertos para pastagem dos animais.

A produção era escoada, via terrestre, por caminhos secundários até o Caminho Real da margem esquerda, ou era passada pelos vaus do rio Uruguai para chegar ao Caminho Real da margem direita, que era a principal rota de gado das Missões.

O Caminho Real da margem esquerda passava pelo ondulado divisor de águas entre diversos afluentes do rio Uruguai, evitando os grandes cursos, ou mantendo estruturas de apoio em seus passos; o piso do caminho era delimitado por linhas de pedras, áreas alagadiças ou de solo instável eram calçadas; havia lugares de parada e hospedagem ao longo do percurso, como a Libertadora, a São Sebastião e a Santiago. Em nosso estudo destacamos dois passos pela importância nesse caminho, o Passo do Aferidor sobre o rio Uruguai em frente à redução, e o Passo dos Moura sobre o rio Ibirocaí, que era passagem para as estâncias missionárias de outras reduções, mais a Leste. Era considerável o movimento nesse Caminho, de pessoas, de tropas de gado, de mulas cargueiras ou para venda, de carretas, de tropas armadas a serviço da missão ou do governo provincial.

A Estância acompanhou a evolução da tecnologia construtiva do conjunto das reduções. Num primeiro momento, as construções seriam ranchos de troncos, ramos e palha à maneira das antigas construções indígenas; não mais as encontramos. Acompanhando a consolidação do povoamento, após a derrota dos bandeirantes paulistas, as construções passaram a ser de adobe (Santiago e em parte São José, manejo) ou de lajes de pedra sobrepostas sem argamassa (Aferidor e São José, administração), com telhados de palha ou telha-canoa. Com a chegada nas missões de arquitetos e escultores treinados na Europa, chegaram, também nas estâncias, alguns reflexos, como construções levantadas com blocos canteados e aberturas encimadas por arco, romano ou rebaixado, na Estância São Sebastião e na Estância Libertadora. Ao tempo em que nas igrejas das reduções se multiplicavam as esculturas religiosas (Bollini, 2009), certamente algumas, em tamanhos adequados, chegaram às capelas e aos nichos domésticos das estâncias, como se pode ver na Estância Libertadora. Nesse período a parte residencial do casco pode se constituir num reduto completamente fechado, com só um acesso de fácil controle, como na Libertadora e na São Sebastião. Ao tempo, toda a vizinha redução de La Cruz era cercada por um muro em razão da revolta dos índios Charrua e Minuano. (Bollini, 2009).

Os cascos recebiam uma primeira estruturação, bem visível na São Sebastião e Redentora, que, através das décadas ia sendo reacomodada ou acrescida. Se na parte antiga predomina a pedra, nas reacomodações e acréscimos, muitas vezes, se utiliza tijolo maciço, de possível produção local, ou mesmo o tijolo perfurado de produção industrial. Na Queimada há uma sequência de pedra, tijolo maciço e tijolo furado; na São Sebastião é mais comum a justaposição de pedra e tijolo maciço; na Libertadora há um entrevero entre pedra e tijolo maciço.

Os currais inicialmente seriam formados por estacadas de troncos cujas bases podiam ser reforçadas por blocos de pedra, como se pode ver em Santiago, no Aferidor e na Queimada.

Posteriormente se levantaram, a prumo, poderosas taipas de blocos de pedra, como na São José, na São Sebastião e na Libertadora. Em todas os cascos se encontram currais circulares e currais retangulares, sugerindo que teriam usos diferenciados.

Os poteiros para reunir o gado em rodeio, quando sobre a coxilha, podiam ser limitados por estacadas com bases reforçadas; quando na proximidade de arroios, usavam as matas ciliares do arroio principal e de seus afluentes, que complementavam com valos cavados pelo braço humano e, ainda, por taipas de pedra, como na Santiago.

Depois da retirada dos jesuítas, durante algum tempo, o espaço fez parte do Departamento de Yapeyú, que reunia as antigas reduções de Yapeyú, La Cruz, Santo Tomé e São Borja. Ele continuou sendo grande fornecedor de gado, uma quinta parte do gado das reduções. (Bollini, 2009, p. 249).

Em 1801 as instalações missioneiras do lado esquerdo do Uruguai foram conquistadas pelos portugueses da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A partir de 1802 os portugueses ultrapassaram o rio Ibicuí para o Sul e se apossaram das estâncias ali existentes. O espaço missioneiro passou a constituir a Província dos Sete Povos das Missões do Uruguai. A partir de então, elas participaram das peripécias do território brasileiro.

Em Uruguiana os testemunhos da estância continuam bem expressivos, ao contrário do que aconteceu na República Argentina, onde as reduções da margem direita do Uruguai foram arrasadas, em 1817, pelo general português Francisco das Chagas Santos, em sua perseguição ao líder indígena Andrés Guacurari (Andresito Artigas) e, no mesmo ano, as da margem esquerda do rio Paraná, pela ambição do doutor Francia, do Paraguai.

No lado brasileiro elas continuam bastante conservadas por seus donos, que as ocupam, com as devidas adaptações enquanto as consideram úteis. Como, no território, não houve maiores rupturas econômicas, permanecendo a criação de gado como economia básica e os proprietários são nativos da região, elas continuam tendo validade.

O que apresentamos é uma primeira narrativa, mais descritiva e documental que explicativa, das estruturas mais significativas, como introito para uma pesquisa de maior cobertura territorial, que deverá incluir as instalações da estância na República Oriental do Uruguay e na República Argentina. Mas, também, as estruturas menores da estância em Uruguiana.

Podemos questionar o desempenho da estância missioneira em abastecer a redução de carne, lã, animais para o serviço e o mercado regional. Apesar de sua extensão territorial, ela nunca chegou a ter o número de animais programado. As instalações tampouco alcançaram a riqueza e esplendor daquelas que mostramos de Córdoba e do Rio de Janeiro. Apenas na Estância de São Sebastião e na Redentora percebe-se um investimento maior.

Porém, mesmo com eficiência reduzida, sem a sua estância a redução de Yapeyú não teria como sobreviver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, R.V. 1990. *Os jesuítas dos 7 povos*. Canoas: Tipografia e Editora La Salle.
- BARRIOS-PINTOS, A. 2011. *400 años de Historia de la Ganadería en Uruguay*. Segunda edición corregida, aumentada e ilustrada. Con prólogo de Ana Ribeiro. Montevideo: Edición Cruz del Sur.
- BOLLINI, H. 2009. *Misiones jesuíticas. Visión artística y patrimonial. Voces y emblemas en las reducciones jesuítico-guaraníes, 1609-1768*. Buenos Aires: Corregidor.
- BORGES, E. da S.; BORGES, M. de F. S. 2016. Da ocupação do Planalto Rio-Grandense até a emancipação de Bom Jesus. In: Lúcia Maria Sgarbi Santos, Vera Lúcia Maciel Barroso, Gilse Leoni, Jandira Gomes da Silva, Sílvia da Silva, Adriana Guimarães, Ana Rovaris, Osmarete Stecanalla, (org.), *Raízes de Bom Jesus*. Porto Alegre, EST, vol. I, p. 85-90.
- BRUXEL, A. 1960. O gado na antiga Banda Oriental do Uruguai. 1. parte. *Pesquisas, História* 13, 107 p.
- BRUXEL, A. 1961. O gado na antiga Banda Oriental do Uruguai. 2. parte. *Pesquisas, História* 14, p. 117-212.
- CANSANELLO, P. 2010. *Plan de recuperación del Patrimonio cultural hispanico-guarani en el corredor del Rio Uruguay. Franja costera Concordia-Concepción del Uruguay*. Buenos Aires, Universidad del Salvador.
- CANSANELLO, P. 2017. La gran estancia de Yapeyú (1732-1806). *Actas de las XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*, Mar del Plata - 9, 10 y 11 de agosto de 2017.
- CARBONELL DE MASY, R. 1989. La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la Banda Oriental del Uruguay à la luz de documentación inédita, apenas conocida. *Pesquisas, História* 27, p. 13-48.
- CARBONELL DE MASY, R. 1992. *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaraníes (1609-1767)*. Barcelona: Anton Bosch, Instituto de Cooperación Ibero-americana, Instituto de Estudios Fiscales.
- CARDIEL, J. 1918. Costumbres de los Guaraníes. In: Muriel, Domingo. *Historia del Paraguay desde 1747*. Trad. del latín por Pablo Hernandez. Madrid: Librería General de Victoriano Suares.
- CARTAS ANUAS de la Provincia del Paraguay, años 1730-1735. Traducción Carlos Leonhardt, S.J., Buenos Aires, 1928. Transcripción del Instituto Anchietano de Pesquisas, 1994.
- CARTAS ANUAS de la Provincia del Paraguay, años 1750-1756. Traducción Carlos Leonhardt, S.J., Buenos Aires, 1928. Transcripción del Instituto Anchietano de Pesquisas, 1994.

- CLOS, D.A. 2012. *A mão dos jesuítas. A herança jesuítica no Município de Uruguaiana*. Uruguaiana: Gráfica Universitária.
- CUSTÓDIO, L.A.B. 2010. *Ordenamientos urbanos y arquitectónicos en el sistema reduccional jesuítico durante la Paracuaria: entre su normativa y su realización*. (Tese de doutorado). Sevilla, Universidad Pablo de Olavide. 341 páginas.
- De VARGAS, J.A. 2014. *A estância missioneira de Yapeyú. A Estância Santiago e o Passo do Aferidor*. (Dissertação de Metrado em História). São Leopoldo, Unisinos.
- De VARGAS, J.A.; SCHMITZ, P.I. 2015. O posto do Aferidor da grande estância missioneira de Yapeyú. *Revista do CEPA*, vol. 31, n. 43.
- De VARGAS, J.A.; SCHMITZ, P.I. 2016. A Estância Santiago da grande estância missioneira de Yapeyú. *Revista do CEPA*, vol. 34, n. 46.
- DOBLAS, Gonzalo de 1836. *Discurso preliminar à la Memoria sobre Misiones. Colección de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de La Plata por Pedro de Angelis*, tomo quinto. Con prólogos y notas de Andrés M. Carretero, Ed. Plus Ultra. Buenos Aires: Imprenta del Estado.
- DUARTE, R.P. 2012. *Perico, a sociedade rural do Prata e o Mundo Desenvolvido*. 3 volumes. Uruguaiana, edição do autor.
- ESCANDON, Juan. 1983. História da transmigração dos Sete Povos Orientais. Tradução de Arnaldo Bruxel, S.J. e Artur Rabuske, S.J. *Pesquisas, História* 23.
- ETZ, P.D. 2009. *Caminhos do Império: a estrada real de Uruguaiana, uma perspectiva histórica*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Uruguaiana, PUCRS.
- FONTTES, C.; DUARTE, R.P. 2002. *As estâncias contam a história*. Santa Maria, Edição dos autores.
- FURLONG-CARDIFF, G. 1936. *Cartografía jesuítica del Río de La Plata*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser, Ltda.
- FURLONG-CARDIFF, G. 1962. *Misiones y sus pueblos de guaranies*. Buenos Aires: Imprenta Balmes.
- HERNANDEZ, P. 1913. *Organización social de las doctrinas Guaraní de la Compañía de Jesús*. Barcelona: Custavo Gilli, 2 v.
- ISSLER DUPRAT, R. D. 2015. *Tras la huella del ganado en las misiones jesuítica-guaraníes*. (Tesis Doctoral). Granada: Universidad de Granada.
- LEVINTON, N. 2005. Las estancias de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú: tenencia de la tierra por uso continuo, acuerdo interétnico y derecho natural (misiones jesuíticas del Paraguay). *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 31, p. 33-51.
- LEVINTON, N.; SNIHUR, 2015. *Misiones: territorio de fronteras*. Buenos Aires: Contratiempo Ediciones.

- LEITE, S. S.J. 2004. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, tomos IV- V-VI. São Paulo: Edições Loyola.
- LÓPEZ MÁZ, J.M.; BRACCO, D. s.d. *Minuanos. Apuntes y notas para la historia y la arqueología del territorio Guenoa-Minuan. Indígenas de Uruguay, Argentina y Brasil*. Montevideo: Linardi y Risso.
- MAEDER, E.; GUTIERREZ, R. 1995. *Atlas histórico del Nordeste Argentino*. Resistencia, Chaco: CONICET/FUNDANORD.
- MAEDER, E.; GUTIERREZ, R. 2009. *Atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas de guaraníes. Argentina, Paraguay y Brasil*. Sevilla: Instituto Andaluza del Patrimonio Histórico.
- PAGE, C.A. 2011. Iglesias para negros en las estancias jesuíticas de Paraguay. In: Chamorro, G., Cavalcante, T.L., Vieira. *Fronteiras e identidades. Encontros e Desencontros entre povos indígenas e missões religiosas*. XIII Jornadas Internacionais sobre missões jesuíticas. São Bernardo do Campo: Ñanduti Editora.
- PAGE, C.A. 2016. *El camino de las estancias. Las estancias jesuíticas de Córdoba y la Manzana de la Compañía de Jesús, Patrimonio de la Humanidad*. 2ª. Ed. Córdoba, Argentina.
- PEREIRA, C.C. 2015. *80 Minuanos para Carlota Joaquina. A nação minuano/guenoa. História documentada pelos colonizadores no Pampa rio grandense e uruguayo*. Porto Alegre: Evangraf.
- PIANA, J.; CANSANELLO, P. 2015. *Memoriales de la Provincia Jesuítica del Paraguay, siglos XVII-XVIII*. Córdoba: Universidad Católica de Córdoba.
- ROGGE, J.H.; SCHMITZ, P.I.; CLOS, D.V. 2020. *As estâncias de Uruguaiana: memória e patrimônio em risco*. Oikos, São Leopoldo. No prelo.
- ROJAS, S. Estado general de las Doctrinas de Uruguay del año de 1707, en carta escrita al Padre Provincial de la Compañía de Jesús, por el Padre Salvador de Rojas, fecha en el Pueblo de Borja a 20 de Diciembre de 1708. In: Cortesão J. *Manuscritos da Coleção De Angelis, Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611-1758)*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1970, v. I, p. 229s.
- SANTI, J.R. 2004. *Estabelecimento de estâncias: estratégia imposta pela coroa luso-brasileira na fixação dos limites da fronteira oeste do Rio Grande do Sul*. (Mestrado em Integração Latino-Americana). Santa Maria, UFSM.
- SCHMITZ, P.I.; DE VARGAS, J.A.; ROGGE, J.H. 2017. As estâncias das reduções guaranis – a Estância Santiago. In: Policarpo Machado, I.A.; Zanotto, G. (org.). *Bens culturais: da pesquisa à educação patrimonial*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, p. 83-109.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; BEBER, M.V.; FERRASSO, S.; VARGAS, J.A. de. 2018. A grande estância da redução de Yapeyú. Resultados preliminares de um projeto de pesquisa. In: Deckmann Fleck; Rogge, J.H. (orgs.). *A ação global da Companhia de Jesus: embaixada política e mediação cultural*. São Leopoldo: Oikos, p. 405-445.
- SEPP, A., 1958. Algumas instruções relativas ao governo temporal das reduções em suas fábricas, sementeiras, estâncias e outras fainas. *Pesquisas*, vol. 2, p. 47-52.

- SEPP, A. 1971. *Relación del viaje a las misiones jesuíticas*, tomo 1. Eudeba, Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- SERRES, H.S. 2018. *As estâncias missioneiras da Banda Oriental do Rio Uruguai* (Tese de Doutorado). São Leopoldo, Unisinos.
- STORNI, H., S.J. 1980. *Catálogo de los Jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata). 1585-1768*. Roma: Institutum Historicum S.J.
- TOWNSEND, B.; MONGES, M.A. 2018. *Primera aproximación à la arqueología histórica de la Capilla de San Antonio: contextualización de un vestigio arquitectónico en el distrito de Trinidad-Paraguay*. Trabalho apresentado no III Congresso Internacional de Arqueologia de la Cuenca del Plata, UNISINOS, São Leopoldo.